

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**



1290003842

TCC/UNICAMP
G14e
1290003842/FE

Carolina Nozella Gama

Escola Pública e Privada:
Como se ensina matemática?

**Campinas
2008**

20080910

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Carolina Nozella Gama

**Escola Pública e Privada:
Como se ensina matemática?**

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da Universidade
Estadual de Campinas como parte
dos requisitos para a obtenção do
título de Bacharel em Pedagogia.

**Campinas
2008**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE	FE
Nº CHAMADA	
ICCT/UNICAMP	
9142	
V.	EX:
TOMBO: 3842	
PROC: 148109	
C: D: X	
PREÇO: 11,00	
DATA: 02/04/09	
Nº CPD:	

Cod. tit 437121

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Gama, Carolina Nozella.
G14e Escola pública e privada : como se ensina matemática? / Carolina Nozella
Gama. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Ana Maria Fonseca de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ensino de matemática. 2. Contexto escolar. 3. Desigualdade social. I.
Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

08-528-BFE

Folha de Aprovação

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Carolina Nozella Gama
Orientadora: Ana Maria Fonseca de Almeida

**Escola Pública e Privada:
Como se ensina matemática?**

**Ana Maria Fonseca de Almeida
(orientadora)**

**Dione Lucchesi de Carvalho
(segunda leitora)**

Data da aprovação: / /

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Dedicatória

*Dedico este trabalho a Julia Nozella,
grande mulher, a quem admiro e amo
imensamente.*

Agradecimentos

Às escolas que participaram da pesquisa;

Às diretoras e coordenadoras pedagógicas, pelo apoio;

Às professoras, que nos abriram as portas e nos permitiram uma observação e grande inserção em sala de aula;

Aos alunos e alunas das salas observadas, pelo carinho diário e pelo grande aprendizado que nos proporcionaram;

Às companheiras e companheiro de turma, pelo apoio, auxílio e compartilhamento de momentos de extrema alegria e também de desespero;

À Marília Moschkovich, grande companheira de campo e estudos e, hoje, grande amiga;

À minha orientadora, Ana Maria, pela troca de idéias, pelo respeito e pela confiança depositada em mim;

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio fundamental para que eu pudesse me dedicar a esta escolha.

RESUMO

Esta pesquisa procurou observar, descrever e analisar as diferenças no tratamento da matemática em duas escolas: uma pública, que atende alunos oriundos de famílias pouco escolarizadas e de poucos recursos econômicos, e uma escola privada, que atende alunos oriundos de famílias com alto nível de escolaridade e de médios recursos econômicos. Focalizou-se as experiências de ensino e de aprendizagem em que se encontram imersas as crianças de duas escolas de ensino fundamental do município de Campinas (SP), tendo em vista os seguintes objetivos: i) estudar, por meio de análise de documentos e materiais escolares, além de entrevistas, a maneira como o ensino da matemática é proposto em duas escolas fundamentais; ii) examinar o trabalho concretamente desenvolvido por meio da observação de atividades em diferentes situações, procurando identificar e descrever as atividades que podem ser concebidas, de forma explícita ou não, como parte do ensino de matemática e iii) relacionar i e ii para captar e descrever o(s) universo(s) de percepção e competência em matemática que emerge(m) desses dois tipos de experiência de escolarização.

Para a consecução desses objetivos, estudamos o trabalho pedagógico desenvolvido numa turma de quarto ano do ensino fundamental de cada escola. Esse estudo apoiou-se, de um lado, em uma observação *in loco* das práticas pedagógicas, por meio da qual procuramos identificar as estratégias educacionais implementadas (as práticas pedagógicas e materiais de ensino utilizados), as formas de relação propostas para com o conhecimento matemático e as expectativas de aprendizagem com relação a cada grupo de alunos. De outro lado, esta pesquisa fundamentou-se no estudo das características sociais dos alunos e dos profissionais responsáveis por definir a forma de

organização do trabalho pedagógico nessa área do ensino em cada escola. Isso nos permitiu captar e descrever as diferenças no ensino de matemática nas duas escolas e nos ajudou a relacioná-las com as diferenças sociais observadas entre os alunos.

Palavras chaves: segmentação do sistema de ensino; ensino de matemática; contexto escolar e desigualdade social.

SUMÁRIO

Introdução	8
A pesquisa	9
Categorias de análise	11
Capítulo 1 – Caracterização das escolas	
1.1 Escola 1 – Privada	15
1.2. Escola 2 – Pública	17
1.3. Algumas observações sobre o funcionamento das escolas	19
1.4. Caracterização das turmas estudadas/observadas	21
1.5. O espaço físico das salas de aula	21
1.6. Condições de trabalho e infra-estrutura das escolas	23
Capítulo 2 – Formação dos pais e professores e suas influências no ensino	
2.1 Formação e ocupação dos pais/responsáveis pelos alunos	25
2.2. Envolvimento dos pais/responsáveis na vida escolar dos filhos	26
2.3. Formação das professoras	31
2.4. Percepção das professoras acerca dos alunos	32
2.5. Relação professoras-alunos (as)	34
Capítulo 3 - O ensino da matemática nas escolas 1 e 2	
3.1. Conteúdos de matemática do 4 ° ano do ciclo	37
3.2. Planejamento e organização das aulas	38
3.3. Conteúdos de matemática trabalhados	40
3.3.1. Levantamento das atividades de matemática nas duas turmas	40
Considerações finais	53
Referências Bibliográficas	55
Anexos	
Anexo A - Guia de observação	58
Anexo B - Transcrição da entrevista realizada com a professora Antônio	60
Anexo C - Transcrição da entrevista realizada com a professora Betânia	69
Anexo D - Anotações do diário de campo Escola Privada	76
Anexo E - Anotações do diário de campo Escola Pública	98

INTRODUÇÃO

Por meio de um estudo da maneira como se estrutura o ensino de matemática em escolas reservadas aos grupos populares e às classes médias, buscamos problematizar a maneira como a escola contribui para construir não apenas uma competência específica, no caso a matemática, mas também a maneira como as crianças de diferentes grupos sociais vão moldando sua visão de mundo e do lugar que nele ocupam. Estudos como o de Hoadley (2007) mostram-nos que um dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais de classe é a variação das práticas pedagógicas adotadas no interior das escolas. Mais especificamente, a pesquisa demonstra que a escola e as práticas de ensino aí adotadas potencializam as diferenças entre os estudantes, deixando em desvantagem os grupos populares. Esse trabalho se insere nesse campo de estudos. Seu objetivo principal foi estudar, por meio da análise de documentos e materiais escolares, além de entrevistas com professoras e observações de situações de ensino, a maneira como o ensino da matemática é proposto em duas escolas de ensino fundamental do município de Campinas (SP), uma pública e uma privada.

A PESQUISA

Uma das dimensões do trabalho consistiu na realização de levantamento sistemático da produção bibliográfica sobre o tema. A intenção foi mapear com maior precisão o debate em torno do ensino e aprendizagem da matemática no Brasil.

Outra dimensão do trabalho consistiu em explorar as idéias que orientam o trabalho das professoras estudadas. Além de documentos escolares, como o projeto pedagógico, os cadernos dos alunos e os textos de planejamento das professoras, foram estudadas e discutidas as matrizes que inspiraram esses documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Paralelamente, iniciou-se um outro tipo de trabalho na escola. Nesse terreno, a primeira fonte de informações que a pesquisa utilizou foram as entrevistas com as professoras. As entrevistas foram organizadas com o intuito de buscar respostas sobre as atividades que desenvolvem, os seus objetivos em relação ao ensino da matemática. As entrevistas serviram também para se reunir informações sobre a história pessoal de cada uma delas, principalmente no que diz respeito à história familiar e profissional, a fim de entender o que pensam, o que dizem fazer com o ensino de matemática, o que pretendem obter com a forma de ensinar que escolhem, que formação têm, sua experiência profissional e qual a sua relação pessoal com a matemática.

A segunda fonte foi a observação das aulas e de outros espaços e tempos da escola. Com isto, pretendíamos captar e explorar o universo de ensino da matemática no qual estão imersos os alunos dos grupos populares e da classe média. Para isso focalizamos alguns pontos-chave: o uso de livros didáticos (quais) ou opção pelo não-uso, participação dos alunos no processo (qual é e como se dá), dinâmica de aula

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Por meio de um estudo sobre a maneira como se estruturam as diferenças no ensino de matemática entre as escolas que atendem os grupos populares e os grupos médios, é possível problematizar o papel da escola na construção, junto às crianças, não apenas de uma competência técnica específica, mas também de uma visão de mundo, contribuindo para definir em cada indivíduo uma percepção, que não é individual, do lugar que ele pode ocupar na sociedade, regulado por noções do que é “apropriado” ou “inaceitável” ou “fora de alcance” para cada grupo social. Compreendemos esse processo como parte de um processo mais geral a que damos o nome de “socialização”. Essa hipótese foi construída com base nos estudos de Pierre Bourdieu (1975, 1998a, 1998b), que atribuem à força socializadora da escola um papel importante na construção e na permanência das desigualdades sociais ao longo do tempo.

O foco do meu trabalho, portanto, foi a problematização do desempenho desigual das crianças no interior desse quadro analítico. Supondo-se que a inteligência seja um atributo nato aleatoriamente distribuído pela população, sem razão para estar mais concentrado num grupo social, num sexo ou numa etnia, cabe tomar como hipótese a idéia de que as diferenças de desempenho estão relacionadas com a estrutura desigual da sociedade brasileira. O desafio é compreender como as operações técnicas de tratamento de um conteúdo escolar específico podem estar perpassadas por essa questão. Procurei, assim, por meio do estudo da bibliografia especializada, compreender como se explica hoje as diferenças de desempenho escolar.

Um primeiro conjunto de estudos, desenvolvidos desde a década de 60, documenta a forte relação entre o desempenho escolar e as características sociais dos

alunos. Entre esses estudos, um grupo sustenta que essa relação se implementa por meio de processos escolares concretos. Alguns destacam a importância da relação entre professores e alunos nesse processo, mostrando que a maneira como os alunos são percebidos pelas autoridades escolares define em boa medida o desempenho desses (Bressoux, 2003). Da mesma maneira, a classe social, percebida por meio de uma série de indicadores sobre as condições econômicas e a organização da família, tem sido identificada também como um preditor, para os professores, da capacidade dos alunos se saírem mal ou bem numa determinada área. Isso explicaria porque as crianças oriundas das famílias dos grupos médios e médios altos urbanos se saíam melhor na escola do que as crianças dos grupos populares e muito ricos (Almeida e Nogueira, 1999).

Assim, consideramos pertinente, com base nos argumentos anteriores, tomar como categoria de análise a *classe social* para problematizar o ensino de matemática que se desenvolve nas duas escolas em foco. Como indicador de classe social, será levado em consideração, além da ocupação, a formação escolar dos pais das duas turmas em questão, numa tentativa de classificar as famílias não apenas em termos da sua situação econômica, mas também em termos da proximidade ou distância destas com relação à escola, sendo essa uma forma de objetivar o capital cultural do grupo familiar.

A partir da década de 90, tornaram-se mais numerosos os estudos que têm como objetivo buscar por explicações para essas diferenças na forma de organização da escola. Procura-se, nessa literatura, por um chamado “efeito escola” na produção das diferenças de desempenho (Bressoux, 2003; Soares, 2004; Alves e Soares, 2007). Estudos como o de Hoadley (2007) mostram como a reprodução das desigualdades

sociais de classe dá-se por meio da variação das práticas pedagógicas adotadas em uma ou outra escola. Essa autora mostra como, em escolas primárias na África do Sul, o potencial para adquirir o código escolar, no caso, o conhecimento matemático especializado, é seriamente minado no cotidiano das escolas que atendem grupos populares. Enquanto no contexto escolar da classe média, a transmissão de significados e conhecimentos relaciona-se fortemente a um código escolar específico e particular, o conhecimento abstrato, no contexto escolar dos grupos populares, predominantemente, trabalha-se com o conhecimento cotidiano.

Além disto, a literatura especializada indica que há uma correlação significativa entre envolvimento dos pais e desempenho dos alunos. No entanto, como observou Lareau (2000), em pesquisa realizada nos Estados Unidos, os estudos mostram que o envolvimento dos pais na educação dos filhos varia de acordo com a classe social. Sua pesquisa documenta como isso acontece, mostrando que as famílias pouco escolarizadas tendem mais a delegar o ensino totalmente aos professores, acreditando que não têm nada a acrescentar diante dos especialistas. Lareau mostra também que esse envolvimento tem um efeito importante na relação que as crianças estabelecem com a escola e com o conhecimento e aprendizagem. Sendo assim, o *envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos* passa a ser mais um ponto a ser observado, analisado e considerado nos diferentes contextos escolares estudados nessa pesquisa.

Quanto aos aspectos mais subjetivos da questão do desempenho escolar, o aprofundamento das leituras possibilitou-nos perceber a importância de atentarmos para os discursos proferidos pelos professores, visto que, muitas vezes estes discursos aparecem marcados por estereótipos e preconceitos que têm efeitos sobre o desempenho escolar das crianças. Trata-se aqui de uma relação documentada pelo menos desde a

publicação, em 1968, do famoso livro “Pygmaleão em Sala de Aula”. Por esta razão decidimos utilizar a *categoria percepção dos professores sobre seus alunos* como possível elemento influente no cenário do ensino-aprendizagem de matemática. Com isso, poderemos verificar, por um lado, se existe ou não, nos seus discursos, uma tendência a valorizar ou desvalorizar determinadas características dos alunos relacionando-a ou não com sua capacidade de aprender matemática e, por outro lado, se imaginam um futuro pessoal e profissional que passa pelo uso do diploma. Estas reflexões nos levam a realizar os seguintes questionamentos: como as diferenças de desempenho em matemática são vistas e tratadas pelas professoras ou professores; como professoras e professores descrevem seus alunos; quais são os estudantes apontados por eles como os que têm ‘melhor’ ou ‘pior’ desempenho em matemática; quais as características comuns a esses alunos, como pensam o futuro escolar e profissional desses alunos.

Considerando os apontamentos realizados acima, e lembrando que a presente pesquisa está vinculada a um projeto mais amplo que tem como objetivo compreender de que maneira as experiências educacionais na família, na escola e em outras instâncias de socialização podem estar relacionadas à construção das fronteiras simbólicas e materiais que definem as relações entre diferentes grupos sociais, focalizando *dois bairros vizinhos*; um de *classe média*, e o outro constituído por famílias dos *grupos populares*¹, descrevemos a seguir as duas escolas onde foi realizada esta pesquisa.

¹ Trata-se de um projeto comparativo internacional sediado no Focus (Grupo de Pesquisa sobre a Instituição Escolar e Organizações Escolares da Faculdade de Educação), reunindo pesquisadores brasileiros, franceses, suecos e romenos. A coordenação da parte brasileira é da Profa. Ana Maria F. Almeida e a coordenação geral do projeto é da Profa. Monique de Saint Martin, da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris.

CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

Este primeiro capítulo busca caracterizar as escolas pesquisadas. Realizamos alguns apontamentos sobre a origem das instituições, o contexto social dos bairros em que estão localizadas, o público ao qual atendem, a classe social destes. Através da descrição de situações e de espaços escolares observados traçamos um paralelo entre o funcionamento das escolas e suas implicações nas práticas de ensino e aprendizagem. Pontuamos as diferenças de infra-estrutura das instituições, como o espaço físico (salas de aula, quadra, biblioteca, pátio, entre outros) das escolas e o apoio material e pedagógico oferecido aos seus professores, buscando com isto, discutir as influências destes aspectos estruturais nas condições de trabalho docente em uma e em outra instituição.

Avaliamos que a caracterização das instituições e das turmas focalizadas pela pesquisa faz-se essencial neste estudo, visto que, nos auxiliará a compreender de maneira mais densa as diversas esferas que circunscrevem o campo das práticas escolares, mais especificamente, as práticas do ensino de matemática.

1.1. Escola 1 - Privada

A escola privada focalizada atende cerca de 170 crianças a partir da Educação Infantil (crianças com 3 anos de idade) até o 9º ano do Ensino Fundamental. Os alunos são oriundos das famílias de classe média de um dos bairros em foco, predominantemente filhos de professores e funcionários da grande universidade pública que se encontra nas suas proximidades. As frações de classe média ali atendidas caracterizam-se principalmente pelo fato de disporem de credenciais escolares

significativas. Trata-se de uma escola criada em 1976 por um casal, um pedagogo e uma psicanalista, com o objetivo de ser uma escola de vanguarda e alternativa à escola tradicional. Apesar do enfoque aqui não ser a história dessa escola, creio ser importante, para a compreensão do nosso estudo, fazer alguns apontamentos sobre ela, na medida em que nos ajuda a compreender as tomadas de decisão pedagógica que ali têm lugar.

Uma dissertação de mestrado que trata justamente dessa escola mostra que as escolas alternativas que foram um grande sucesso na década de 1970 foram muito influenciadas pelas transformações sócio-culturais ocorridas durante a década anterior, tendo sofrido forte influência da *Pedagogia Nova e do Construtivismo*, posicionando-se na contra-mão do sistema de ensino predominante no período, adotando um discurso progressista e de contestação e fazendo uso das idéias libertárias, oriundas do movimento anarquista. No seu esforço para vingar em meio a uma alta concorrência, elas eram obrigadas a se especializar em termos da clientela. A autora nos oferece alguns elementos que permitem uma melhor compreensão do funcionamento atual da escola, notando que a escola passou por algumas crises ao longo dos anos 80, em decorrência do baixo crescimento quantitativo no número de estudantes que tornou muito caras as mensalidades para aquele público específico, da expansão da faixa etária dos alunos e, principalmente, de uma crescente mudança de expectativas dos pais. Tudo isso fez com que a escola repensasse seu projeto pedagógico, dando mais espaço para o desenvolvimento dos conteúdos.

A autora observa que a crescente institucionalização, entendida como aproximação do “modelo oficial”, incorporou novas palavras ao discurso pedagógico, inseriu em seu currículo o “saber oficial” e, assim, abriu espaço para uma nova clientela advinda de outras trajetórias sociais, dotada de outros valores e visões de mundo e de

outras expectativas em relação ao lugar social da escola. Mesmo assim, conseguiu manter algumas características que ainda a distinguem de outras escolas de Campinas. Características como espaço físico, o número reduzido de alunos por sala, e uma metodologia que prioriza o ensinamento de conceitos e não a memorização de conteúdos. Características que ainda lhe confere alguma distinção em relação a outras escolas privadas e, portanto, atraem algumas famílias que também buscam alguma distinção na educação de seus filhos. Alguns professores da própria escola ali matricularam os seus filhos em idade escolar. Numa conversa preliminar, a atual diretora nos informou que vários dos alunos que ali finalizam a 8ª série seguem sua escolaridade em bons colégios privados da cidade e mesmo nas escolas técnicas mais bem conceituadas (caso do Cotuca e da Etecap), se inserindo mais tarde nas universidades públicas da região. Isso parece indicar que a escola oferece de fato uma escolaridade que pode ser considerada de bom nível pelos padrões em vigor no nosso país.

1.2. Escola 2 - Pública

A escola pública onde foi desenvolvida a pesquisa atende as crianças das famílias dos grupos populares também a partir do 1º. ano (seis anos de idade), caracterizados por disporem de poucas credenciais escolares e se inserirem principalmente em postos informais do mercado de trabalho, sendo em sua maioria empregadas domésticas e trabalhadores manuais. Trata-se de uma escola pública municipal bem estruturada e várias professoras dizem adotar o construtivismo como linha de trabalho. O bairro onde ela se insere era, na origem, um bairro de chacareiros, pequenos produtores de frutas e legumes para o mercado campineiro. A partir dos anos

70, esse bairro passou a atrair famílias dos grupos médios. Os antigos proprietários, em sua maioria, venderam suas chácaras para esses recém-chegados e compraram terrenos menores num novo bairro implantado nas proximidades. As famílias dos grupos populares que vivem no próprio bairro da escola chegaram mais recentemente ali, oriundos do interior do estado de São Paulo e de outros estados do país. Eles vivem em casas precárias. Não se trata de um bairro violento, embora alguns episódios, ao que se sabe, ligados ao tráfico de drogas e ao latrocínio, tenham vitimado três jovens nas imediações neste ano de 2008.

A criação desta escola pública em 1978 foi resultado de um movimento de reivindicação das famílias que contavam apenas com escolas públicas muito distantes para enviar seus filhos. Algumas famílias de classe média que se implantavam na região à época participaram dessa iniciativa e chegaram a utilizar essa escola por boa parte dos anos 80. Isso não acontece mais. Hoje a escolarização dos filhos das famílias de classe média se dá de forma totalmente segregada da escolarização dos filhos das famílias de classe popular com quem compartilham o bairro. Várias professoras são moradoras deste e de outros bairros vizinhos. Elas têm uma posição nítida de classe média e seus filhos estudam em escolas privadas da cidade. A escola recebe hoje 540 alunos em três turnos.

O conteúdo escolar trabalhado tem relação direta com os parâmetros curriculares, embora o quadro de professores, mais estável do que o da escola privada, tenha autonomia para propor alternativas e de fato o façam.

1.3. Algumas considerações sobre o funcionamento das escolas

As considerações realizadas a seguir são um extrato do relatório de pesquisa coletivo "Experiences éducatives et construction de frontières", o relatório expõe os resultados obtidos pela pesquisa comparativa internacional matricial, que como apontamos anteriormente, identificou e comparou as experiências educativas em famílias de diferentes grupos sociais em quatro países: França, Suécia, Romênia e Brasil.

O relatório expõe que ao chegarem na escola privada, os alunos se deparam com um portão aberto e, ao lado, um funcionário da escola que acompanha a entrada e saída das crianças, dirigindo-se a todas elas pelo primeiro nome e com muita familiaridade. A maioria dos alunos chega de carro, acompanhada dos pais. Quando são pequenos, a mãe pode conduzir a criança até a entrada da classe. Um atraso de 30 minutos é considerado normal. Apenas quando isso se torna muito freqüente, os pais são chamados na escola. Já a chegada na escola pública se passa de modo bastante diferente. Os alunos encontram o portão trancado e, ao lado, um guarda uniformizado. A maioria chega desacompanhada por adultos e vêm, em geral, à pé, de bicicleta, de ônibus circular ou cedido pelo município. Apenas uns poucos chegam de carro. Os alunos esperam do lado de fora da escola, na rua, e não têm autorização para entrar na escola enquanto não soar o sinal. Nesse momento, os portões são abertos, os alunos entram na escola e o portão é novamente trancado com cadeado. A direção segue rigorosamente os horários e os pais são advertidos imediatamente após atrasos.

O tempo reservado às recreações e às refeições também são reveladores das disposições que a escola reforça. Na escola 1- privada, o tempo destinado a essas atividades é de 30 minutos, enquanto os alunos podem escolher onde farão seus lanches

(se à mesa com professores ou se com os colegas sob as árvores, ou mesmo, ao lado do parquinho). Após o lanche, eles brincam. Na escola 2- pública, os alunos têm 15 minutos para a refeição e para o recreio. Eles devem sentar-se na mesa do refeitório primeiro e só depois têm autorização para ir brincar.

A formação dos professores é similar nas duas escolas, embora na escola privada haja mais estudantes de mestrado e doutorado que se tornaram professores para obter uma renda durante esse período de formação. O salário é mais alto na escola pública e, para o caso dos efetivos, há estabilidade no emprego e promessa de aposentadoria integral. Os professores da escola pública são mais estáveis. Há professores com mais de 20 anos ali e que trabalham hoje com os filhos de seus antigos alunos dos anos 70.

As diferenças em relação à maneira como se dá o agrupamento dos alunos. A escola privada forma turmas de 20 alunos em média (algumas são menores) e desloca dois professores por turma para os primeiros anos. Na escola pública, as turmas são formadas por grupos de 30 a 35 alunos que ficam sob a responsabilidade de um único professor.

O espaço físico é bastante distinto nas duas escolas, a escola 1 é mais arborizada, conta com parque e brinquedos: balanços, casinha do “Tarzan”, escorregador, trepa-trepa, tanque de areia, casinha de boneca e duas quadras, uma de areia e outra cimentada, além de um outro espaço com várias árvores e plantas que serve como uma espécie de pátio ao ar livre. Já a escola 2 não tem parque, nem brinquedos disponíveis, conta com uma quadra de cimento e com algumas árvores, a escola quase não tem espaços planos, seu ambiente é praticamente todo cimentado. Durante o recreio da escola 1, as crianças se espalham pelo parque, jogam bola na quadra, sobem nas árvores, correm, brincam no parque no escorregador, nos balanços e na casinha do

“Tarzan”, elas têm vários espaços disponíveis para brincar. Durante o recreio da escola 2, o mais freqüente, é as crianças brincarem na quadra de correr, de pega-pega ou de jogar bola, elas tem poucas possibilidades de espaços e brinquedos para escolherem.

1.4. Caracterização das turmas observadas/estudadas

Acompanhamos o trabalho desenvolvido em duas turmas de 4º ano do ciclo do Ensino Fundamental das escolas anteriormente citadas. Uma turma 1 da escola privada e uma turma 2 da escola pública. As crianças destas duas turmas têm em média 9 anos de idade. Na escola 1 (privada), a turma observada é composta por 20 crianças, sendo 13 meninos e 7 meninas. Nesta turma não há nenhum aluno negro, aliás, durante as observações feitas encontramos apenas 3 crianças negras estudando na escola 1. Na escola 2 (pública), a turma tem 29 crianças, sendo 12 meninas e 17 meninos. Dentre elas, 5 crianças são negras, e aproximadamente 15 são pardas, na escola como um todo encontramos um número grande de alunos negros e pardos matriculados.

1.5. O espaço físico das salas de aula

A turma 1 conta com uma sala de aula “exclusiva”, utilizada só por ela, não divide a sala com turmas de outros períodos, mesmo porque a escola 1 só tem aulas no período da manhã, e cada turma da escola tem sua sala própria. Já na escola 2, a turma 2 divide a sala de aula com as turmas de outros períodos: com uma 7ª série no período da tarde, e com uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos) que utiliza a sala no período noturno. A escola 2 funciona portando, em três períodos: manhã, tarde e noite. O fato de ter um espaço exclusivo de aula permite que a turma deixe expostos com

tranquilidade seus trabalhos nas paredes da sala, sem a preocupação de que estes sejam danificados pelos colegas de outras turmas. Além disto, a professora pode guardar os materiais pedagógicos que utiliza, além do material das crianças, como cadernos, livros, pastas, lápis, sem ter a preocupação de trancar seus objetos em armários a fim de protegê-los. O espaço de aula de uso exclusivo permite também que a turma deixe a sala organizada, a disposição do mobiliário, carteiras, cadeiras, mesas e armário, como considerar melhor para o desenvolvimento do trabalho realizado diariamente, sem ter que deixar a sala organizada de uma determinada forma para a turma do próximo período, e eles assim o fazem. No caso da turma 2, que divide a sala de aula com outras turmas, eles guardam alguns de seus materiais pedagógicos em um armário de ferro que fica no fundo da sala, este armário no final do período de aula é trancado com um cadeado pela professora. A turma não deixa seus trabalhos, cadernos ou outros materiais na sala, pois segundo a professora não há condições de se fazer isso. Diz que já tentou deixar as produções das crianças expostas, mas que no outro dia os trabalhos amanhecem rasgados e rabiscados. Conforme observamos, a turma e precisa organizar suas carteiras e cadeiras diariamente em grupos e desfazê-los no final do período, já que outras turmas trabalham com a disposição das carteiras em fileiras. Além do mais, o mobiliário da escola 2 não facilita ou propicia a organização da turma para trabalharem em grupos como preferiria a professora, já que suas carteiras são individuais, móveis pesados, feitos em ferro e madeira, diferentemente dos móveis da escola 1, onde há mesas sextavadas com seis lugares, cadeiras leves de plástico, o que favorece a organização da turma em grupo e facilita a montagem de rodas de leitura e conversa, prática cotidiana em ambas as turmas observadas.

Ambas as turmas contam com uma sala de aula razoavelmente grande e arejada. A iluminação e a acústica da sala de aula da turma 1 é melhor do que a da turma 2 e

quase não se escuta barulho exterior durante as aulas na primeira turma. As aulas na turma 2, por outro lado, são assoladas, em diversos momentos, por bastante ruído externo. Em um dos dias observados, a professora da turma 2 (num desses momentos ruidosos), para o que estava fazendo, fecha a porta da sala e comenta comigo: - “A arquitetura da escola não ajuda!”. A arquitetura do prédio escolar concentra/abafa o som do refeitório que é coberto e fechado, e fica muito próximo das salas de aula.

1.6. Condições de trabalho e infra-estrutura das escolas

Na escola 1, grande parte das atividades propostas, após serem montadas pela professora, são ‘xerocadas’ na própria escola. A escola tem uma máquina de ‘xerox’ e uma funcionária que dá este apoio aos professores. Verificamos que alguns textos entregues às crianças da turma 1 chega ter até três folhas frente e verso e algumas imagens coloridas. Antônio, professora da escola 1, conta com este apoio material e pedagógico, além de outros materiais que pode pedir para que a escola compre se já não possuir, sem muita dificuldade. Quanto aos passeios feitos pela turma, como alguma visita dirigida a um local que estejam estudando, por exemplo, o planetário, estes são prontamente financiados pelos pais sem grandes problemas, pagam o ônibus, a entrada no lugar, o lanche que os filhos farão.

Betânia, professora da escola 2, utiliza a sua impressora pessoal para imprimir todo o material que utiliza e distribui para as crianças, já que a escola não tem máquina de ‘xerox’, e nem tem uma pessoa que auxilie seus professores na preparação de atividades. Os passeios realizados pela turma 2 geralmente são pagos através de rifas organizadas por eles. Na verdade, esta é uma decisão da professora, pois sabe que algumas famílias não têm condições de financiar os passeios dos filhos, então para que

todas as crianças possam ir ao passeio propõe a realização de rifas para a turma. Acompanhei a rifa que fizeram para pagarem o ônibus ao passeio ao museu, rifaram uma abóbora que a professora Betânia havia ganhado e obtiveram R\$ 68,00 reais.

A turma focalizada na escola 1 vai à biblioteca retirar livros com a professora uma vez por semana, embora este espaço nesta escola seja razoavelmente pequeno, possua poucos livros e não permaneça aberto para que as crianças o frequentem quando queiram. A turma observada na escola 2 não vai à biblioteca e nem retira livros para lerem em casa, embora o espaço destinado à biblioteca é maior e contenha uma quantidade de livros superior ao da biblioteca da escola 1. No entanto, a biblioteca está praticamente abandonada e serve como almoxarifado, depósito de livros didáticos, e como sala de reunião de Trabalho Docente Coletivo (TDC), e outras reuniões que agreguem um número maior de pessoas, já que a escola não tem um espaço específico e adequado para realizar grandes reuniões. A administração da escola está tentando conseguir que a prefeitura municipal aprove um projeto para a reforma e organização da biblioteca que está com uma de suas paredes desmoronando, mas ainda não obtiveram esta aprovação.

CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DOS PAIS E PROFESSORES E INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS

Neste segundo capítulo discutiremos o nível de escolaridade e ocupação dos pais ou responsáveis pelos alunos que freqüentam as escolas pesquisadas. Trataremos da relação que se estabelece entre a formação escolar dos pais ou responsáveis e o envolvimento e participação dos mesmos na vida escolar dos filhos. Além disto, tentaremos discutir a maneira pela qual se estabelecem, e em que condições se dão essas relações entre as famílias (de classe média e dos grupos populares) e as escolas. Consideramos importante realizarmos esta discussão, já que esta participação se distingue em uma e em outra classe social, e é uma queixa recorrente no campo das escolas públicas, entre os diretores, coordenadores e professores, a falta de participação dos pais na escola.

Abordaremos ainda neste capítulo a formação das professoras das turmas focalizadas e a relação que estas estabelecem com a matemática, buscando pensar de que maneira esta relação se evidencia nas práticas pedagógicas que desenvolvem. Trabalharemos também com o discurso proferido pelas professoras no que se refere à visão que estas tem dos seus alunos, e a relação que estabelecem com eles.

2.1. Formação e ocupação dos pais de alunos(as)

A ocupação e formação dos pais da escola 1 é predominantemente de professores universitários, profissionais liberais, altos funcionários do setor privado, pequenos comerciantes e funcionários de uma universidade pública, formados no Ensino Superior completo. A ocupação das mães nesta escola é de professoras

primárias, funcionárias de uma universidade pública e donas de casa, a formação das mesmas varia entre as que possuem Ensino Fundamental e Ensino Superior completo, com predominância do Superior Completo.

Já a ocupação dos pais da escola 2, tem um predomínio de trabalhadores manuais: pedreiros, pintores, caminhoneiros; e operários qualificados em menor número: eletricitas por exemplo, cuja formação é, majoritariamente, de Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio incompleto. As mães são, em sua maioria, empregadas domésticas, cozinheiras, empregadas do comércio, donas de casa que cursaram o Ensino Fundamental, algumas completo, outras incompleto, ou Ensino Médio incompleto.

2.2. Envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos

Como citamos anteriormente, uma das categorias de análise elencadas neste estudo foi o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. Com relação a isto, Lareau, (2000) afirma que a classe social influencia a participação dos pais na escola de seus filhos, sua pesquisa demonstra que os pais da classe média escolarizada se envolvem e participam mais da vida escolar dos filhos, que os pais dos grupos populares pouco escolarizados.

“... social class has a powerful influence on parent involvement patterns. For example, between forty to sixty per cent of working-class and lower-class parents fail to attend parent-teacher conferences. For middle-class parents these figures are nearly halved about twenty to thirty per cent.”(Lareau, 2000, p. 3)

Lareau mostra que esse envolvimento tem um efeito importante na relação que as crianças de classe média estabelecem com a escola, com o conhecimento e aprendizagem. Nosso estudo de campo revelou que de fato, na escola privada a

participação dos pais é muito maior do que na escola pública. Percebemos que a escola privada, pelo modo em que se organiza, incentiva e favorece a participação e o envolvimento dos pais nas atividades escolares. A escola 1, por exemplo, envia aos pais bilhetes de boas vindas no início do período letivo, faz relatórios individuais sobre o desenvolvimento de seus filhos, e relatórios semestrais sobre o trabalho que está sendo desenvolvido com a turma. Os pais da classe média da escola privada estudada estão sempre sendo informados sobre o trabalho que é realizado com seus filhos. A escola propicia condições favoráveis à participação dos pais, uma demonstração disto é o fato de realizar grande parte dos eventos escolares, como a Mostra Cultural, aos sábados para que os pais pudessem participar. No entanto, vale salientar que, descobrimos que nem sempre a participação dos pais, pela maneira como ela ocorre, é considerada positiva pelos professores. Durante a entrevista, quando questionada sobre a relação das famílias com ela e com a escola, a professora Antônio da escola privada mostrou-se descontente com a forma de participação dos pais na escola.

Antônia: - Existe uma força assim que vem e vem muitas vezes de encontro não ao encontro do que a escola pensa. E a escola ao longo dos anos ela tem cedido mais as pressões dos pais, inclusive por causa de precisar de aluno. [...] os pais participam nesse sentido que eu tô falando assim que é de direcionamento muito fortemente. Ahm... e por outro lado que eu acho que uma grande dificuldade de trabalhar nessa escola também é o fato dos pais serem pais intelectuais ou pais universitários e que muitas vezes eles competem intelectualmente com os próprios professores [...] E aí o que acontece é que os pais ao invés de em alguns momentos eles colaborarem numa boa, com conteúdo, indicando bibliografia, qualquer coisa, muitas vezes eles tem o espaço da escola quando é um espaço coletivo, por exemplo de reunião, de se colocar defendendo o seu ponto de vista a partir do seu foco de pesquisa, de formação né? [...] então não é simples de trabalhar com pais com esse nível de formação [...] outra coisa que eu também sinto [...] que eu acho ruim é porque o professor muitas vezes é refém de todas as situações, então a escola inclusive ela favorece arquitetonicamente que o pai saia do portão e venha direto na sala que não passe por coordenação, então não tem filtro, tudo é na gente, então aí se recebe no peito e carrega nas costas. Tudo é você que tem que resolver problema de relação de pai com a criança da outra família, de criança com criança.

Podemos observar que, o fato dos pais de alunos da escola 1 serem, na sua maioria, intelectuais e possuírem curso superior é outro fator determinante para uma maior participação dos mesmos na vida escolar de seus filhos, já que a relação destes com o conhecimento e com as instituições de ensino é marcada por sua trajetória pessoal.

O depoimento da professora Antônia, assim como outras conversas que tive com ela, demonstra inclusive certo ressentimento da professora com alguns pais que chegaram a criticá-la frente a outros pais, inferiorizando seu trabalho. Segundo a professora, os pais intelectuais se colocam como superiores aos professores da escola, mesmo sabendo que alguns professores têm mestrado e doutorado. Antônia demonstra não se sentir reconhecida, nem valorizada pelos pais, diz que eles cobram e questionam seu trabalho, e que ela nunca recebeu nenhum agrado pelo dia dos professores na escola.

Na escola 2 (pública) encontramos uma situação diferente, constatamos que, na escola como um todo, a participação dos pais é pequena e não é favorecida pela administração escolar. Contudo, na turma 2 a participação dos pais distingue-se das demais turmas da escola, como nos conta Betânia, professora da turma:

Betânia: - É muito ruim! [...] A escola trata as famílias como inimigos. No discurso a família aparece como 'eles', 'os outros'. 'Eles que querem desgrçar a escola, são a oposição, tão ai no portão' [...] Então, a escola num, num... a escola não consegue abrigar as famílias. Bom, é a partir dos horários marcados pras reuniões. Olha a festa junina! Que que foi decidido!? A direção que decidiu que a festa junina era interna e que era no horário de aula [tom de inconformada] [...] nunca vi festa junina assim, entende? É pras famílias não virem, né?! [...]

Carolina: - De propósito?

Betânia: - De propósito! As reuniões são sempre no horário do trabalho [...] Eu consigo burlar isso, porque eu... Bom, primeiro tem que... Não é que eu seja uma heroína! Não é isso! É que eu moro muito perto daqui,

eu não tenho filho pra sustentar, pra cuidar [...] meu salário não é ruim. Eu me viro muito bem com meu salário. Então, eu posso vir fora do meu horário de trabalho na reunião. Então eu faço a reunião à noite. Quem quiser vir de dia vem, de manhã. Quem quiser à noite, eu venho à noite fazer a reunião com eles. Isso é muito importante! Você conhecer, saber o que tá se passando né?! Sabe, é fundamental. O professor saber o que que tá acontecendo com as famílias né!? E você sabe, aí é uma glória pra família quando o professor vai lá. É uma glória.

Conclui-se a partir das duas situações anteriores, que a participação dos pais na vida escolar dos filhos é influenciada pela abertura e pelas condições, favoráveis ou não à participação, oferecidas pelas escolas, assim como também está diretamente relacionada à classe social e à formação dos pais. Observamos na fala da professora Betânia, assim como em situações do cotidiano escolar público observado, que a maneira pela qual os pais de alunos dos grupos populares relacionam-se com a escola, parte de um sentimento de inferioridade de formação intelectual em relação aos professores, visto que estes são reconhecidos como os detentores do saber pelos responsáveis pelos alunos.

Hoje, a avó [de uma das alunas da terceira série] me conta que a turma da neta vai fazer um passeio a um zoológico da região. Depois de contar como a neta está contente, ela acrescenta: "De minha parte, acho que essa escola passeia demais com as crianças. No tempo dos meus filhos não era assim. Claro, as crianças adoram. Mas será que isso não atrapalha o ensino? Não falo nada, **elas é que sabem...** as professoras. Mas acho que atrapalha." (Extrato de caderno de campo, gentilmente cedido por Ana Maria F. Almeida, grifo meu)

O extrato anterior ilustra aquilo que encontramos na escola pública em análise, a avó mencionada anteriormente, é avó de uma das alunas da escola objeto de pesquisa do presente trabalho. Sendo assim, podemos dizer que a situação observada nesta escola, se aproxima muito da situação descrita e analisada por Lareau (2000), que constata que as famílias pouco escolarizadas tendem a delegar o ensino totalmente aos professores, por acreditarem que não têm nada a acrescentar diante dos especialistas. Tanto que, em casos como o da professora Betânia, que se relaciona muito bem com os pais de seus alunos, valoriza e propicia a participação dos mesmos nas atividades escolares, esta é

vista por eles com muita admiração, cumplicidade e respeito. Betânia é convidada para aniversários e comemorações na casa de alguns de seus alunos, ela freqüenta festas na casa deles e se diz amiga íntima de alguns pais. Percebemos que, de modo geral, os professores para os grupos populares são tidos como os detentores do saber, como os que sabem mais do que eles, enquanto para alguns pais da classe média, o professor é mais um prestador de serviços, como revela o trecho da entrevista feita com Antônio citado anteriormente.

Sendo assim, podemos afirmar que a relação que as crianças de classe média estabelecem com a escola, com o conhecimento e a aprendizagem é influenciada pelo nível de formação dos pais, pelo envolvimento destes na vida escolar dos filhos, assim como também, pela classe social que ocupa. As crianças da turma 1 (escola privada), por exemplo, participam das aulas, questionam e criticam mais sua professora e seus colegas do que as crianças dos grupos populares observadas. Certo dia, na sala da turma A, presenciei um grupo de crianças comentando entre si irritadas sobre a professora auxiliar que substituíra a professora da turma: - “Mas, essa professora não entende nada!”. E outro aluno, quando a professora auxiliar fala que não está preparada para explicar o assunto, pois havia recebido o material que estava trabalhando há pouco tempo, perguntou: - “Mas, você não fez faculdade?” Portanto, as crianças de classe média parecem relacionar-se de maneira mais íntima e independente com a escola e com o conhecimento. Ao que tudo indica, isso deve estar relacionado com suas vivências na família, cujas condições econômicas e escolares possibilitam que estas crianças tenham acesso a diferentes formas de conhecimento, a escola não sendo o único ou mais importante lugar delas relacionarem-se com o saber; seus pais têm livros em casa, as crianças têm livros, gibis, têm acesso à internet em casa. Em entrevista a professora Antônio fala claramente sobre isto.

Carolina: - Que uso você acha que eles vão fazer da escola?

Antônia: [...] eles têm uma informação, é uma classe social que tem muita informação. A escola não é o lugar onde eles vêm pra pegar informação. Aqui eles organizam isso e fazem uma análise. E aí escolhe ir pra cá, pra lá [...] Então é mais um espaço de organizar, o espaço de socialização, que eu acho que a escola funciona cada vez mais como isso, mas não é o lugar da informação. Pra essa classe social pelo menos.

2.3. Formação das professoras e seu relacionamento com a matemática

Antônia, professora da turma 1 (escola privada) tem 33 anos, cursou o magistério nos anos 1980, graduou-se em pedagogia numa universidade pública de renome em 1993, depois disso fez mestrado e doutorado em educação nesta mesma universidade. Betânia, professora da turma B (escola pública) tem 63 anos, cursou magistério, depois Letras também numa universidade pública de renome até o 4º ano não chegando a terminar, pois foi presa política durante 3 anos e quando solta não pode continuar a faculdade. A professora comentou isto em conversa, mas durante a entrevista não contou o fato de forma explícita.

Betânia: - "... minha formação é tão variada. Comecei Letras na [nome da universidade], fui até o 4º ano, depois por uma... [pausa] Como é que é? Acidente de percurso, eu vim parar na [mesma universidade pública de renome onde estudou a outra professora] e fiz Lingüística. Depois eu fiz mestrado em teoria literária."

Como vimos a formação das duas professoras observadas deu-se na mesma instituição de ensino superior. A professora Antônia tem o doutorado a mais que a professora Betânia, que fez mais da metade do curso de Letras, depois se formou em Lingüística e fez mestrado em teoria literária, e Antônia, que se formou em Pedagogia e fez mestrado e doutorado em educação. Temos que concordar que, tanto a formação de

uma quanto à da outra, foi marcada muito mais pela língua portuguesa, do que pela matemática. Uma pesquisa de Garcia (1999) apud Ball (1990) mostra que os conhecimentos em matemática da maioria dos professores de ensino fundamental são simples e pouco elaborados e que raramente esses desenvolvem uma compreensão aprofundada do conteúdo. Essa pesquisa mostra também que, em muitos casos eles expressam conceitos errados das operações básicas, o que com certeza irá se refletir nas suas práticas de ensino. Segundo Gonçalves (2006), não tendo a formação matemática necessária, dificilmente os futuros professores terão condições de elaborar princípios teóricos para o ensino da matemática. E esta seria uma deficiência geral da formação de professores das séries iniciais do ensino fundamental.

Apesar das professoras em foco serem formadas em uma das melhores instituições de ensino superior do país, e mostrarem-se engajadas, comprometidas e cientes do trabalho que realizam nas suas respectivas turmas, nossas observações constataram que elas possuem um domínio muito maior dos conteúdos da Língua Portuguesa, e têm um relacionamento mais íntimo com essa área do conhecimento, do que com a área de matemática.

2.4. Percepção das professoras acerca dos alunos

No discurso das professoras sobre os alunos e alunas com os/as quais trabalham, não houve falas estereotipadas e não foi possível perceber preconceitos explícitos em nenhum momento durante as observações e nem no decorrer das entrevistas realizadas. Questionadas sobre quem seriam e quais as características dos alunos ‘bons’ e dos ‘fracos’, nenhuma das duas professoras quisera fazer apontamentos, Antônia falou em

alunos organizados e desorganizados, mas não fez grandes comentários sobre o assunto, apontando apenas para a organização do caderno dos mesmos. Também não encontramos falas deterministas, freqüentemente pronunciadas por professores que enfrentam problemas de indisciplina e aprendizagem com alunos, do tipo: “Também, olha os pais dele! A família é desestruturada!” Não houve falas neste sentido.

Portanto, se a pesquisa realizada por Patto, (1999) demonstra que a visão que professores têm dos estudantes com os quais trabalham determina a relação que estes estabelecem com os alunos, influenciando também o processo de ensino-aprendizagem, e conseqüentemente, num ‘melhor’ ou ‘pior’ desempenho dos estudantes, podemos dizer neste sentido, que a concepção que as professoras focalizadas tem de seus alunos, não contribui para um desempenho negativo dos mesmos, mas que pelo contrário, em alguns casos o favorece.

Para elucidar esta afirmação, podemos citar um caso da turma 2, no qual a professora Betânia auxilia o garoto Pedro (nome fictício) na realização de uma operação matemática na lousa dizendo, após um erro do menino, para que ele fique tranqüilo, que ela resolverá junto com ele, e que ele está lá para aprender. Pelo que Betânia me contou e pelo que presenciei na escola 2, este aluno Pedro, mais conhecido por ‘Fedô’ por alguns colegas, (o menino tem um problema no intestino, e cheira coco rotineiramente) não tinha um comportamento tranqüilo na outra turma que estudava no ano anterior. Sua antiga professora dizia que ele atrapalhava a turma toda e que era o problema da sala. Acreditando que o menino não era um problema em si, mas que se comportava apenas em resposta à forma como era tratado, Betânia o convidou para fazer parte da turma dela e assim aconteceu. Hoje, o menino tem ainda bastante dificuldade em matemática, leitura e escrita, mas já está alfabetizado, realiza as operações de adição, subtração, multiplicação e divisão com o auxílio dos colegas e da professora. O

comportamento do garoto é tranqüilo na sala, ele é respeitado e respeita seus colegas de turma, e me pareceu bastante empenhado em resolver as atividades, principalmente as de matemática, que lhe são propostas. Pedro demonstrava grande alegria quando resolvia alguma operação e acertava, ele pedia para colocar na lousa a correção.

2.5. Relação professoras-alunos (as)

Na turma 1, as crianças chamam a professora pelo nome, e a professora também as chama pelo nome, Antônia é bastante atenciosa com a turma, os auxilia nas atividades e quando possível esclarece suas dúvidas. As crianças às vezes corrigem a professora, sem demonstrarem embaraço para isso, elas participam das aulas, tem espaço para falarem e expressarem suas opiniões. Em alguns momentos, inclusive, a professora se zanga com a turma e pede para ser ouvida, quando elas começam a falar várias ao mesmo tempo ou junto com a professora, esta diz: – “Eu estou falando!”, “Eu não cabe de falar.”; “Você está me interrompendo!”, “Não é a sua vez de falar.”; “Meu Deus! Vocês só sabem falar, não sabem ouvir e tem muita pressa.”

Em outra ocasião, a professora lembra a uma das crianças que a interrompe e reclama da atividade proposta, que ela é a professora, dizendo: - “Eu sou a professora aqui. Você não precisa me dizer o que eu tenho que fazer”. Nesta turma, as crianças se provocam, criticam e deboçam umas das outras em vários momentos. A turma se divide em “panelinhas”, pequenos grupos, para brincarem, não brincam todos juntos. Segundo a professora Antônia, dois grupos de crianças (1 de menino e 1 de meninas) se formaram porque ‘sobraram’ na turma. A situação descrita abaixo elucida isto:

Situação observada: A aluna Laura ao copiar as questões da lousa fica um bom tempo na 1ª resposta [...] Quando o espaço da lousa já está cheio

e a professora precisa apagar para poder continuar escrevendo as respostas, vai apagando aos poucos e olha para a Laura que diz que já acabou de copiar a 1ª questão. O aluno Anderson, ao ver isto, diz: - “Você ainda tá na primeira?!” A professora o adverte e diz para ele que quem tem que resolver isto com a Laura é ela.

Na turma 2, a professora chama as crianças por apelidos carinhosos como Dani, Teteu, Aninha. As crianças a chamam pelo nome, ou de professora. Ao se referir às crianças, em diversos momentos a professora diz: -“Ei meu amigo, assim não!”; “Companheiro!”

Algumas crianças convidam a professora para ir a festas em suas casas, elas ou seus pais ligam na casa da professora para perguntarem sobre a tarefa de casa. A relação da professora com as crianças é bastante próxima e carinhosa, as crianças demonstram ter um grande carinho por Betânia. Nesta turma os alunos também participam bastante das aulas, e se colocam e não se sentem acanhados de corrigirem a professora e os colegas, embora o façam menos que as crianças da turma 1. É menos freqüente nesta turma situações em que as crianças zombam ou desfazem umas das outras, e quando isso acontece a professora chama atenção e é bastante rígida deixando claro que não gosta e que não é legal fazerem isto. As crianças desta turma mostraram-se mais receptivas e acolhedoras com relação aos colegas, presenciei a entrada de um aluno novo na turma, e este foi bem recebido e se enturmou rápido com os colegas, apesar de ter chegado bastante tímido. Podemos relacionar esta característica do grupo com algumas situações observadas nas aulas, pois, apesar das duas turmas observadas sentarem-se em grupo, na turma 2 as crianças cooperam mais umas com as outras, em diversas situações elas se ajudam. Em atividades de matemática, como lista de operações por exemplo, aqueles que vão terminando sua tarefa ajudam os colegas que não terminaram ainda. A professora adota uma dinâmica que é a seguinte: os que

terminam primeiro vão conferindo as respostas dos que vão terminando a tarefa depois deles.

CAPÍTULO 3 - O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS 1 E 2

No último capítulo abordaremos os aspectos mais diretamente ligados ao conteúdo matemático trabalhado nas escolas. Apresentaremos aquilo que as professoras focalizadas apontam como sendo os conteúdos matemáticos que devem ser trabalhados no 4º ano do ciclo. Relacionaremos os conteúdos trazidos por elas aos conteúdos recomendados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de matemática. Neste capítulo discutiremos ainda, como é realizado o planejamento de aulas nas duas turmas, e a maneira pela qual os conteúdos matemáticos são ensinados por elas.

Faremos um levantamento e uma esquematização de todas as atividades relacionadas ao ensino de matemática encontradas por nós nas observações de campo, e também registradas nos cadernos das crianças, mobilizando inclusive exemplos das atividades encontradas pela pesquisa.

3.1. Conteúdos de matemática do 4º ano do ciclo II

Questionada sobre quais os conteúdos de matemática que considerava como sendo os do 4º ano, Antônia, da escola 1 (privada) citou os seguintes itens, os quais denominou habilidades: i) estimular o raciocínio lógico matemático; ii) trabalhar com quantidades maiores; iii) trabalhar com conceitos geométricos e estatísticos iv) saber manejar os procedimentos algorítmicos, ou seja, “fazer a conta montada” com mais acertos; v) saber o valor posicional; vi) saber a tabuada vii) saber a resolução de problemas, a leitura e interpretação de problemas. A professora diz considerar o raciocínio lógico matemático e a escrita como “disciplinas meio”, segunda ela, a

matemática e o português são linguagens e, portanto, são suportes para qualquer outra disciplina.

Betânia, professora da escola 2 (pública) frente à mesma pergunta, citou os seguintes assuntos que segundo ela devem ser desenvolvidos no 4º ano: i) saber a tabuada; ii) saber a multiplicação; ii) saber realizar os algoritmos; iii) saber resolução de problemas. Em sua resposta Betânia deu grande ênfase à tabuada, repetiu diversas vezes a palavra tabuada e destacou sua importância para a aprendizagem de outros conteúdos como a divisão, por exemplo.

Betânia: “Matemática, matemática é tabuada, é multiplicação. Algoritmos né? 2ª série, é... eles já montavam algoritmos. Mas, 2ª série foi basicamente o sistema decimal, o entendimento do sistema decimal. A história do vai um, um ou outro ainda tem dificuldade, não trabalha bem isso. Agora a maioria absoluta... Então, tabuada. A tabuada é fundamental, FUNDAMENTAL pra frente, pro resto da vida. É... nós vimos um dia desses aí, com um pessoal de 7ª série, numa escola do estado aqui do Real Parque, eles... da turma de 12, eles chegam lá nesta ONG, nesta escolinha. Num grupo de 12, 7ª e 8ª, dois sabiam toda a tabuada. A maioria sabe até o do 5, a tabuada do 5. Então, não tem divisão tem? Não tem!”

Segundo a professora, esses conteúdos são maleáveis, no sentido de você ir dosando-os de acordo com os interesses que vão surgindo.

3.2. Planejamento e organização das aulas

As turmas observadas têm diversas semelhanças no modo como suas atividades diárias são organizadas. Há uma rotina de aula, as duas turmas fazem uma roda de leitura ou de conversa no início das aulas e as crianças sentam-se em grupos diariamente, praticamente todas as atividades desenvolvidas nas turmas são elaboradas, organizadas e orientadas pelas professoras. Antônia, assim como a escola 1 inteira, trabalha por projetos, parte de um tema gerador no início do ano e organiza seu trabalho

a partir deste grande tema, na turma 1 o tema deste ano é “fio”, enquanto estive em campo, estavam estudando os fios da natureza (pêlos de plantas e animais) e fios do corpo humano (veias e vasos sanguíneos, pêlos cutâneos).

Betânia, professora da escola 2, relatou que trabalha com a filosofia Freinet, ela é a única na escola que segue esta linha metodológica. Betânia parte das questões e falas feitas pelas crianças na roda de conversa para planejar suas aulas e os conteúdos a serem trabalhados, porém, essas relações pareceram-me mais raras, com os conteúdos de matemática do que com os conteúdos de leitura e escrita. Observei que os temas que surgem na roda de conversa raramente relacionam-se a algum conteúdo matemático, trazem mais temas que podem ser relacionados à história, à geografia e ao português.

Questionadas sobre o planejamento e preparação das aulas, tanto Antônia quanto Betânia, disseram não realizar um planejamento a longo prazo. Falaram que não preparam aulas para um mês, por exemplo, pois após cada dia de aula as crianças indicam a elas, através de suas reações, falas ou questionamentos, o próximo assunto/ponto a ser trabalhado. Mas, apesar de não realizarem um planejamento em longo prazo, as professoras em todas as aulas observadas tinham a aula do dia planejada, com materiais preparados para trabalhar com as crianças. Interrogada sobre se ela realiza este trabalho sozinha, Antônia diz que sim, e que este é um trabalho muito solitário, que dificilmente ela troca ou trabalha em conjunto com as outras professoras da escola, apesar delas e da orientadora pedagógica saberem o que uma ou outra professora está fazendo. Diante da mesma pergunta, Betânia diz ter uma amiga com a qual troca idéias sobre o trabalho que desenvolve, mas que na escola mesmo ela não conta com o auxílio ou orientação de ninguém, nem mesmo da orientadora pedagógica. Ela parece se incomodar com este fato, como mostra sua fala transcrita abaixo:

Betânia: "Não! Na escola não! NUNCA! NUNCA! Nunca tive uma, um minuto de orientação! Um minuto! É..., orientador pedagógico é uma figura ... é um *Office boy* de luxo. Porque traz, é aquele profissional que traz, é... os recados da direção, da, da, do pessoal lá de cima da prefeitura. Enfim, das pessoas importantes, dos gestores importantes lá da secretaria da educação. Então o orientador pedagógico tem esse papel, se encontra com a gente, se encontra com a gente, durante duas horas aula uma vez por semana. UMA VEZ POR SEMANA! (*fala indignada*) A gente vê de vez em quando, mas só andando pelo corredor. O orientador pedagógico não sabe o que eu tô fazendo tá? Não sabe, não só eu. Eu tenho certeza absoluta e assino em baixo, não sabe o que os demais tão fazendo."

3.3. Conteúdos de matemática

Durante o período de seis semanas de observação, registramos as atividades e conteúdos trabalhados nas escolas 1 e 2, assim como também realizamos um levantamento do trabalho desenvolvido na área de matemática (atividades e conteúdos) desde o início do período letivo por meio das entrevistas e dos materiais produzidos pelos alunos. Nossas observações e registros feitos no diário de campo foram conduzidos pelo trabalho de Vianna (2007) sobre pesquisa qualitativa em educação. Segue abaixo uma esquematização dos registros de atividades envolvendo o conteúdo matemático.

3.3.1. Levantamento das atividades de matemática nas duas turmas:

Escola 1 – Privada:

- **Operações matemáticas**

Resolução de algoritmos: adição, subtração, multiplicação e divisão.

Exemplos de atividades propostas:

1 - Listas de “arme e efetue”.

Subtração:

a) $4.765 - 3.978 =$

b) $5.201 - 2.100 =$

Multiplicação:

a) $1.648 \times 4 =$

b) $894 \times 6 =$

Divisão:

a) $6.234 : 8 =$

b) $92480 : 5 =$

c) $1182 : 6 =$

d) $2500 : 3 =$

e) $203,00 : 5,00 =$

2 - Adição e subtração em ábaco, representação da resolução de adições e subtrações através de desenhos de ábacos. Exemplo:

a) $159 + 99 = 258$

3 - Tabuada

Lição de casa:

1. Resolva as contas

a) $7943 \times 6 =$

b) $9031 \times 6 =$

c) $1432 \times 6 =$

d) $5586 \times 6 =$

e) $9643 : 6 =$

f) $12142 : 6 =$

g) $7036 : 6 =$

h) $22030 : 6 =$

2. Confira os resultados fazendo a conta inversa e/ou usando a calculadora e estude a tabuada do 6.

• Figuras geométricas e polígonos

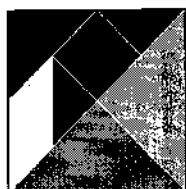
Figuras fechadas e abertas, vértices e ângulos.

Triângulo, quadrilátero, pentágono, hexágono e os sólidos cubo e pirâmide.

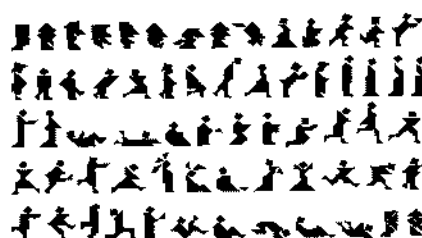
Exemplos de atividades propostas:

1- Trabalho com Tangran:

Recortar as 7 formas geométricas do Tangran e criar polígonos formando uma imagem com as formas geométricas recortadas na folha A3. A turma recebeu uma folha xerocada com várias figuras de modelos de imagens criadas a partir do Tangran para se inspirarem.



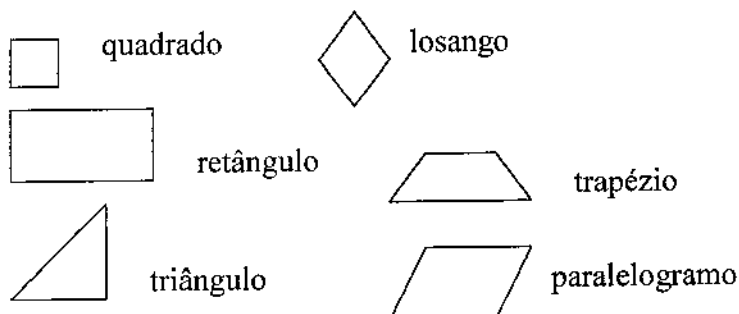
Tangran



Folha com exemplos

2 - Trabalho em folha quadriculada

Para ser feita na folha quadriculada. Pinte os quadradinhos da folha que receberam de cores diferentes para formar as figuras abaixo:



4 – Desafio

Observar e desenhar como seria uma embalagem de caixa de creme dental se ela estivesse aberta. Depois abram a embalagem e comparem com o que foi desenhado por vocês.

Material escrito utilizado sobre o assunto:

Um texto chamado *Mosaicos e polígonos: para conhecer melhor mosaicos*, que traz a questão de **padrão geométrico repetido** em mosaicos. Trabalha o que é um polígono, e define o que é triângulo, quadrilátero, pentágono, hexágono e os sólidos cubo e pirâmide.

• Medidas

Comprimento e largura (metro, centímetro, milímetro).

Exemplo de atividade proposta:

1- Medindo os quartos da turma.

As crianças deviam medir em casa e depois registrar a largura e o comprimento do quarto delas. Depois, cada aluno traz as informações para a sala de aula, a professora faz uma tabela onde colocam os dados da medida do quarto de cada criança, para então compararem quem tinha o quarto maior e o quarto menor.

Material escrito utilizado sobre o assunto:

Durante o desenvolvimento desta atividade a professora utilizou um texto sobre medidas. Um material bastante interessante que trata um pouco da história matemática, do desenvolvimento dos instrumentos de medida. O texto trazia figuras ilustrando as explicações, e resumidamente falando trabalhava os seguintes subitens:

O homem como medida das coisas

– fala sobre maneiras de medir: polegada, palmo, o pé, o passo, jarda e braça.

A Necessidade de padronizar padrões

1 polegada = 2,54 cm 1 pé = 30,48 cm 1 jarda = 91,44 cm

De cordas à trenas

- História sobre instrumentos de medida com ilustrações.

• **Direção/localização**

Diagonal, transversal, paralelo, horizontal e vertical.

Exemplos de atividades propostas:

1- Seguir as instruções abaixo e ir pintando no papel quadriculado:

2 verticais para cima

4 horizontais para direita

1 diagonal para direita e para cima

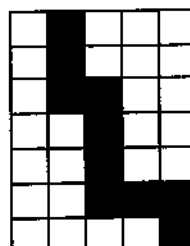
2 - Fazer um caminho e dar as instruções para chegar a este caminho.

Exemplo:

Orientações dadas por uma
das crianças da turma:

- | |
|------------------------------|
| - 3 verticais para baixo |
| - 1 horizontal para direita |
| - 3 verticais para baixo |
| - 2 horizontais para direita |
| - 1 vertical para baixo |

Caminho traçado:



3 - Procurar no dicionário o significado das palavras abaixo e anotar no caderno:

- diagonal
- vertical
- transversal
- paralela
- horizontal

- **Problemas envolvendo:**

Adição, subtração, multiplicação e divisão.

Exemplos de problemas propostos:

1 - *Repartindo igualmente 1.182 frutas entre 6 pessoas, cada uma receberá quanto?*

Sobrarão frutas?

2 - *Um produtor entregará 3 remessas de frango para os 3 mercados da cidade. O primeiro receberá 256 frangos. O segundo receberá o triplo do que o primeiro. O terceiro receberá o dobro do segundo. Quantos frangos cada mercado receberá?*

Alguns problemas são de raciocínio e resolução mais simples, e através da interpretação de texto chega-se à operação que deve ser feita. Outros exigem um raciocínio mais elaborado. Há problemas que envolvem conceitos de dobro e triplo de um número.

Escola 2 – Pública

- **Operações matemáticas**

Resolução de algoritmos: adição, subtração, multiplicação e divisão.

Exemplos de atividades propostas:

1 - Exercício de distribuição através da manipulação de sementes e pedras.

Contem as pedrinhas/milho/sementes de tamarindo.

Repartam-nos igualmente em 2 copinhos.

Ao todo há.....pedrinhas/milho/tamarindo.

Foram distribuídos.....em cada copinho.

Restaram.....sem distribuir.

(O mesmo exercício foi proposta com 3, 4 e 5 copos. As crianças deviam preencher os espaços pontilhados nas frases.)

2 - Listas de “arme e efetue”:

Adição:

a) $154 + 48 =$

b) $801 + 206 =$

c) $5719 + 1281 =$

Subtração:

a) $30 - 21 =$

b) $810 - 510 =$

c) $7.080 - 835 =$

Multiplicação:

a) $48 \times 2 =$

b) $202 \times 4 =$

c) $600 \times 32 =$

d) $78.601 \times 57 =$

Divisão:

a) $36 : 4 =$

b) $475:5 =$

c) $6.800:5 =$

d) $102:22 =$

3 - Tabuada

1- Estudo de tabuada em casa. Estude a tabuada do 6 em casa.

2- Resolução de listas de tabuada.

3- Atividade com a tabuada de Pitágoras. Identificar pintando no quadro da tabuada de Pitágoras os números pares e ímpares.

Tabuada de Pitágoras

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	18	27	36	45	54	63	72	81	90

- **Números pares e ímpares**

Identificação de números pares e ímpares.

Exemplo de atividade:

1 - Pintar no quadro de tabuada de Pitágoras os números pares de uma cor e os números ímpares de outra.

- **Algarismos Romanos**

Exemplo de atividade proposta:

1 - Escrever o algarismo Romano correspondente aos números que seguem:

- a) 84 – LXXXIV
- b) 220 – CCXX
- c) 84 – LXXXIV
- d) 907- CMVII

- **Números Ordinais**

Exemplos de atividades propostas:

1- Escrever por extenso os números ordinais.

- a) 1º - primeiro
- b) 2º - segundo
- c) 3º - terceiro
-
-
-
- f) 100º - centésimo

2 - Exercício de “passar” os números naturais para ordinais.

Exemplo:

48 $\rightarrow$ 48° - quadragésimo oitavo.

- **Ordem numérica**

- Valor posicional 1ª, 2ª e 3ª ordens
- Unidade, dezena e centena.

c	d	u
---	---	---

Exemplos de atividades propostas:

1 - Representação em desenho de quadradinhos no caderno:

Unidade - ■■■

Dezena - ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Centena - 

2 - Representação de números no quadro das ordens.

- a) 41
b) 101
c) 211

c	d	u
0	4	1
1	0	1
2	1	1

3 - Escrever a ordem dos numerais, exemplo:

- a) 18 $\rightarrow$ 1ª ordem – 8 unidades e 2ª ordem – 1 dezena
b) 558 $\rightarrow$ 1ª ordem – 8 unidades, 2ª ordem – 5 dezenas e 3ª ordem – 5 centenas
c) 601 $\rightarrow$ 1ª ordem – 1 unidade, 2ª ordem – 0 dezenas e 3ª ordem – 6 centenas

- **Escrita de números por extenso**

Exemplo de atividade proposta:

1 – Escreva os números por extenso:

a) 841 → oitocentos e quarenta e um.

• **Problemas envolvendo:**

Divisão, subtração, multiplicação e adição.

Exemplos dos problemas propostos²:

1 – Tenho 48 lápis para distribuir em 5 caixas. Quantos lápis caberá em cada caixa?

2 - A mãe de Bianca nos mandou 2 caixas de BIS para repartirmos na turma. Em cada uma delas há 20 chocolates.

a) Quantos chocolates teremos ao todo para repartir?

b) Hoje a nossa turma está com 20 alunos. Quantos BIS cada aluno ganhará?

Finalizando a apresentação dos conteúdos e das atividades relacionados à matemática nas duas turmas das escolas pública e privada, pode-se observar que: na turma 1 há várias atividades envolvendo operações, resolução de algoritmos, a maior parte delas envolvendo grandes quantidades, a maioria dos exercícios deste tipo é de multiplicação e divisão. A resolução das divisões é majoritariamente feita através do processo longo, ou seja, monta-se a operação de subtração ao realizar a divisão. Há um número significativo de atividades envolvendo problemas matemáticos, com raciocínio lógico razoavelmente complexo. Observamos também uma atividade envolvendo ábaco.

Na turma 2 encontramos um número grande de listas de tabuada, além de vários exercícios de resolução de operações utilizando algoritmos. Esta turma quase não

²A maioria dos problemas trata de situações vividas pela turma, ou que poderiam ser vividas por eles. Os problemas trazem os nomes dos alunos e de seus familiares na maioria das vezes.

trabalha como grandes quantidades, as atividades que realizam concentram-se mais na ordem da unidade e da dezena. Notamos um enfoque na tabuada, e na divisão. Constatamos a ausência de atividades envolvendo geometria, e um número pequeno de problemas, se compararmos com a quantidade encontrada na turma 1. Os problemas encontrados envolviam um raciocínio lógico razoavelmente simples, se comparados aos problemas observados nas atividades da turma 1. Além de a maioria deles tratarem de situações cotidianas, ou seja, situações vividas pela turma, ou que poderiam ser vividas pela turma. No que tange a este último ponto, Carvalho (1989) salienta que é papel específico da escola descontextualizar os processos de matematização que são construídos no cotidiano, tornando-os mais abstratos, gerais e complexos. Segundo a autora,

“De posse destes instrumentos matemáticos, o aluno tem condições de retomar a realidade explicitando-a, reorganizando-a e transformando-a, ou seja, voltando a matematizá-la de maneira cada vez mais científica.” (Carvalho, 1989, p. 42)

Esta afirmação ajuda-nos a refletir sobre o papel da escola na socialização do saber, uma vez que, os dados aqui apresentados por nós demonstram que há uma diferenciação entre a ‘ciência’ a qual tem acesso o aluno oriundo dos grupos populares, e a “ciência” a que têm acesso os alunos de classe média. Diferenciação esta que se transforma em desigualdade, pois o acesso ao conhecimento humano historicamente produzido ocorre de maneira desigual em uma classe e em outra.

Estudos como o de Hoadley (2007) mostram-nos como a reprodução das desigualdades sociais de classe dão-se por meio da variação das práticas pedagógicas adotadas em uma ou outra escola. A pesquisa vai além, afirma que a escola e as práticas de ensino escolares potencializam as diferenças entre os estudantes, deixando em desvantagem os grupos populares. Ainda segundo o estudo feito por Hoadley (2007)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PÓS-GRADUADO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

em escolas primárias na África do Sul, o potencial para adquirir o *código escolar*, no caso, o *conhecimento matemático especializado*, é seriamente minado no cotidiano escolar da prática pedagógica desenvolvida no contexto social dos grupos populares. O estudo mostrou que no contexto escolar da classe média, a transmissão de significados e conhecimentos relaciona-se fortemente a um *código escolar específico e particular*, o *conhecimento abstrato*. Enquanto que no contexto escolar dos grupos populares, predominantemente, trabalha-se com o *conhecimento cotidiano*. Nosso estudo revela situação bem parecida com a que aponta Hoadley.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os blocos de conteúdos recomendados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de matemática, (1997) para o segundo ciclo do Ensino Fundamental: I) Números Naturais, Sistema de Numeração Decimal e Números Racionais; II) Operações com Números Naturais e Racionais; III) Espaço e Forma; IV) Grandezas e Medidas e V) Tratamento da Informação, podemos dizer que, das duas turmas observadas, o trabalho desenvolvido que a que mais se aproximou das orientações de conteúdos trazidas no PCN foi a turma 1 da escola 1, uma vez que trabalhou com formas geométricas, direção, medidas, conteúdos apontados no parâmetro nacional, que não apareceram no trabalho realizado na turma 2 da escola 2. Apesar desta ter estudado alguns assuntos, como: escrita de números por extenso, algarismos romanos, ordem numérica e números ordinais, que não apareceram explicitamente trabalhados na turma 1, mas que se apresentam de forma implícita, como é o caso do problema do produtor de frango anteriormente citado, que traz números ordinais em seu enunciado.

Ainda no que diz respeito às orientações do PCN de matemática (1997) sobre a importância da História da Matemática, mediante um processo de transposição didática, podendo contribuir ao processo de ensino e aprendizagem em Matemática.

“Ao revelar a Matemática como uma criação humana, ao mostrar necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, ao estabelecer comparações entre os conceitos e processos matemáticos do passado e do presente, o professor tem a possibilidade de desenvolver atitudes e valores mais favoráveis do aluno diante do conhecimento matemático.”

Realizamos um único registro de trabalho, abarcando esta questão da História da Matemática vinculada ao ensino de conceitos matemáticos, que foi o texto sobre medidas citado acima nos conteúdos trabalhados na turma 1.

Confirmamos, assim, nossa hipótese de que as diferenças sociais e de classe se refletem na desigualdade educacional. É notável a diferença de infra-estrutura entre as escolas 1 e 2, assim como é notável a diferença nas condições de trabalho de Antônia e Betânia. Este estudo reitera que as diferenças de desempenho escolar estão relacionadas à estrutura desigual da sociedade brasileira, e que portando o aprendizado da matemática, assim como o das outras áreas do saber, é fortemente permeado pelo meio social em que se vive e pelas condições econômicas que se tem. Podemos até arriscarmos a dizer que a preocupação da professora da escola 2 é garantir que seus alunos dominem a técnica de resolução das operações matemáticas básicas, e que por isso passa grande parte do tempo ensinando às crianças aquilo que acredita ser o mais importante no momento para elas, ou seja, a resolução das operações de adição, subtração, multiplicação e divisão. Se considerarmos que há crianças semi-analfabetas e com grande dificuldade na realização de operações simples, começaremos a entender o porquê de Betânia trabalhar tão pouco com a resolução de problemas e com o raciocínio lógico matemático mais elaborado. Porém, esta não é uma afirmação acabada, mas apenas uma hipótese.

As crianças dos grupos populares têm um capital cultural distinto do das crianças de classe média, o acesso ao conhecimento especializado para as primeiras se dá basicamente através escola. Já para as crianças de classe média, a escola é só mais um local, dentre tantos outros, de socialização do saber, como foi claramente explicitado pela professora Antônia em sua entrevista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVEZ, Teresa Gonzaga e SOARES, José Francisco (2007), *O efeito escola e a estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade*, *Educação em Revista* no. 45: 25-60.
- ALMEIDA, Ana Maria F. /et al./ /Relatório de pesquisa, "Experiences éducatives et construction de frontières", ao Ministère de la recherche français/, novembro 2007.
- ALMEIDA, Ana Maria F. e NOGUEIRA, Maria Alice (1999), *A Escolarização das Elites*, Petrópolis: Vozes.
- ANDRADE, Marcia; FRANCO, Creso; CARVALHO, João Pitombeira de (2006), *Gênero e Desempenho em Matemática ao final do Ensino Médio: Quais as relações?*, Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG. Obtido em www.abep.org.br em janeiro 2008.
- BARBOSA, M.E.F. e FERNANDES, C. (2001). *A escola brasileira faz diferença? Uma investigação dos efeitos da escola na proficiência em Matemática dos alunos da 4a série*. Em C. Franco (org), *Promoção, ciclos e avaliação educacional*. ArtMed, Curitiba (Brasil).
- BONAMINO, Alicia; COSCARELLI, C.; FRANCO, Creso (2002). *Avaliação e letramento: concepções de aluno letrado subjacentes ao SAEB e ao PISA*. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n.81, p. 91-114.
- BRANDÃO, Zaia (2000), *Fluxos escolares e efeitos agregados pelas escolas*, *Em Aberto*, 17 (71): 41-48.
- BRESSOUX, P. (2003), *As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito professor*, *Educação em Revista*, no. 38: 17-88.
- CARVALHO, D. L. (1989), *As concepções de Matemática e suas implicações no ensino das séries iniciais*. Anais do I Encontro Paulista de Educação Matemática I Epem, p. 33-44, 1990.
- CARVALHO, Marília (2001), *Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas*. *Estudos Feministas*, vol.9, no. 2, p. 554-574.
- CARVALHO, Marília (2004), *O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça*. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 22, nº 1, jan.-jun.
- CARVALHO, Marília (2005), *Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 28 Jan./Apr.

- ENTWHISTLE, Doris L. e ALEXANDER, Karl L. (1992), *Summer Setback: Race, School Composition, and Mathematics Achievement in the First Two Years of School*. American Sociological Review, 1992.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. *Formação de Professores: para uma mudança educativa* (Coleção Ciências da Educação Século XXI). 2 ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- GONÇALVES, Tadeu Oliveira. *A constituição do Formador de Professores de Matemática: a prática formadora*. - Belém, PA: CEJUP ED., 2006
- HOADLEY, Ursula (2007), *The reproduction of social class inequalities through mathematics pedagogies in South African primary schools*. Journal of Curriculum Studies, vol. 39, n. 6, p. 679-706.
- LAREAU, Annette (2000), *Home Advantage: Social Class and Parental Intervention in Elementary Education*,
- LAREAU, Annette (2003), *Unequal Childhoods: Class, Race and Family Life*.
- PATTO, Maria Helena Souza (1999), *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ROSENTHAL, R. E Jacobson, L (1968), *Pygmalion in the Classroom*, New York: Rinehart and Winston.
- SÁ, Maria Helena Nogueira de. (1995), *Uma escola alternativa: avaliando sua trajetória*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, São Paulo.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Matemática*; Brasília, GO; Ministério da Educação e do desporto, 1997.
- SOARES, José Francisco (2004), *O efeito escola no desempenho cognitivo de seus alunos*, REICE, vol. 2 (2). Obtido em <http://www.ice.deusto.es/rinace/reice/vol2n2/Soares.pdf> em janeiro de 2008.
- VIANNA, Heraldo Marelím. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Líber Livro Editora, 2007, 108p.

ANEXOS

Anexo A - Guia de observação

Espaço físico das escolas

Como são as salas de aula, o pátio, quadra, biblioteca, outros espaços?

- Quais são os materiais pedagógicos disponíveis na sala? Há lousa? Livros? Jogos? Ábaco, material dourado? Que tipo de material fica exposto na parede da sala?

Organização do espaço

- Como as carteiras são organizadas no espaço da sala de aula?
- Esta disposição é flexível ou varia com a necessidade do tipo de trabalho/conteúdo?
- Há outras salas utilizadas (laboratório, cozinha, sala de projeção) em aulas? Como?
- Há momentos de aula ao ar livre? Como são?

Organização do trabalho

- Tem uma rotina que se dá nas aulas?
- Os diferentes assuntos têm uma divisão rígida por horário ou “fluem” durante o dia?
- As crianças trabalham em grupo?
- Como a professora se relaciona com as crianças? Onde e como se coloca na turma?
- As atividades produzidas pelas crianças ficam expostas?
- O material é coletivo (da sala) ou individual?
- Que materiais são coletivos e que materiais são individuais?
- Como as crianças se relacionam com o material? E com o tempo?
- Há mais momentos de coletividade ou mais momentos de individualidade?
- Como as crianças trabalham nestes diferentes momentos?

Relação com o conteúdo e como este é apresentado

- A professora usa livro didático? Leva atividades avulsas?
- Que materiais ela usa? Usa a lousa? Muito ou pouco? Quando?
- Os alunos trazem materiais de casa? Como isso é aproveitado? É permitido?
- Que tipo de exercício e trabalho é feito com os conteúdos?
- Há lição de casa? Como é organizada?
- Que relações a professora estabelece com cada tipo de atividade (lição de casa, etc)?
- O conteúdo de matemática aparece em outros espaços que não o da sala de aula? Como? Com que frequência?

A turma observada

- Quantas meninas e quantos meninos há na turma?
- Que diferença isso faz no trabalho da sala?
- Que cor da pele predomina? Dá para dizer? Faz diferença? Qual?
- Como as crianças se relacionam entre si? Há “panelinhas”? Há crianças mais ou menos aceitas pela classe como um todo? A professora responde como a estas possíveis divisões da turma?

- Como se relacionam com os funcionários da escola e vice-versa?

Espaços e horários de lazer

- Quanto tempo elas têm de intervalo?
- Onde elas ficam durante este tempo? O que elas fazem?
- Compram/ levam lanche? Há merenda?
- Que brincadeiras acontecem? Com quem brincam?
- São levados materiais de casa para brincar?
- Que interesses aparecem nos horários de lazer?
- Como os espaços são utilizados e que espaços são esses?

Material das crianças

- Como é o material das crianças? O que elas usam em sala?
- O material é uniforme ou há material “personalizado” ou com personagens, etc?
- Os pais compram o material ou a escola fornece?
- Há mais materiais coletivos ou individuais?
- Onde ficam estes materiais, na escola ou em casa?

Anexo B – Transcrição da entrevista realizada com a professora Antônio – Maio de 2008.

A entrevista foi realizada num espaço ao ar livre na escola privada, pela manhã no período de aula, enquanto a turma estava na aula de Educação Física.

Observações: “Marília” é Marília Moschkovich, outra pesquisadora que realizou um trabalho paralelo ao meu sobre as práticas de leitura, porém sobre a mesma base teórica e mesma orientação. Uma entrevista anterior havia sido realizada com a professora, contendo as mesmas questões. No entanto, esta primeira entrevista não foi gravada por problemas técnicos, o que nos levou a refazê-la.

Carolina: a Letícia não veio hoje né?

Antônia: - Não, ela tá com pneumonia, não veio 3 dias, mas faz uma diferença viu. No outro dia que o Fernando também não veio também fez uma diferença porque mesmo sabendo que ele não entra... ele faltou 2 dias porque o vô dele morreu, mesmo ele não entrando, entrando e saindo. Mas faz uma diferença; o fato dele não tá lá; você não tem essa preocupação né porque aí no dia que ele veio se trancou no banheiro, pulou lá no portão que tinha do lado de lá, aí o portão tava fechado; aí ele teve que pular de volta

Carolina: Outro dia ele tava em cima da árvore.

Antônia: - Em cima da árvore ele também... porque é assim; ele vai muito alto e depois ele fala que não consegue descer. Então vamo lá.

Marília: Por onde que a gente começou da outra vez? Eu já nem lembro. (risos)

Antônia: - Eram os dados, as informações de formação.

Marília: Sobre a sua formação.

Carolina: Eu acho que foi quanto tempo você trabalha aqui na escola né, a gente começou?

Antônia: - Então, foi julho de 2000 que eu comecei como auxiliar, fiquei meio ano como auxiliar de 1ª série aí no ano seguinte eu assumi a sala de 1ª, no outro ano 1ª aí depois todos os demais anos com 3ª série.

Carolina: E aí onde se trabalhou antes de trabalhar aqui?

Antônia: - Eu trabalhei na escola de educação infantil Casa da Gente, trabalhei com crianças de 3, 4 anos, 1 ano, aí depois de de 3 anos seguintes com pré que eram crianças de 6 anos, isso foi de 93 à 95. Daí de 96 à 98 eu fiz o mestrado então eu não trabalhei. Aí hum... em 99 eu trabalhei na Curumim também com uma turma de pré-escola, só fiquei um ano lá porquê em 2000 eu entrei no doutorado. aí eu fiquei fazendo o doutorado de 2000 à 2005.

Carolina: e aí o que a gente tinha perguntado é que

assim, se você sentiu diferença entre as escolas?

Antônia: - Com relação ...é a parte pedagógica, metodológica né?

Carolina: É.

Antônia: - Então, aí o que eu tinha dito era assim, que eu sempre, eu sempre escolhi trabalhar em escolas que tivesse uma proposta diferenciada de trabalho pedagógico e as escolas que em Campinas fazem isso são essas duas, tirando a antroposófica, a Waldorf. Então eu sempre quis trabalhar em escolas que tivessem uma postura diferenciada na forma de trabalhar porque sempre cheio que tivesse influencia na formação da criança de um jeito diferenciado também, então as duas que eu que eu identifiquei eu consegui trabalhar nelas, então assim eu vejo elas tem um eixo muito parecido que é eu poderia dizer assim elas tem

um trabalho construtivista, agora elas as suas especificidades em cada uma delas, né. Então, o fato por exemplo de trabalhar com educação infantil é um campo mais aberto de trabalho não tem um currículo definido, tem só parâmetros né que são indicativos. É então, elas são mais parecidas nisso. Aqui quando eu vim eu mudei pra ensino fundamental eu nunca tinha trabalhado com isso, então o que que eu tentei fazer, é trazer pro espaço daqui um tanto de coisas que eu já fazia antes e também de experiência com ed. não-formal que era educação fora da escola que foi o assunto da minha pesquisa e que eu conheci inclusive quando eu tava fazendo a graduação, é... então essa possibilidade de trabalhar com alguma coisa que é inusitado, e mais do que isso assim, com o imprevisto. E nessa escola em particular, como eu assumi uma metodologia que é um trabalho por projetos, não uma pedagogia né porque a escola tem um formato que é o formato tradicional de escola, então ela não se mudou, ela não mexeu nisso, até no começo, quando eu vim pra cá, tinha a idéia disso, de trabalhar com a mistura de idades, de quebra paredes, de não ter disciplinas né? Que fossem salas ambientes...então em alguns momentos a gente foi fazendo algumas experiências, mas no final das contas elas, a gente não conseguiu encaminhar elas de um jeito bacana e elas foram abandonadas, e a gente voltou para esse esquemão que é o jeito tradicional da escola, então ela não funciona como uma pedagogia de projeto, mas um trabalho por projeto. Então, a gente consegue fazer algo que é mais aberto, mais flexível, que inclui o inusitado, o imprevisto, o inesperado. Então, por essa razão eu considero que essas escolas são parecidas.

Carolina: E quanto aos pontos... não seria pontos negativos, mas as dificuldades que você encontra ao

trabalhar, ao escolher trabalhar dessa maneira? Trabalha por projetos.

Antônia: - Deixa eu pensar... é... dificuldade eu não encontro dificuldade, inclusive porque é uma coisa que eu advogo eu gosto do trabalho acontecendo dessa forma, então, no meu caso não acho que tenha pontos negativos né. Pontos negativos não vejo, acho que pode ter assim dificuldades. Então, é... uma coisa por exemplo que eu também tinha falado da outra vez é assim, o fato da gente sempre começa do mesmo jeito que é com objeto disparador, que isso é uma coisa que a gente também escolheu fazer aqui poderia ser de qualquer outro jeito mais a gente escolheu aqui de fazer desse jeito e quem traz o objeto disparador é o professor e é sempre no primeiro dia de aula então isso daí tem uma coisa que é bacana mas por outro lado ele também formata porque a gente sempre começa do mesmo jeito então poderia dizer assim isso é um ponto negativo a gente não escolhe fazer de outro jeito a gente senta e faz. E pra gente é sempre lúdico isso daí que é...a pesquisa para escolha do objeto...como a gente vai escolher o objeto como a gente vai encaminhar e as crianças também já esperam isso sempre então tem isso daí que é bacana mais poderia ser um ponto negativo agora dificuldades eu acho que é mais dificuldades é...é isso....primeiro porque é a gente é que tem que construir nosso material de trabalho de pesquisa porque não tem... né porque a gente trabalha com assuntos que não tem em livro didático muitas vezes an.....a gente necessariamente precisa ser um professor pesquisador assim o tempo inteiro além de a gente fazer a pesquisa do material didático inclusive em relação a própria metodologia de como encaminhar de como desenvolver então necessita disso e precisa de ser um professor que tenha muito repertório né repertório bibliográfico experiência de

trabalho então isso não dá para acontecer em qualquer lugar é uma coisa assim é um desafio poder trabalhar dessa forma dentro da idéia de projeto que a gente trabalha aqui também como eu falei da outra vez tem outras escolas que também dizem que trabalham por meio de projeto e é diferente do trabalho que a gente faz aqui e eu acho que o trabalho que a gente faz aqui na escola até a quarta série é um trabalho para projeto de fato e não os outros porque, porque o projeto é uma coisa que vem de projectil que você lança e não conhece a trajetória de antemão você só conhece depois então aqui a gente trabalha desse jeito e até falei que uma imagem que é melhor do que essa de projeto que é uma trajetória só é uma coisa rizomática de um ponto se ramifica para várias outras coisas então é mais rizomática e em outras escolas a idéia de projeto e a idéia de um rascunho que se passa a limpo falei exatamente essa frase antes um rascunho que se passa a limpo então você pensa ele antes e você pratica e aqui a gente não faz desse jeito inclusive todo ano ele é único e particular porque a gente não repete porque a gente não repete objeto e...e mesmo se repetisse cada turma é diferente então os assuntos são organizados de outra forma as discussões são outras o eixo de discussão que vai permear a construção desse currículo vai ser outra então assim ele é irrepetível .

Carolina: E aí queria que você falasse um pouquinho sobre o planejamento né...que a gente tinha conversado...

Antônia: Então aqui a...a coordenadora não cobra da gente um planejamento semanal, mensal ou qualquer coisa assim a gente não trabalha desse jeito o que a gente pensa é a partir do objeto disparador depois que a gente apresenta ele quais os temas que vão ser que a gente que aparece que agente pode

trabalhar ao longo do ano e aí eu escolho eu escolho...ou alguma coisa da indicação de onde começa e a gente começa fazer isso então o que eu faço e assim eu tenho em vista um tanto de coisas que eu tenho que eu posso fazer ao longo do ano e outras que vão ser incluídas porque vão aparecer por exemplo agora a gente tá trabalhando com as linhas das constelações que não foi pensada pela gente antes disso a gente foi para os signos dos signos a gente foi para um tema de estudo da personalidade a partir disso aí eles estão tentando se enxergar dentro disso aí a explicação do horóscopo chinês e a nossa onde que eles se encaixam disso a gente puxou tá puxando para um trabalho que é de fios deles que unem e distanciam que é um mote para gente discutir toda essa problemática que envolve a turma que não é grupo da panelinhas de que não se dão de que se dão então que laços e que nós que unem a gente e como que a gente pode se transformar nó em laços então isso apareceu então o que eu estou dizendo então a gente a gente tem em mente um tanto de coisas pra frente que a gente pode fazer então quando eu converso com a minha coordenadora é...sempre contando para ele do que a gente tá fazendo e do que tem em vista para frente e esse eixo que tá an....orientando a gente que no caso é isso laços e nós o laço e os nós são metáforas do que então essa é....esse é o eixo e o planejamento de aula a gente planeja sempre a aula do dia seguinte, no máximo pra 2 dias não dá pra planejar pra mais, então não tem como a minha coordenadora pedir isso. Então a gente faz, planeja um dia muitas vezes tem um monte de coisas que acontece que eu não consigo dá conta do que eu planejei aí eu replanejo o dia seguinte e assim vai indo, então assim é muito de pouco em pouco eu não consigo fazer um planejamento a longo prazo, inclusive porque tem que faz muita

pesquisa de material, então também não dá, então enquanto eu tô pesquisando algum material eu do uma brecada no assunto e faço umas outras coisa, aí eu tenho o material pra trazer trago e apresento, então eu preciso dessa maleabilidade inclusive.

Marília: Hum hum.

Carolina: E aí tinha a questão também da relação com as famílias que a gente converso. Como que é a relação das famílias com a escola, com os professores? O que as famílias esperam da escola?

Antônia: - Olha as famílias... vô fala assim o que eu acho, até a educação infantil elas bancam a escola desse jeito aqui, com cara de sítio, e com um trabalho assim bastante aberto. À partir do 1º ano até o 4º ano tem uma certa adesão, mas ela já vai mudando e a partir do 6º ano que é a 5ª série... ahm, os pais tentam fazer uma força pra que a escola siga o padrão das escolas normais porque eles querem que os filhos passem no vestibular, e eles supõe que do jeito que a gente trabalha não necessariamente garanta, tanto com relação à conteúdo como habilidade pra presta o vestibular e passa. Então existe uma força assim que vem e vem muitas vezes de encontro não ao encontro do que a escola pensa, e a escola ao longo dos anos ela tem cedido mais as pressões dos pais, inclusive por causa de precisar de aluno. então, tem isso assim, os pais participam nesse sentido que eu tô falando assim que é de direcionamento muito fortemente. Ahm... e por outro lado tamém falei naquela outra vez que eu acho que uma grande dificuldade de trabalha nessa escola tamém é o fato dos pais serem pais intelectuais ou pais universitários e que muitas vezes eles competem intelectualmente com os próprios professores, porque tem muito professor aqui que veio da UNICAMP, ou veio da PUC, ou quer dizer fez universidade,

muitos assim até pós-graduação. E aí o que acontece é que os pais ao invés de em alguns momentos eles colaborarem numa boa, com conteúdo, indicando bibliografia, qualquer coisa, muitas vezes eles tem o espaço da escola quando é um espaço coletivo, por exemplo de reunião, de se colocar defendendo o seu ponto de vista a partir do seu foco de pesquisa, de formação, né então isso daí acontece com bastante frequência, e falo principalmente assim por experiência própria. então não é simples de trabalhar com pais com esse nível de formação, não é fácil também. E outra coisa que eu também sinto, assim muito... que eu acho ruim é porque o prof. muitas vezes é refém de todas as situações, então a escola inclusive ela favorece arquitetonicamente que o pai saia do portão e venha direto na sala que não passe por coordenação então não tem filtro, tudo é na gente, então aí se recebe no peito e carrega nas costas, tudo é você. É você que tem que resolver problema de relação de pai com a criança da outra família, de criança com criança, de dinheiro que compro na cantina e não veio o troco, de briga que teve aqui no momento que não era nem de aula, lá fora. ahm... de conteúdo que o pai e a mãe acha que você que tem que dá, que o filho não que faz lição de casa, que manda pra fazer pesquisa em casa que o grupo vai na casa da pessoa e eles não trabalham vão até na piscina, então assim até coisa que extrapola o espaço da escola é tudo a gente que tem que fazer. Então é muito isso que eu digo assim é refém, é no peito e é nas costas e a gente tem que tenta coloca os limites dentro dessa dificuldade que a escola também propicia inclusive arquitetonicamente, fisicamente né.

Marília: E o trabalho assim do 4º ano? O que é o trabalho do 4º ano, as expectativas de de coisas que eles tem que aprende durante esse ano?

Antônia: - Então a gente trabalha com a idéia do ciclo, então a 3ª série ou 4º ano é o início do ciclo 2º e eles tem 3 anos pra conquistar o rol de habilidades que é o que norteia o trabalho, então não são os conteúdos que norteiam, são... é a construção de habilidades, aquisição de habilidades. daí eles tem 3 anos pra isso então, isso que diz o que que tem criança que vai passa de ano mesmo num tendo as habilidades esperadas na série, ela vai passa pra outra porque a gente pensa que tem um tempo maior pra ela pode adquirir desenvolve, então dentro da série as habilidades, elas são pensadas assim... é estimular o raciocínio lógico matemático, trabalhar com quantidades maiores, é... conceitos geométricos, estatístico, saber manejar os procedimentos algorítmicos, então assim faz conta, a conta montada, não mais por procedimentos pessoais apenas, mas saber faz isso, sabe resolve as contas com mais acertos. Então sabe o valor posicional, saber a tabuada, é... então isso... resolução de problemas, interpretação, leitura interpretação de problemas, e em língua portuguesa mais do que escrever e colocar no papel as suas idéias é pensar no texto que você escreve então tanto seja ele narrativo, como dissertativo, como argumentativo, é pensar no texto, isso significa o que é incluir mais marcas textuais que é uma coisa que eles começam a fazer mais uso, de fato, na 3ª série, é... então assim, colocar a vírgula que eu também já disse que é uma coisa difícil de fazer, quantos parágrafos que põe, lembrar da letra maiúscula, se é diálogo ter travessão, se é uma fala solitária usa aspas enfim, faz uso dessas coisas, aumentar o vocabulário, fazer relações, extrapolações, ler textos de diferentes é... estilos, e tentar fazer interpretação daquilo que está dentro do texto, daquilo que está fora do texto, então é... é ampliar em todos os sentidos e aí,

escolher essas duas disciplinas pra dizer porque a gente entende que elas são meio, elas são linguagens, tanto o raciocínio lógico matemático quanto a escrita elas são suporte para qualquer outra disciplina que a gente chame, porque eu não trabalho por disciplina, eu nem chamo, eu não digo pra eles, agora é geografia, isso é história, isso é matemática, as vezes eles perguntam: Por que que isso vai em matemática? Porque isso é geometria e tudo mais, mas eu não faço isso, não distribuo as minhas aulas por disciplina, a disciplina serve pra me orienta na hora que eu penso o dia-a-dia se eu tô deixando alguma área em desvantagem, ela só me serve pra isso, como guia.

Marília e Carolina: Hum, hum.

Carolina: E assim, quais... o que você pensa do futuro das crianças que estudam aqui na escola?

Antônia: - Ah tá. Então, é... também falei isso pra vocês e é uma coisa que acho que é bacana de pensar porque eu sempre, desde quando escolhi ser professora, quando eu já estava no magistério, eu sempre acreditei que uma escola diferenciada metodologicamente formasse pessoas com uma mentalidade diferente. Eu acredito nisso. Mas penso que a força disso hoje é muito pouca, muito pequena. Por que, porque esse jeito de fazer pedagógico ele é de resistência. Até falei pra vocês o seguinte, que nessa rua aqui o que mais tem é fábrica, comércio, tudo mais. A única coisa de sítio que sobrou aqui é isso e ali embaixo tem um negócio de cavalo. Mas como espaço educacional, se a gente pensasse no Emílio do Rousseau, esse aqui é o contato com a natureza, com pé no chão e tudo mais. Sempre acreditei nisso. Só que a força maior é de fora pra dentro, é o que a sociedade espera. A sociedade, como um todo, não investe num espaço como esse, numa formação como essa, porque eles têm uma preocupação que é a

preocupação de passar no vestibular e com aquilo que já está estipulado que é pra ser sabido. Então eu penso assim, que essas crianças, elas são capazes de fazer muitas relações, muitas extrapolações, elas conseguem fazer escolhas, né... Então assim, é... Que também é uma outra coisa que eu falei do trabalho daqui é que permite que a gente faça escolhas, já que a gente não tem o currículo pré-definido a gente é quem escolhe e encaminha. Isso dá inclusive mais autoria pro professor. Então acredito nisso assim, idealmente e ideologicamente, numa escola desse tipo. Porém, eu li uma dissertação de mestrado recentemente... Esqueci o nome de quem fez. Eu sei que ela foi orientada do Vanderlei Geraldi. E ela analisava o discurso das escolas tradicionais e o discurso das escolas ditas alternativas mas que não são alternativas. E aí, vendo isso, tanto a prática quanto os relatórios, quanto o discurso e tudo mais, que eles só tem uma fachada diferenciada porque no fundo eles formam pra mesma coisa. Forma pra manutenção do status quo. A gente não tem uma escola revolucionária, inclusive eu nem sei se poderia acontecer isso porque a idéia da escola é justamente essa, é formatar pro social. Então é uma ilusão a gente pensar que a gente está fazendo alguma, alguma mudança social. A gente não está. A gente está fazendo de um jeito mais caprichado, mais bonito. Diferente. Mas a gente está formando pra manter o status quo, então eles vão sair daqui e podem ser donos de empresa ou empregados. Mas a situação vai se manter. Até brinquei, falei assim, talvez não seja o porco capitalista, pode até pensar melhor nessa inclusão de crianças, de pessoas que tenham uma deficiência, porque eles têm um contato grande com crianças assim, e podem até ser mais suscetíveis a isso. Mas de fato eles vão fazer o que já tem aí montado que é pra ser assumido. Então a gente

faz muito pouca diferença nisso. A mudança social eu não acho que vai vir da escola. Isso que eu penso hoje.

Carolina: e aí, então, o uso que eles vão fazer da escola você acha que vai ser qual, em que sentido assim?

Antônia: - Eu acho que a gente tem, é... essa possibilidade de participar, de discutir os assuntos onde a ênfase no conteúdo não é o maior, isso eles tem muito aqui. Então eu acho que essa preocupação com a convivência, com a discussão das relações eu acho que isso eles levam, acho que levam essa idéia de fazer opções, então assim, eu escolho ir por aqui e não por ali; tô falando assim em termos de... de conhecimento. Por que, porque eles têm uma informação, é uma classe social que tem muita informação. A escola não é o lugar onde eles vêm pra pegar informação. Aqui eles organizam isso e fazem uma análise. E aí escolhe ir ra cá, pra lá, então tem isso, isso e isso, mas por aqui a gente não vai, nós vamos seguir por aqui. Então é mais um espaço de organizar, o espaço de socialização, que eu acho que a escola funciona cada vez mais como isso, mas não é o lugar da informação. Pra essa classe social pelo menos.

Carolina: e a turma, como você vê essa turma? Como você tinha falado, como turma, como grupo...?

Antônia: - É, então. Isso é uma coisa que muitas vezes até choca, eu imagino, quem observa; que tem u tumulto que é geral; é um cotidiano extremamente caótico, extremamente ruidoso, e eu acho que o motivo disso são duas coisas: uma coisa é, assim, a faixa etária, que isso é da faixa etária, né, falei isso. Eles são crianças de nove, dez, onze anos, tem criança com onze anos; eles saem de, de uma, é... de um momento assim, na vida, onde o jeito de se relacionar com o outro é muito corporal. Para o bem e para o "mal". Entre aspas. E aí quando eles...

conforme eles vão crescendo chega um momento, que é quando chegam na terceira série que eles fazem uma troca disso que é o corporal pelo verbal. E aí também, tanto para o bem quanto para o mal. Então, quando é para o “mal”, que que a gente vê? Para o “mal” entre aspas, né, tô usando uma palavra simbólica. É.. briga, provocação, xingamento, isso daí, isso tem, isso é da idade, da criança, isso é de ser criança. Isso tem com muita frequência. Só que algumas ainda trazem o resquício disso que é o fim do físico. Mas tem o verbal. Então é muito difícil de lidar com isso, de cortar isso, porque é a forma que ele tem de se relacionar com o outro. E aí só daqui a um certo tempo que ele troca isso por um desafio intelectual. Então todas essas coisas elas so picuinhas. É muito menor, eles não vão dar muita atenção pra isso, porque o desafio intelectual é maior. Então a gente tem na sala uma variedade de idades e de comportamentos também, porque as crianças trazem isso. Então elas estão oscilando dentro da sala. Então isso causa muito transtorno no dia a dia. Inclusive porque a gente dá atenção pra isso. Eu acho que isso é uma marca da escola. A gente não passa por cima disso. Só que isso também atrapalha um tanto porque quando a gente quer... trabalhar o conteúdo que seja, tem que ter muitas interrupções por conta dessas coisas. Então isso é uma das coisas. A outra coisa é que nessa faixa etária também não tem grupo, eles não são grupo, eles so turma. Eles só estão juntos. Eles têm panelinhas, grupinhos menores. E isso também é uma coisa que eles não vão conquistar nem até o final do ciclo. Isso é uma coisa que mais velho que vai acontecer. Então a gente não pode pensar nisso, que isso é uma coisa coesa, com consenso, porque consenso não existe, então lidar com isso aí também é problemático. E a outra coisa que eu inclusive falei daquela outra vez, é assim, que eu temo

até; Sempre estudei em escola tradicional, de freira, religiosa, sempre. Inclusive optei por uma visão de escola mais romântica por oposição a isso. Mas eu acho que, assim, que a questão do ruído, ele é muito intenso; das interrupções, que as crianças falam muito mais do que ouvem, então a gente tem quase que se impor a elas de alguma forma – eu escolho falar mais alto; outras pessoas conseguem fazer isso de outro jeito; eu não consigo, que eu quero ser ouvida então eu tenho que me impor. Então muitas vezes fica um ambiente que é pesado assim, é chato e tudo mais. Isso é uma coisa das escolas onde eu opto por um trabalho construtivista, onde você dá muito espaço pras pessoas participarem. Então todo mundo quer participar, e eles não sabem esperar a sua vez, não sabem ouvir. Ouvem muito pouco, eles mais querem falar. Querem falar, mostrar que sabem, que a fala deles está incluída na sua, que você deu importância pra ela. Então é extremamente ruidoso, caótico, cheio de interrupções... e isso hoje me incomoda demais, é uma coisa com a qual eu não gostaria de ter que lidar. Isso pra mim não é uma boa qualidade de trabalho. Agora; eles aprendem? Eles aprendem apesar disso. Mas pra mim que sou professora e que tenho que ficar naquela posição na frente que é uma posição tradicional, é desgastante. Porque tem que lidar com todas essas adversidades ao mesmo tempo. Eu não penso só pedagogicamente no conteúdo, como, que passo a passo eu vou fazer. Eu tenho que pensar inclusive nas relações sociais, nas relações pessoais, que hora que você faz, que hora que você não faz, aí você acerta, você erra. Mesmo muitas vezes me falta repertório. Então isso que eu acho que é... é um complicador. Na escola tradicional não tem nada disso, mas também as pessoas não participam. O professor dá aula. Ele vai e dá aula. Mas também não se preocupa com relação

peçoal. Não fica com dor de garganta, não sai com dor de cabeça, não perde energia... Pra mim assim; sempre que eu trabalhei aqui, alguns anos mais outros menos, eu tenho que sair daqui, chegar na minha casa e dormir. Porque eu tenho uma perda de energia, porque eles têm autonomia mas ao mesmo tempo não têm, então uma solicitação intelectual, uma solução afetiva, uma solicitação corporal o tempo todo. Você não tem muito limite nisso. Então por mais que a gente queira dar autonomia, independência pra eles e eles vão buscando cada vez mais, eles ainda solicitam a gente demais, eles ainda não resolvem os problemas deles, sozinhos. Então isso eu acho também uma coisa ruim.

Carolina: se você pudesse mudar algo nas condições de trabalho que você tem, teria alguma coisa que você mudaria? Assim, "com essa condições de trabalho o processo de ensino-aprendizagem fluiria melhor", etc?

Antônia: - O que eu gostaria de experimentar, e a gente nunca conseguiu experimentar aqui na escola e já foi um dos objetivos da gente é tentar tirar esse papel que a gente tem que é o professor lá na frente. Isso é uma coisa da qual eu queria experimentar. Eu não gostaria que ficasse tudo centralizado em mim. Porque a gente é um animador praticamente. A gente conta a história, a história acontece, "ah mas não tá legal", "ah, espera até o final!", não sei o que, "olha gente essa atividade!"... É um animador. Você só trabalho no "up!", só em cima, não pode ter "down", porque senão você perde o grupo, então é sempre pra cima. Isso é extremamente cansativo. Então a gente já tentou fazer experiências, mas que a gente nunca colocou em prática, que eu considero bacana e que vêm da educação não formal. Por exemplo: você mistura idades; então tem grupos, pode até ter grupos de vinte crianças. Mas com

mistura de idade e que não seja aquela turma sempre. Que inclusive da outra vez eu também falei que um complicador aqui também é porque a gente tem uma série por sala. Então que que tem isso? Por um lado eles são os eleitos, falei bem isso, eles são os eleitos, então eles estão aqui é um privilégio, porque se tivesse o vigésimo sexto não entraria, sei lá qual que é o número, mas enfim... Não entraria porque teria que montar uma outra turma. Então isso eu acho que é um dado importante. O outro dado é que eles passam o longo tempo que eles ficam aqui com o mesmo grupo. Uma ou outra pessoa que entra ou sai. Então as relações também são muito viciadas. Isso também atrapalha muito daquilo que vocês vêem lá, que é de briga, de entraves, né, então eles têm umas relações viciadas. Aquele que "manda", ele vai mandar porque tudo já está organizado de um jeito que ele já está naquele papel. Tem que entrar alguém de fora que seja muito forte pra desestruturar isso, pra ter uma leve mudança. Depois vai ter uma acomodação. Então isso é muito ruim. O que a gente queria era cortar isso, então; ter mistura de idades e os grupos serem móveis, assim, não ficar mesmo sempre com aquela turma. E que a gente trabalhasse com orientação, grupos assim. Então não ficaria o professor lá na frente. E a gente teria mais de um professor inclusive por sala, né? Então isso eu acho que é uma coisa que seria interessante. O que eu mudaria. Esse outro professor, eu não acho que ele precisaria ser de uma disciplina de ciências, poderia ser um professor de artes, que a gente já trabalhou várias vezes com professor de artes e hoje a gente tem uma perda porque a gente não tem trabalho artístico. Eu é quem tenho que tentar desenvolver isso também. E eu não dou conta disso, o tempo todo. Assim como também a gente é quem tem que montar a festa junina. A gente é

que tem que ter repertório de dança, de movimento, você tem que pensar o que vai fazer, então assim, é muita coisa em cima de uma pessoa que não tem uma formação pra isso. Então o que eu colocaria também? Pra trabalhar junto com a gente, professores que trabalhassem com linguagem artística porque também daria vazão pra essa coisa corporal de um jeito simbolizado. Porque, também o que a gente faz muito, eu faço essa crítica, que eu também mudaria? A gente trabalha muito com o racional. Então o que acontece? Eles são extremamente espertos, assim, tô falando no geral, só que o emocional fica muito atrasado. Mas isso não é só a escola que faz, porque os pais também fazem em casa, né, porque são pais intelectuais. Então eles são muito espertos, eles têm o vocabulário fantástico, eles argumentam brilhantemente, só que o emocional não acompanha. Se tivesse um trabalho constante com dança, com teatro, com música, e não é só tocar instrumento; a gente já teve trabalho com dança, com música, com teatro, que é de experimentação. Eu acho que funcionaria melhor, porque seria um canalizador pro tanto de entrave, de complicações que eles têm. Então eu mudaria isso também. Que fosse um trabalho mais com cara de oficina. Eu traria, assim, algumas coisas da educação não formal pro espaço.

Carolina: E só pra fechar, que a gente não perguntou no começo dessa, qual foi sua formação.

Antônia: - Então; eu fiz magistério em São Paulo, num colégio de freira, foi... nos anos 80. Então eu sempre estudei nesse colégio que é um colégio super tradicional e de freiras. No ano que eu escolhi fazer magistério foi quando eles abriram o magistério. E a idéia deles era uma idéia muito bacana, que era de trabalhar com movimento eclesial de base. Então era trabalhar para os pobres,

com os pobres, e tudo mais. Então era uma formação muito interessante. Então, assim: a minha formação no magistério ela foi muito ampla. Foi legal, então porque era “o” magistério idealizado. Daí depois eu escolhi fazer pedagogia, quis continuar, fiz pedagogia a Unicamp, isso em 90. Me formei em 93. Depois fiz um mestrado nessa área de educação não formal, só que dentro duma... na Educação, só que num departamento que era de Ciências Sociais aplicadas à educação. E no doutorado a mesma coisa, também fiz dentro da área de educação não formal, com a mesma orientadora, que é socióloga, nesse departamento. Então também na minha formação teve um viés pequeno de ciências sociais, de sociologia, de ciências humanas.

Anexo C – Transcrição entrevista realizada com a professora Betânia - Julho de 2008.

A entrevista foi realizada na sala de aula da escola pública, pela manhã no período de aula, enquanto a turma estava na aula de Educação Artística

Carolina: - O que eu queria perguntar é assim: qual foi a sua formação? que você contasse um pouquinho onde você trabalhou antes de trabalhar aqui?

Betânia: - Oh, a minha formação é tão variada. Eu, eu comecei letras na USP, fui até o 4º ano, depois por uma... [pausa] como é que é? Acidentes de percurso, eu vim parar na UNICAMP e fiz lingüística. Aí retomei do 1º ano pra frente. Depois da graduação me lingüística, eu fiz mestrado em Teoria literária. É... concomitante ao mestrado eu dava aula numa fundação, aula de literatura brasileira, portuguesa, teoria literária. Numa fundação municipal lá em Bragança Paulista e aí ... depois disso eu vim pra cá, eu fiz concurso porque eu era, eu tinha feito o magistério, minha formação de segundo grau é o magistério, eu fiz o curso clássico, aquele antigo e o magistério também. Então, com o tal do magistério, como esse diploma eu acabei fazendo o concurso da prefeitura em 84 e passei. Escolhi essa escola por quê? Porque tinha uma vaga aqui, aliás duas, uma a prof. Gleusa, à tarde e uma de manhã. Aí eu vim de manhã, gostei, morava aqui

(não dá pra entender) morava no Distrito. Aí eu peguei as aulas aqui, 1ª série tal, eu não tinha nenhuma formação, ia me exonerar 20 dias depois, porque não era minha praia. Ia pedi exoneração, ia não, fui pedi exoneração, a coordenadora lá desse setor me deu um esparramo, chamada Suzana, me deu um esparramo, me deu uma

chacoalhada geral, i... só faltou me me xingar de santa né, porque ficou muito brava comigo, que eu era covarde, que eu tava fugindo. Que eu peguei uma turma 43 crianças...

Carolina: - Nossa!

Betânia: - primeira série, sem nenhuma experiência. E aí é, no 1º dia que eu entrei na sala, a substituta, isso já era meados de março, quando eu assumi a classe, em 85 eu assumi a classe, a menina, a substituta foi embora e ela estava na lousa, trabalhando onda vai onda vem, é um exercício né de coordenação motora e uma menina chamada Luciane, primeira turma em 85... Luciane me pergunta é...: 'Professora, o nome de quem que faz com essa letra?' Aí eu não sabia responde que não fazia o nome de ninguém né com essa letra né? E aí, eu tenho uma amiga pessoal de muitos anos, e eu falei pra ela : - 'Vô me exonerar.' Não vai, não vai. Ela tinha feito concurso junto comigo, só que ela não pôde assumir porque ela já dava aula em Paulínia e consideraram que ela não podia. Eu sei que ela não assumiu, fico em Paulínia mesmo com pré-escola, e a partir daquele dia que eu disse pra ela eu vô embora, eu não vô assumir eu vô embora, porque eu continuava dando aula em Bragança à noite, ganhava uma merreca, mais dava pra o leite das crianças. Aí, pode vim pra cá, pra minha casa porque eu, eu vou te ajudá e realmente ela passou me ajudar e ela me ajuda até hoje. Ela é a minha orientadora pedagógica há muitos anos, a gente conversa e tal e ela me orienta, óh vamo fazê isso, vamo fazê aquilo, assim... E a gente troca, tanto é que agora, assim que me aposenta eu vô pra lá onde ela tá, na Ong, onde ela tá trabalhando. E, e foi assim que eu vim pará aqui, sem nenhuma experiência, e tô aqui até hoje,

amando... eu acho que... eu não me vejo em outra coisa.

Carolina: - Legal!

Betânia: - porque, nesses anos todos, teve é concurso pra direção, pra supervisão e embora eu reunisse esses requisitos legais, de tempo de serviço, e depois eu podia e até por aí, comprar um curso de pedagogia. É, eu passar a ser orientador, é orienta.... essa coisa, de gestor né?

Carolina: - Anham.

Betânia: - como uma parcela grande faz, mas eu nunca, nunca quis, muda! E, ... muita gente que me conhece pergunta, me perguntava: - 'Escuta, se tá amassando barro ainda na sala de aula?'. É, tempos desse atrás um cara mandô perguntá através de uma amiga, o que que acontecia? Queria saber o que que acontecia comigo que eu não crescia na carreira. Porque eu era sempre professora!

Carolina: (risos) Nossa!

Betânia: - Entendeu? Então é isso.

Carolina: - "Entendi... É, eu queria saber assim, como você sente a família das crianças aqui na escola? Qual é a relação da família com a escola?"

Betânia: - É muito ruim. A escola como um todo!

Carolina: Hum hum!

Betânia: - Os professores, moram distantes. É, ... alguns moram aqui. Os que moram aqui a maioria não conhece a família. E essa família maravilhosa, né!? A escola trata as famílias como INIMIGOS! No discurso a família aparece como ELES! Os outros. Eles que querem desgraçar a escola, são a

oposição, tão ai no portão, tão fazendo o ... Hoje, hoje eu já peguei o movimento aí, três mães, doidas da vida já tão indo pra prefeitura, por causa dessa professora que só falta...

Carolina: - Hum hum!

Betânia: - Faltou ontem, hoje já chegou atrasada... Então, sabe? É essa coisa... Então, a escola num, num... a escola NÃO consegue abrigar as famílias. Bom, é... a partir dos horários marcados pras reuniões.

Olha a festa junina!!! Que que foi decidido!? A direção que decidiu que a festa junina era interna e que era no HORÁRIO DE AULA, (tom de inconformada) terça-feira que vem no dia 8. Eu nunca vi festa junina assim, entende? É pras famílias não virem, né?!

Carolina: - De propósito?

Betânia: - De propósito! As reuniões são SEMPRE no horário do trabalho, né... então, ... Eu consigo burlar isso, porque eu... Bom, primeiro tem que... Não é que eu seja uma heroína! Não é isso! É que eu moro muito perto daqui, eu não tenho filho pra sustentá, pra cuidá... É..., meu salário não é ruim. Eu me viro MUITO bem com meu salário. Então, eu posso vir fora do meu horário de trabalho na reunião. Então eu faço a reunião à noite. Quem quiser vir de dia vem, de manhã. Quem quiser à noite, eu venho à noite fazer a reunião com eles. Isso é muito importante! Você conhecê, sabê o que tá se passando né?!

Sabe, é fundamental. O professor saber o que que tá acontecendo com as famílias né!? E você sabe, aí é uma glória pra família quando o professor vai lá. É uma glória. Óh você vê aí, o Marcelo, é.. né.. abriu esse lance de que.....

Carolina: - Então, a sua relação com as famílias é bem diferente da do resto da escola?

Betânia: - Primeiro que eu moro aqui. Eu já sou madrinha de batizado de uma porção de criança, e o fato deu mora aqui há tantos anos e tá por aqui, as famílias me conhecerem.. é... eu acho que me abre as portas. Então, por isso... na administração de um prefeito chamado Jacob Bitar, ele estava quase se convencendo a... a abri um, uma brechinha na lei dizendo que o professor devia morar perto da unidade escolar. Bom, eu tenho, eu tenho aí, uma meia dúzia, meia dúzia mesmo de amigos, e dessa turma tão ficando 3, mais 3, de amigos íntimos, assim íntimos. De sair junto, de passar as férias junto, que foram pais de alunos, agora eles tão moços tal, e a gente sai junto. Dessa tá ficando 3: a mãe da Mariana, a mãe da Naná e a mãe dos gêmeos.

(Interrupção: prof. da sala ao lado, outro 4ºano, pede pra uma aluna sua chamar Betânia. Pauso a gravação, ela fica lá por alguns minutos e retorna)

Carolina: - As famílias... Ah, eu que eu ia perguntá é: Qual que se acha a importância da participação das famílias pro seu trabalho?

Betânia: - Olha, é fundamental! Porque... eu tenho grandes projetos que são tocados né com a participação da família. Então, esse os nascimentos né, o texto hoje mais nascimentos, por que agora vai nascer os filhotinhos de calopsita... Ah.... a Estéfani tem uma irmãzinha que nasceu aos 6 meses, se tava na roda quando ela falô isso?

Carolina: Tava.

Betânia: - Então, é um assunto que, importante... é, para o trabalho, mas também pra própria Juliana, que

conseguiu por pra fora uma coisa que ela vinha escondendo da mãe dela. Porque, essa menina, essa bebezinha aí é com uma outra mulher, o pai com uma outra mulher, e a mãe sabia, mas por outros canais que não a Juliana. E aí então, quando ela conta aqui e ela sabe que vai virar texto, que é público. Ela publicar né? Dá publicidade. Então, é essa coisa né. Nas pesquisas, as famílias ajudam. O ano passado foi a copa, a libertadores da América, então nós acompanhamos todos os jogos. Fizemo bolão, aí entrava matemática. Então as famílias mandavam umas moedinhas pra gente fazê o bolão; dois pais mandavam sempre os resultados dos jogos mais ou menos organizados; uma outra mãe que trabalha numa empresa aí, mandava pra gente os detalhes da Venezuela, produção, os países, as características dos países. Um mapa desse tamanho (mostra com a mão), cada um recebeu um mapa, um pai ajudô a monta um mapa da América do Sul. E aí então, foi um grande projeto, durante todo o tempo. Agora as olimpíadas de Pequim, o João já vem falando.... A história da rifas, a gente sempre fez rifinha. A direção, ou faz que não vê, mas, sabe. Não fala nada. Mas, pra paga... e aí entra matemática. Ontem nós sortíamos, se tava aqui né?

Carolina: Tava.

Betânia: - Então, entra matemática, entra linguagem, entra organização, auto-organização. A história da coordenação, o Matias foi ótimo! O Matias veio pra essa sala Carolina, como um delinqüente. Veio no meio do ano passado. Como um delinqüente.

Carolina: Sério? (tom de admiração)

Betânia: - É! A outra professora chamô a polícia pra ele, porque ele deu uma surtada lá... Ela fez um coisa, ele achô que ela tinha sido injusta, porque

ele não tinha feito nada. E ele... Chamaram a polícia! Chamaram a guarda municipal pra esse moleque!

Carolina: Nossa!

Betânia: - Que ele tinha um transtorno bipolar. Eu nem sei o que é isso, cá entre nós.

Carolina: (riso) É! Tem vários nomes que eles... e a gente não sabe nem o que é né?

Betânia: - Então, a família tá sempre participando. A família lê, acompanha sabe? Essa história dos meninos trazerem é métodos de cálculos, de divisão, de multiplicação... a história do 9, da tabuada do 9, eles trouxeram de novo, qué dizê, é a família que sabe que tem abertura.

Carolina: - Legal! É..., assim, como você define como o trabalho a ser desenvolvido nessa antiga 3ª série? Os conteúdos...

Betânia: - Bom, tem história né? Os conteúdos de história é a formação do povo, é um conteúdo que deve ter, é o povo brasileiro, é o índio, é... é uma coisa muito antiga, esse conteúdo é muito antigo, por que que nós dinamizamos? Porque havia, começamos com uma pesquisa sobre as famílias, não sei se se viu o livrinho, as nossas famílias.

Carolina: Eu..., o livrinho não.

Betânia: - Acho que eu não tinha sobrando por isso que eu não te dei. A nossa origem, quem somos nós? Todo mundo tem índio, a não ser o Pedro Henrique que não... a família não conseguiu detectar fora de italiano. Todo mundo tem índio, tem negro e tem português, ou italiano, ou alemão, ou espanhol, tem os três grandes

formadores da população brasileira, do povo brasileiro, e aí se vê, vamos ouvi as famílias, vamos discutir aqui. Aí um menino diz assim, ah minha mãe falou que nós somos tudo um bando de Zé Ninguém, a Ana, ah em casa só, nós somos tudo Zé Ninguém. Então, o que que é Zé Ninguém? É negro né? É índio. Não tem branco na parada...

Carolina: Ham ham.

Betânia: - Não tem alemão, ITALIANO, FRANCÊS... E aí, a partir disso o documentário do Darcy Ribeiro, em que ele mostra que nós somos todos Zé Ninguém. A formação é uma formação que leva em conta o Zé Ninguém e essa coisa foi assimilada pelas famílias, e se vê á natural, nós somos assim, é nossa formação. Então história. Geografia, tá um pouco defasado que é o estado de São Paulo né? Tamo retomando com esse lance da bacia do Anhumas e o desmatamento.

Carolina: Hum?

Betânia: - Tá? É... então é o estado de São Paulo. Eles já viram rio, bacia, ontem na, na aula lá né? Ela perguntô, lembra? Ela perguntô de bacia tal.

Carolina: Hum, Hum.

Betânia: - Eles, ficarão em dúvida, mas tinham uma noção né? Vimo o Tietê, mas não a bacia do Tietê, mas é o estado de São Paulo, tá?

Carolina: Ham ham.

Betânia: - Os vizinhos, aí, cruzando com os dados de famílias... De onde vieram. Se era do Paraná, Minas Gerais, tal. É..., Língua Portuguesa, Língua Portuguesa é produção de texto basicamente. E aí eu aproveito pra trabalha alguma coisinha de formação

de palavras. Porque o meu ponto de vista é o seguinte: é que as palavras são poucas, não são muitas palavras, mas elas tem um parentesco GIGANTESCO! Né? Você prepara pra verbo. No reforço eu já tô trabalhando verbo, né? Claro que eles continuam dizendo nós correu.

Carolina: Sei.

Betânia: - Por que? Porque em casa é essa...

Carolina: Essa é a fala.

Betânia: - A fala né? E aí extensa diferença entre língua escrita e língua falada. Hoje mesmo apareceu aqui, é, na roda da conversa. Então, é a produção de texto, é... deles. Trabalha, eles fazerem textos, escreverem tal. As perguntas dessa aula aí de geografia, era, era, eles é que foram montando as perguntas. Matemática, matemática é tabuada, é multiplicação. Algoritmos né? 2ª série, é... eles já montavam algoritmos. Mas, 2ª série foi basicamente o sistema decimal, o entendimento do sistema decimal. A história do vai um, um ou outro ainda tem dificuldade, não trabalha bem isso. Agora a maioria absoluta... Então, tabuada. A a tabuada é fundamental, FUNDAMENTAL pra frente pro resto da vida. É... nós vimos um dia desses aí, com um pessoal de 7ª série, numa escola do estado aqui do Relá Parque, eles... da turma de 12, eles chegam lá nesta ONG, nesta escolinha. Num grupo de 12, 7ª e 8ª, dois sabiam toda a tabuada. A maioria sabe até o do 5, a tabuada do 5. Então, não tem divisão tem? Não tem!

Carolina: É!

Betânia: - Lá pra frente, então... pela amor de Deus né? E aí, então é fundamental. Tabuadas, problemas né?

Hoje nós vamos lidar um pouco com a quantidade de dinheiro que nós juntamos na... Quanto faltô, porque o ônibus custô um tanto, então, quanto faltô, tal. Então é esses conteúdos. Agora, esses conteúdos eles são maleáveis, no sentido de você ir desando de acordo com os interesses que vão surgindo. A história da, por exemplo, do acompanhamento da Venda Grande, do documentário, eles propuseram. Uma mãe que mandô. Fala: - 'olha, vem uma coisa bonita aí tal. Vamos vê isso daí com as crianças. Que vc acha?' Tudo bem, eu tô topando. E aí se vê, é... eles não tem nenhuma dificuldade em localiza. Ontem, quem que gritô ontem Dom Pedro I?

Carolina: É teve alguém.

Betânia: - Quem era? A Marina, aquele pessoal lá em baixo. 'Não é Dom Pedro II, é o Dom Pedro I!! A rodovia!' Então, é essa coisa, eles tem essas noções né? sem vc ter trabalhado.

Carolina: Anham.

Betânia: - Eu não trabalho: 'Dom Pedro II' E aí ponto sobre Dom Pedro I. Então, é isso.

Carolina: Legal! Deixa eu vê?

Betânia: - Agora, que eu sinto que é um pouco desorganizado, eu sinto. Isso eu tenho consciência.

Carolina: Ah, então... E como que é o processo de preparação das aulas? Você faz isso sozinha? Tem orientação na escola?

Betânia: - Então, não, eu tenho! Não! Na escola não! NUNCA! NUNCA! Nunca tive uma, um minuto de orientação! Um minuto! É..., orientador pedagógico é uma figura ... é um office boy de luxo. Porque traz, é aquele

profissional que traz, é... os recados da direção, da, da, do pessoal lá de cima da prefeitura. Enfim, das pessoas importantes, dos gestores importantes lá da secretaria da educação. Então o orientador pedagógico tem esse papel, se encontra com a gente, se encontra com a gente, durante duas horas aula uma vez por semana. UMA VEZ POR SEMANA! A gente vê de vez em quando, mas só andando pelo corredor. O orientador pedagógico não sabe o que eu tô fazendo tá? Não sabe, não só eu. Eu tenho certeza absoluta e assino em baixo, não sabe o que os demais tão fazendo. A história de ontem, de ... Ficô claro num ficô?

Carolina: Ficô.

Betânia: - A moça veio pra uma coisa, eu preparei pra outra, e a OP nem sabia o que que é direito que se tratava. Nem conhecia o trabalho da moça, e nem o meu. Porque eu sô assim, vai acontece alguma coisa eu vô me preparando com eles. Então, quem me ajuda muito chama Ruth Joffily, e é uma moça que trabalha com pedagogia Freinet. Então, do Freinet o que que eu fico? Eu fico com essa, é... com essa questão mais filosófica, que é ouvir as crianças, e a partir disso eu vô preparando as aulas. Então veja, tem... tem... (prof. levanta e vai pegar um texto pra me mostrar) tem rotinas, né? Tem rotinas! Então, por exemplo, é você, você, final de mês, ôh, então no final de mês, isso aqui vem desde a alfabetização. Essa turma eu alfabetizei. Então final de mês, tem uma estrutura do final de mês tá? Nós vamos aqui, já começa um calendário novo, onde começa primeira semana, segunda semana... então, tem matemática rolando. Tem escrita. Sempre, aqui (me mostra uma folha com calendário do mês de julho impresso, com os dias da semana com espaços em branco para serem marcados) é segunda tá? Aqui é 2008, tá? Bom, aí, na roda da conversa

ontem, então a Letícia veio contando fez um texto muito bonito sobre os bichinhos dela que vão nascê tá?

Carolina: Hum hum.

Betânia: - A comida tal. Na, no bichinho a Juliana contou então que passô o fim de semana lá junto com o pai. Junto com o texto da Juliana, no qual ela fala que a mãe voltou pro hospital pra ficá junto da nenezinha, o Marcelo fala que quando o bebê nasce (lendo o texto que redigiu a partir das falas das crianças ontem) 'a mãe não pode ser separada dele, se a mãe se separa, o bebê pensa que a mãe morreu' E aí, ele falô assim: 'Faltô uma coisa que eu disse Betânia' Qual é? 'É que o bebê tem pensamento. Ele tem pensamento. Faltô você dizê essa frase.' Então veja, amanhã eu venho eu vou trazer essa frase que o Matias pediu para colocar aqui..

Carolina: Hum hum.

Betânia: - Nos vamos adentar e aí eu fui para casa montei um texto tá tive dificuldade que eu expliquei para eles que foi por causa da fala e depois na roda da conversa o João Ricardo tá muito afim isso ele montou já...quem inventou o vidro? o João Ricardo...ele quer saber aí a história da festa junina o Vinícius Augusto falou do pau de sebo a Estela trouxe ...a esther traz cada questão cabeludíssima ...o que é uma múmia? Como se prepara? É verdade que tira o cérebro preparar múmia? Eu não sabia...você sabe disso?

Carolina: Não.

Betânia: - Então, nem eu. Ela veio com essa, como é que é Betânia? Eu podia ter ido na internet e ter trazido um texto né? Mas eu tô devolvendo pra eles, porque eles levam, a família olha também. A Letícia, a Letícia quer saber

quantos dias a calopsita dela vai chocar os ovinhos... eu não sei. Você sabe?

Carolina: Não.

Betânia: - Então, eu também não sei. Bom, aqui, esse eu sei: 'Quantos meses faltaram pra irmãzinha do Teteu ter sua gestação completada?' Tô ligando com a história da mãe do Elton, que tá grávida no 5º mês e tal. E aí (não dá pra

entender) receita de doce de festa junina. Então cê vê, isso aqui agora vai pra casa e volta amanhã. Volta aquela que tá parada... (barulho. As crianças voltam da aula de ed. artística e terminamos a entrevista) Bom, é isso! Pessoal, a Carolina que é culpada deu não arrumar a sala!

Carolina: (risos) É verdade. É verdade!"

Anexo D – Anotações diário de campo Escola Privada

Observação da saída das crianças

Saída aproximadamente – 12:00 hs

O portão da escola estava aberto

Havia crianças esperando sentadas em baixo da árvore, crianças brincando com bola.

Algumas mães (alguns adultos) entram na escola para buscar as crianças.

As crianças não usam uniforme

Não há um guarda no portão, há um simpático senhor (com cara de avô, uns 68 anos) que fica sentado ao lado de dentro do portão, ou em pé auxiliando a saída das crianças.

As crianças podem ir entrando na escola conforme vão chegando, elas não precisam ficar esperando dar o horário para entrarem.

Poucas crianças chegam de perua à escola, a maioria chega e vai embora de carro.

Descrição do espaço físico da escola

Entrando na escola podemos ver ao lado direito um campo de areia, grudado ao campo uma quadra de cimento, mais adiante tem diversas árvores, contornando o terreno da escola têm uma cantina, um espaço tipo varando com mesas, as salas de aula, dois banheiros, refeitório, biblioteca, sala dos professores que fica entre as salas de aula. Entrando na escola, do lado esquerdo vemos uma árvore, um tanque de areia pequeno, um parque de areia com balanças, escorregador, brinquedos de madeira (casinha, ponte de madeira), e um brinquedo de ferro de se pendurar (com argola). Mais à frente, ao meio mais à esquerda fica a coordenação, a secretaria, a máquina de xerox, computadores, uma sala pequena tipo laboratório (com pia), uma outra sala bem pequena (com uma mesa redonda e cadeiras), um espaço que tem uma fonte com pedras, água no chão, com plantas cercado por uma espécie de telinha (lembra um borboletário pequeno).

A escola é decorada por, pelo que suponho, trabalhos feitos pelas crianças, por exemplo: móbile de borboletas formando uma cortininha na coordenação, esculturas de ferro entre as plantas, objetos de cerâmica, cabeças/esculturas de um tipo de massa de papel pintadas em prateleiras na parede, placas de madeira (escritas/desenhadas com canetinha) indicando/ alertando sobre a presença de lagartas fixadas ao pé de algumas árvores, entre outros materiais.

1º dia na escola – conversa com a diretora

24/03/2008 Quinta-feira

Tínhamos (Marília e eu) uma reunião marcada com a diretora e dona da escola, às 10hs da manhã. Chegamos e o portão estava encostado, um senhor bastante simpático estava sentado do lado de dentro da escola próximo ao portão, pedimos para entrar explicando que tínhamos uma reunião/conversa marcada com a diretora, simpaticamente ele nos disse para entrarmos, sem nada perguntar. A secretaria estava aberta e sem ninguém, então, esperamos pouco tempo e a diretora nos viu e veio falar conosco; ela disse que quase havia desmarcado a reunião, mas que como não teve como se comunicar com a

gente, iria atender-nos brevemente, pois estava com uma visita meio inesperada na escola. Ela nos perguntou sobre nossas disponibilidades de horário e um pouquinho sobre nossa pesquisa (bem pouco, só o título basicamente). Disse que ela e a professora da turma iam nos receber, mas que elas eram bem exigentes com estagiárias, e que elas iam querer um retorno nosso. Iam querer saber o que observamos e conversar sobre isso. Este 1º encontro/contato foi breve, durou aproximadamente uns 15 minutos, e não conhecemos nem a turma (3ª série/ 4º ano do ciclo) e nem a professora Antônia com a que estavam em um passeio. Marcamos uma próxima visita para segunda- feira às 9:30 hs para conhecermos a turma e a professora que observaríamos.

31/03/2008

1º dia na sala de aula - Conhecendo a turma, a professora e outros espaços da escola

segunda-feira

1º dia de observação na sala de aula com a turma

- Sala pequena
- biblioteca pequena

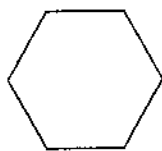
20 crianças, 13 meninos e 7 meninas “todas as crianças da turma são brancas, só um menino tem a pele mais escura”

Na roda a professora citou algo como um índio que viveu este período (1500 à 1900) e as crianças disseram 400 anos 4 séculos ele viveu

Trabalham com projetos, por temas o tema do atual semestre é fio.

Há trabalhos com barbantes na sala, cabideiro de mochilas na parede, um mapa mundi, um armário pequeno tipo prateleira com cadernos e fichários das crianças. Uma lousa verde menor e uma preta maior, papel com perguntas e respostas que a turma fez para o diretor de uma fábrica de embalagens que foram visitar na semana passada. Roberto (o diretor) é pai de uma das alunas da sala. São usados fios (um tipo especial) para a fabricação das embalagens na fábrica.

- Duas estantes pequenas de madeira na frente da lousa com materiais, seis mesas sextavadas com cadeiras plásticas que cabem 6 crianças sentadas.



No dia observado havia 3 crianças em cada mesa aproximadamente.

A sala de aula é pequena, o chão é de cimento liso, as paredes são pintadas a parte inferior de verde e a posterior branco tem dois ventiladores de parede e três vitrôs razoavelmente grandes considerando-se o tamanho da sala. Na parede do lado exterior da sala tem um trepadeira de flores (muito bonita)

O espaço físico da escola não pareceu-me muito grande. Tem a parte da coordenação, as salas de aula, uma biblioteca que fica fechada, parque com brinquedos na entrada, sala dos professores entre as salas de aula (acessível), dois espaços semi abertos com mesas (um parece servir para aulas de arte, trabalhos manuais e o outro como refeitório).

Há uma cantina que vende lanches e uma cozinha onde é feito o almoço para as crianças que ficarão no período da tarde. Uma quadra e um espaço razoável de grama e areia, há também bastante planta e árvores.

A biblioteca é pequena e pelo que pude perceber fica fechada. Só é aberta quando é dia da turma pegar livro (as turmas vão com a professora e esta organiza a retirada dos livros, não há uma pessoa permanentemente responsável pela biblioteca, as crianças não a frequentam quando querem).

Atividades

- Despedida da funcionária da escola, todos os alunos e funcionários da escola organizam uma homenagem/despida para uma funcionária que está deixando a escola.
- Voltando a sala de aula as crianças são orientadas a escrever uma carta ao diretor Roberto da fábrica que visitaram em grupos
- Roda na Biblioteca no final do período de aula para a troca de livros.

03/04/2008

Quinta feira-2º dia na sala

A aula começa com uma roda de conversa sobre respeito entre os colegas, após uma longa discussão na qual as crianças se colocaram e a professora orientou .

Todos sentados em grupo para corrigir a lição de casa que era sobre uma notícia retirada da internet pela professora – “Teia de Aranha pode ser matéria prima para indústria “ de Giselle Chassot

As crianças foram lendo, cada parágrafo uma criança, e a professora explicando e comentando o texto.

{as crianças as vezes corrigem a professora. Percebi que alguns não se sentem “inibidos” para fazer isso}

[Tem ábacos no armarinho de madeira da sala, um ábaco por mesa ou grupo (p/ cada 3 ou 4 crianças)

Projeto Fios

- Fios internos do corpo
 - Fios externos do corpo (pelos, cabelos...)
 - Fios da natureza (cada grupo está fazendo uma pesquisa sobre um tema: lã de ovelha, crina de cavalo, teia de aranha, taturana, bicho da seda).
- (foram a fábrica de embalagens para ver como os fios se transformam em embalagens plásticas)]

A professora foi vendo com as crianças a parte mais importantes do texto e foi pedindo para elas grifarem em seus textos que estavam colados nos cadernos.

A lição de casa foi para as crianças resumirem a notícia que leram. Os ajudantes do dia (dois) recolheram os cadernos de português e os colocaram na prateleira.

A aluna Clara trouxe uma música (um rap) sobre o rádio e cantou para a turma (pelo que percebi por livre espontânea vontade ela o trouxe). A turma reclamou um pouco dizendo que não conseguiram entender que ela cantou, a professora disse que ficou mesmo um pouco difícil de entender e orientou-a a ensaiar o rap e voltar a apresentar para a turma.

Na Segunda feira um grupo de crianças irá apresentar uma pesquisa que fizeram sobre os **pelos das plantas**

Na Terça feira – **pelos de animais**, então, hoje alguns alunos vão para o computador para terminarem o trabalho que será apresentado na Terça.

Na Quarta – **ninhos de pássaros** os outros dias que não sei quais serão os outros temas (fios da natureza) serão apresentados: bicho da seda, teia de aranha, lã de ovelha, crina de cavalo.

Cada grupo escolheu uma forma de apresentar a sua pesquisa, cartaz, fotos, power point. Optaram por um tema dentre os que foi sugerido pela professora.

A professora organiza/orienta o trabalho das crianças e cada grupo de alunos vai trabalhar em uma coisa, vão fazer o que não terminaram. As crianças ficam “livres” cada uma nos grupos dispersos por diferentes espaços da escola fazendo suas atividades.

(As crianças chamam a professora pelo nome, ela pede para que a chame pelo nome.)

As crianças são chamadas para voltar a sala e voltam sem que a professora tenha que se esforçar muito. A professora entrega os cadernos com lição de casa corrigidas (o resumo da notícia) e pede para eles guardarem os cadernos na prateleiras/armário. Colocam os fios da natureza (etiqueta com isso escrito) e um pedaço de fio no seus carretéis.

Lição de casa para melhorar o desenho. Recebem uma folha com figuras (recortadas de revistas) de seres humanos/corpos cortadas ao meio (incompletas) e são orientados a completarem as figuras desenhando de maneira caprichada. Esta atividade foi feita pela professora de manhã antes da aula nas salas dos professores.

Novamente a turma se organiza em roda no fundo da sala e a professora continua a leitura de um livro sobre um gigante que cuida/trabalha com sonhos – BGA (Bom Gigante Amigo) do escritor Roald Dahl, que escreveu As bruxas, A fantástica fábrica de chocolate, entre outras histórias.

08/04/2008

Terça Feira - Terceiro dia na sala

- Roda de leitura no fundo da sala, continuação da leitura do livro BGA (até as 8:30)
- 8:30 horas – aulas de inglês sobre nomes de esportes (caça palavras e forca na lousa)

(O aluno que tem Síndrome de Down fica parece-me que “livre” para sair da sala e voltar quando quer. Na aula de inglês ele fica no fundo da sala plantando bananeira. A profª de inglês pede para que ele se sente, algumas crianças também falam com ele para ele parar.)

Mais ou menos 9hs termina a aula de inglês.

Na lousa um cartaz/folha A3 datada de 04/04 – Sexta passada com o título: Tipos de linha – lição de matemática
A atividade era composta por várias fotos de construções (exemplo: prédio, torre Eiffel, pontes) e tinha dois itens:
contornar de caneta colorida as linhas que encontrar nas fotos das construções



- a maioria das crianças levam lanche de casa p/ escola
- o sinal (campainha não muito alta) toca para o recreio, entrada
- as crianças escreveram no caderno uma avaliação do grupo que apresentou as pesquisas sobre as linhas da natureza e as lêem hoje. Crítica negativa e elogio são os pontos da avaliação. O grupo que apresentou o trabalho também se avalia, a professora também (ela cita pontos como autonomia e organização do grupo)
- A professora Antônia sorteia quem vai levar o livro com o registro das atividades, do trabalho que a turma vem fazendo. Este livro é do tamanho de uma folha A3 e tem fotos, as atividades, textos, etc. (é um registro do trabalho que vai sendo desenvolvido pela turma). Pelo que pude ver no livro, a turma através do tema Fios, estudou *medidas*.
- O grupo 2 – apresentou a pesquisa sobre pelos de animais, eles p/ fazerem a pesquisa tinham questões norteadoras e as foram respondendo ao longo da apresentação.
- A professora Antônia vai escrevendo as respostas na lousa conforme vai perguntando para a turma.
- Depois de terem copiado as respostas a turma – foi orientada a fazer a avaliação do grupo 2.
- Dar uma nota e explicar o porque.
- O 5º ano (4ª série) comentou uma atividade que a turma do 4º ano havia feito. Era uma atividade denominada Atrás da Porta.
- Lição de casa – fazer dobradura no formato de uma andorinha... trabalharão figuras geométricas na Quarta feira (09/04/2008). As crianças recebem uma folha xerocada com a atividade e um pedaço de papel dobradura verde.

Reflexões 15/04/2008

- Participação dos pais- parece-me ser incentivada, já que, são comunicados do que seus filhos fazem.
- as crianças participam, elas tem voz, tem oportunidade de falar, se expressar, dizer o que pensa.
- A autonomia que as crianças tem (parece advir) do contexto fornecido pela escola. As crianças podem circular pela escola sozinhas sem necessariamente um adulto estar fiscalizando.

4º dia na sala

- Roda de leitura → continuação da leitura do livro BGA pela prof. Antônia
- Pelo que pude perceber ao ver uns bilhetes que seriam enviados aos pais, estes constantemente são comunicados do que seus filhos estão fazendo (do trabalho que vem sendo realizado por eles).
- A apresentação das pesquisas feitas pelas crianças (em grupos de dois, ou três) são guiadas por perguntas orientadoras.
- As crianças trocam de grupos com os quais sentam nas mesas de mês a mês.

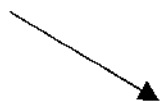
(Também olhando a gaveta de atividades/ tarefas vi que no final do semestre a professora (Bruna que foi profª da turma no ano passado) escreve um relatório individual sobre cada criança (trata de seu desenvolvimento, comportamento, etc) este relatório vai para os pais e para a professora que estará com a turma no ano seguinte.)

- O livro do BGA terminou hoje e a professora, atendendo o que alguns alunos pediram durante algumas leituras, pediu para que fizessem um desenho sobre o livro

→ o BGA, e/ou Sofia, e/ou os Nove Gigantes, e/ou a Rainha (todos personagens do livro)

Antônia usou durante a leitura, parte da história (trecho que falava da profundidade do buraco para colocar os 9 gigantes maus) e explicou a decomposição de uma multiplicação

$$18 \times 9 \rightarrow \text{nº de gigantes}$$



tamanho
do gigante

A profª pergunta : “Quanto é 10×9 ?”

As crianças respondem: “90”

“Quanto é 8×9 ?”

Alguns respondem: “72”

E ela explica: - “A soma disto ($90+72$) dá?”

Resposta: 162

Após o recreio:

- 1- Responda as questões abaixo e faça uma avaliação do grupo anterior que apresentou a pesquisa (não sei qual, foi na aula que eu não estava) com nota de 0 a 10 e justificativa.

Hoje:

- apresentação do grupo 6
- Correção ortográfica de um texto sobre aranha entregue para as crianças em xerox. (As crianças tem um caderno de Português, um de matemática, um de projetos, um de desenho e um fichário com dividido em plásticos onde colocam as folhas de atividades e lições de casa avulsas.)

17/04/2008

5º dia na sala de aula

Quinta-feira

[As aulas geralmente começam com uma roda de leitura, que dura entre 30 e 60 minutos.

- Os trabalhos (cartazes, desenhos) feitos pelas crianças ficam expostos na parede lateral da sala.
- Tem relógio e calendário na sala também.
- Algumas crianças tem material (estojo, caderno, mochila) de personagens. Ex. Barbie, Pucca, Power Rangers, Hot Wells. Mas, não é a maioria.
- A sala de aula é exclusiva da turma, todas as turmas da escola tem sala de aula própria, que só é usada por esta ou aquela turma.]

- Havia uma pergunta na pesquisa da Clara sobre o bicho da seda que era: “Quanto o bicho da seda produz de fio por dia?”

As crianças tinham a informação de que o bicho produz entre 1500 e 1600 metros a cada 2 dias. A professora perguntou então: “Quantos metros o bicho produz em 1 dia?” As crianças começaram a dar palpites sobre a resposta. A professora ‘organizou’ e disse:

- “Quanto é 1000:2?”

Algumas crianças respondem: - “500”

E ela questiona: - “E quanto é 500:2?”

Crianças e ela: - “250”

Professora: “Então ele produz 750 (500+250) metros de seda/fio.

E repete o mesmo processo de decomposição da divisão para o número 1600 metros.

- Atividade de sala no caderno de português

1. Faça um texto livre ou se inspire no título: “Os gigantes canibais” (mínimo 20 linhas)

A prof. diz às crianças que o texto pode ser uma história, um texto argumentativo, poesia, etc. Usando pontuação, principalmente a vírgula, corretamente.

(- As crianças se provocam em vários momentos, a turma se divide em “panelinhas”, pequenos grupos. Alguns grupos de crianças (1 de menino e 1 de meninas) se uniram, segundo a professora, porque “sobraram” na turma.

- A professora utiliza os materiais que as crianças levam para a escola. Um aluno levou um texto que achou interessante sobre a vírgula. A professora trabalhou/leu e comentou o texto com as crianças e eles colaram o texto no caderno.)

- A professora fica em pé em frente à turma na maior parte do tempo, mas ela também circula entre as crianças e as mesas em alguns momentos.
- As crianças falam bastante, perguntam, opinam e a professora os escuta. Elas ficam bem mais quietas quando estão fazendo alguma atividade individual (ex: a produção do texto citada anteriormente).
- As crianças tem a possibilidade, e assim fazem, de circular pela sala. Elas não são chamadas atenção a cada vez que levantam, só as vezes.
- Na entrada e saída de aula vários pais circulam pela escola, acompanham seus filhos às salas.
- Não escuta-se muito barulho exterior durante a aula/na sala de aula.
- Durante a aula a professora corrige as atividades das crianças, enquanto elas fazem as outras tarefas. *1
- Conforme terminavam o texto iam levando para a prof. corrigir. Os alunos que terminavam iam pegando outra atividade (de matemática- a lição foi montada, tirada de um livro e xerocada).

As crianças ficam um tempo tentando fazer a atividade (sobre linhas/retas/formas geométricas). Alguns conseguem fazer alguns itens, outros perguntam bastante, mas tentam fazer. Outras crianças terminam o texto fora da sala durante a correção desta atividade de matemática, pois ainda não haviam acabado de fazer o texto (estas crianças nem chegam a fazer a atividade de matemática, apenas copiam-na da correção).

A sala fica tumultuada antes da prof. começar a referida correção. A prof. vai fazendo a correção com a turma e colocando na lousa. Ela desenha, em alguns momentos, para explicar. Quando a resolução de um dos itens da atividade fica confusa (item para localizar as ruas), a prof. diz que não gosta de livro didático.

Referência: Livro didático de 5ª série. Matemática para todos. Luiz Márcio Imenes e Marcelo Certari Lellis.

Um dos itens da atividade abordou polígonos. A prof. pediu para as crianças trazerem para a escola embalagens que fossem polígonos. Para já começarem trazer, e que se encontrassem alguma que não fosse polígono para trazer também.

- Outra atividade que a prof. propõe:

Em uma folha sulfite escrever *polígono estrela*

Instruções:

1. desenhar na folha espalhados 14 pontos no mínimo (deve haver pontos no centro, não pode ser só em volta).
2. juntar/unir todos os pontos com todos os pontos e no final todo mundo vai encontrar pelo menos uma estrela de 5 pontos.

As crianças vão tentando fazer, pedem ajuda para a professora, para os colegas e para mim. A prof. vai corrigindo as produções de texto das crianças que tinham ido acabar o texto fora da sala, simultaneamente as outras crianças vão até ela perguntar sobre a tarefa. Ela vai os ajudando a encontrar a estrela na folha deles e os orienta a passarem a caneta colorida na estrela encontrada para destacá-la.

A professora me pergunta se eu posso ajudar as crianças a encontrarem as estrelas, eu digo que sim e tento ajudá-las, apesar de quase não conseguir encontrar as estrelas entre os traçados das crianças.

Conforme as crianças iam realizando a tarefa (ou seja, encontrando suas estrelas e contornando-as) a professora ia colocando fita adesiva atrás das atividades e colocando-as na lousa (fazendo uma exposição das atividades).

- As crianças fizeram os pontos e os ligaram para acharem o polígono estrela com ajuda da professora.
- Lição de casa de português e desenho.

Reflexões do 4º dia 17/04/2008

As crianças avaliam umas às outras, às vezes criticam e deboçam.

*1- Parece-me que todas ou quase todas as lições/atividades feitas pelas crianças são corrigidas. Ou seja, as crianças tem um retorno das coisas que fazem.

22/04/2008

6º dia na sala - Observações

- A professor auxiliar (Helena) é que ficará com a turma. A Antônia hoje e amanhã está em entrevista com os pais e alunos.
- No caminho para a sala a Helena me diz que hoje é o dia para ela, que já havia rezado bastante e que a turma era muito difícil.

(As crianças vêem o Joaquim como gênio/como muito inteligente.)

- A Helena tenta começar a roda de leitura

→ Novo livro: Matilda de Roald Dahl

Ela fica +- 20 minutos na roda tentando começar a leitura. Diversas vezes ela fica pedindo/esperando silêncio (coisa que a Antônia não fica pedindo, ela começa e a turma vai se “acalmado”) mas, as crianças não ficam mt quietas mesmo.

- A Helena dá um sermão na turma (diz que os observadores, uns que fazem um projeto de leitura em várias turmas da escola, reclamam sempre da turma deles e que é para eles pensarem nisto. Porque eles estão desrespeitando os profs., que todos na escola escutam a Antônia gritando com eles).
- Ela começa a leitura e várias vezes para esperando o silêncio. As crianças como de costume comentam durante a leitura (quase o tempo todo, como fazem com a Antônia) a prof. auxiliar se incomoda bastante com as interrupções/comentários das crianças.

*2 Ela diz para as crianças que vai começar a descontar tempo de lanche deles, a fim de conseguir silêncio. E até que funciona.

- A história do livro Matilda é a história de uma menina (de 4 anos) muito inteligente que lia muitíssimo e que os pais não ligavam muito para ela. Em um trecho da história que diz que Matilda havia ficado muitas horas lendo (devorando vários livros), o aluno Joaquim diz –“Eu também, eu devoro vários livros.”

Na citação de um dos livros que a personagem havia lido “O jardim secreto”, Mariana (menina) outra aluna que parece se destacar na turma, apesar de eu achar que ela não seja reconhecida pelo grupo como Joaquim (menino), como super inteligente, diz que está lendo este livro citado -- “O jardim secreto”.

- As crianças como de costume reclamam do Fernando (que tem Síndrome de Down) quando ele arrota ou solta pum.

- Quando as crianças se agitam a Eliana diz a eles que se não conseguir ler o 1º capítulo pelo menos, eles ficarão lendo no recreio.

- A prof. Helena termina o 1º capítulo e faz chamada.

A prof. de Inglês chega 8:20hs e pergunta se a turma quer fazer uma brincadeira. Ela fica falando alto e tentando explicar a brincadeira, diz: -“Eu só vou explicar 1 vez”. E depois de um tempo eles começam a participar (quando a brincadeira começa).

- Alguns meninos ficam brincando entre si, colam um papel nas costas de um deles (o Fábio) escrito ‘Me Chute’ e ficam dando risada. Quando outras crianças da sala vêem elas dão risada também.

A prof. de inglês diz:

- “Olha o silêncio!” – “Eu vou acabar com a brincadeira se ficar barulho!”

-“Eu não vou mais brincar nesta sala! Sem gritaria!” Isto ocorre após as crianças falarem a o mesmo temo, e do Carlos subir na cadeira para ela o escolher para ir à lousa participar da brincadeira.

Prof. diz novamente em outro momento: - “Silêncio! Deixa eu falar! É a última vez que vou avisar, se ficar barulho eu nunca mais vou trazer brincadeira nesta sala.” – “Gente faz silêncio pelo amor de Deus!” – “É para sentar e fazer silêncio!” (ela grita)

– “Na aula que vem se vocês quiserem brincar, terão que merecer.”

- A aula de inglês termina e a Helena retorna para a sala

- Chega a hora do recreio.

Atividade de matemática (foi entregue às cças e eu olhei e escrevi)

- As crianças tiveram que desenhar um paralelepípedo e uma pirâmide na folha xerocada que receberam, pois estava faltando (saiu apagado no xerox). A Helena desenhou as figuras na lousa e eu a ajudei com o paralelepípedo. Ajudei as crianças também. Depois disto a Helena começou a leitura da folha que trata de polígonos e é continuação da atividade do dia 17/04 (quinta passada)

Atividades 18/04 matemática

1. Acompanhe as instruções e pinte os quadradinhos:

a) 3 verticais para baixo

b) 2 horizontais à direita

... tinha até a letra k)

Havia estas instruções e uma folha quadriculada

- Após o recreio continua a leitura da folha.

Durante a leitura, algumas crianças (que eu lembro o Joaquim) começam a perguntar sobre polígono:

- “Polígono tem que ter um quadrado? Tem que ter retângulo”

Eles já haviam visto um texto sobre polígono, que definia o que é polígono, e mesmo assim não sabiam.

A Helena fica perdida para passar/orientar as atividades, porque não vinha acompanhando o que a turma vinha fazendo. As crianças a criticam, questionam. As

meninas (que eu estava na mesa) comentam entre si irritadas: “Mas, a Helena não entende nada!”

Joaquim diz, quando a professora auxiliar fala que não está preparada (que não havia se preparado para trab. Polígonos, pois recebeu o material de manhã logo antes da aula):

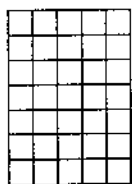
-“ Mas, você não fez faculdade?”

Helena explica que não se aprende todos os conteúdos que se irá ensinar na faculdade (ela é formada em pedagogia na UNICAMP) e se remete a mim dizendo: - “Não é mesmo Carolina? Eu concordo com a cabeça.

- Após bastante agitação e esclarecimento sobre o que é para fazer, eles iniciam a atividade. Que é seguir as orientações dadas por um colega em escrito (as orientações feitas no item 2 da atividade proposta no dia 18/04, anteriormente a descrevi).

Cada criança recebeu uma folha quadriculada e foi seguindo as orientações do colega que estavam em folhas separadas (e foram distribuídas aleatoriamente entre eles).

Exemplo:



Orientações de um colega:

13 horizontais, 15 verticais para baixo,

1 horizontal para esquerda, etc

Deviam seguir as orientações e ir pintando na folha quadriculada.

- Eles vão fazendo, pedindo ajuda, comentando o que estão fazendo, mostrando para os colegas, indo às outras mesas e pedindo para ir ao banheiro (vários ao mesmo tempo, a prof. não deixa).

- O aluno Fernando pergunta: - “Existe vertical para o lado?”

Prof.: - “Não, vertical é para cima e para baixo. Para o lado é diagonal.”

Depois, o aluno questiona/tem dúvidas que seja isto e a prof. e o aluno com a ajuda de alguns outros colegas) chegam a um acordo do que é de fato vertical, horizontal, diagonal.

- O aluno Joaquim, em diversos momentos, fala com a prof. auxiliar e com a turma orientando, explicando alguma coisa da atividade que estão fazendo.

(- Uma vez por semana (no caso desta turma 2ª feira) as crianças almoçam na escola e ficam no período da tarde até às 14:30 hs. Fazem atividades revezadas: matemática, malabares, animação com outros professores.)

- Enquanto a Helena não passa a próxima atividade alguns lêem Gibi (tem uma caixa deles na sala). Ela diz que está se organizando e que já vai iniciar a próxima atividade, as crianças ficam em silêncio neste momento.

A prof. auxiliar se incomoda com o fato de durante aula as crianças irem até um gaveteiro plástico que fica no armário na frente da sala pegar coisas, materiais, folhas de atividades. Ela diz que não é pra eles ficarem mexendo nas coisas da Antônia sem pedir.

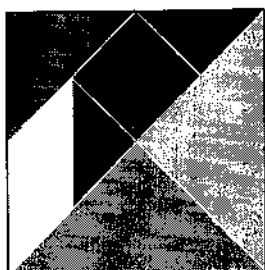
- Pelo que pude perceber as crianças estão razoavelmente acostumadas a fazerem isso e a Antônia não as chama a atenção/ou fica tão brava/incomoda.

*2 Reflexões: Por isto, penso que o silêncio/tranquilidade/ordem/calmaria são essenciais para a professora auxiliar. Já para a Antônia não percebi muito isso/essa necessidade. Quando ela está na turma as coisas acontecem desta forma (agitada mesmo, cheia de interrupções), ela lida com isso parece que melhor que as outras professoras (a Cris de inglês e a Helena auxiliar).

- Próxima atividade:

Recortar as figuras da folha que receberam e formar figuras

Era um Tangran (7 formas geométricas)



- A turma está bem tranqüila neste momento, eles vão experimentando e formando e tentando formar figuras, a Helena circula entre eles e os dá idéias, olha o que fazem.

No caderno de matemática

Lição de casa

1. Resolva as contas

a) $7943 \times 6 =$

b) $9031 \times 6 =$

c) $1432 \times 6 =$

d) $5586 \times 6 =$

e) $9643 : 6 =$

f) $12142 : 6 =$

g) $7036 : 6 =$

h) $22030 : 6 =$

2. Conferir o resultado fazendo a conta inversa e/ou usando a calculadora

3. Estudar a tabuada do 6.

22/04/2008 Reflexões

- O aluno Joaquim (visto como o inteligente por grande parte da turma) se identifica com a personagem Matilda, menina super inteligente, do livro que iniciaram na roda de leitura.

A aluna Mariana parece não ser tão reconhecida pelo grupo como inteligente quanto o Joaquim. * questão de gênero

- Parece que a Antônia trabalha razoavelmente bem com a turma falando, comentando praticamente o tempo todo. Ela grita às vezes, mas o silêncio "total" não parece ser essencial para ela prosseguir seu trabalho. Já as outras professoras (Cris, prof. de inglês e Eliana, prof. auxiliar) pedem silêncio quase em grande parte do tempo. O silêncio parece essencial para elas, penso que elas não conseguem trabalhar no barulho, na agitação.

*2 Por isto, penso que o silêncio/tranquilidade/ordem/calmaria são essenciais para a professora auxiliar. Já para a Antônia não percebi muito isso/essa necessidade. Quando ela está na turma as coisas acontecem desta forma (agitada mesmo, cheia de interrupções), ela lida com isso parece que melhor que as outras professoras (a Cris de inglês e a Helena auxiliar).

24/04/2008

7º dia na sala quinta-feira

Horário 7:35hs

- Roda de leitura da 7:45 às 8:15hs

(Continuação do livro Matilda → a prof. Antônia fala algumas vezes que não vai dar para continuara a leitura se as cças não colaborarem. Ela diz que se ela não conseguir falar ela não vai fazer a leitura e todos vão sentar nas mesas.

A prof. disse para a turma que o que ela conversou com eles e com os pais na reunião individual de cada aluno passa a valer a partir de hoje. E que é para eles começarem a se sentar sem ser nas panelinhas de costume, é para sentarem-se com outros colegas.

- A prof. vê e mostra para a turma a lição de casa de um por um dos alunos. A atividade era criar polígonos com Tangram, montar uma imagem na folha A3 usando as sete formas do Tangram. Eles tinham também uma folha xerocada com várias figuras de modelos de imagens criadas à partir do Tangram.



A professora passa de mesa em mesa e mostra a atividade (imagem que montaram) de cada de um por um para a turma toda. Só uma criança (a Silvia que tem alguma deficiência mental não aparente) não havia feito a lição de casa, a prof. diz para ela fazer na hora e ela fez.

Os 2 ajudantes do dia recolheram estas tarefas de casa e entregaram os cadernos de projeto nas mesas. Um dos ajudantes (o Joaquim), ao ver a aluna que não havia feito a lição de casa fazendo-a, a censura/repreende dizendo:

-“Silvia! Você nunca faz a lição de casa!”

- A prof. Antônia chama a atenção das crianças para a organização dos cadernos (cita a questão de pular e pintar as linhas entre uma atividade e outra, a colagem das folhas de atividades ou textos no caderno de maneira que elas caibam e não fiquem amassadas).

- A aluna Clara traz um Tangran colorido de madeira para a escola. A prof. diz que eles vão poder usar durante o recreio.
- Uma prof. de outra sala (Margareth) entra na sala par pedir uma dica/idéia para a prof. Antônio. Não consegui ouvir sobre o que era.
- Na lousa - Correção das respostas da pesquisa do grupo que estou Taturanas e apresentou ontem. Antônio vai lendo as perguntas, perguntando para a turma, comentando ou complementando e escrevendo as respostas na lousa.
- O aluno Fernando fica para fora da sala, a prof. o chama, mas ele fica lá fora.
- As crianças chamam a prof. pelo nome e estranham quando alguém (por exemplo Eu) a chama de maneira diferente.
- A aluna Silvia ao copiar as questões da lousa fica um bom tempo na 1ª resposta, a prof. vai algumas vezes até ela e fala para ela copiar, para ela se concentrar (a lembra do que conversou com ela na reunião - sobre distração). Quando o espaço da lousa já está cheio e a prof. precisa apagar para poder continuar escrevendo as respostas, vai apagando aos poucos e olha para a Silvia que diz que já acabou de copiar a 1ª e já está na letra b). O aluno Joaquim, ao ver isto, diz: - "Você ainda tá na primeira?!" A professora o adverte/chama a atenção e diz para ele parar de ficar falando, e que quem tem que resolver/ver isto com a Silvia é ela. Silvia continua copiando e depois de um tempo diz: - "Antônia pode apagar a b) e a c) que eu já copieei. Vem ver! Vem ver!" A prof. vai até ela, olha o caderno e diz: - "Isto".
- Durante a correção surge comentário sobre a cor de olho e as crianças falam, se agitam, levantam. O barulho na sala aumenta, algumas crianças vão até a prof. comentar alguma coisa. A prof. fala com elas, as escuta e depois volta para a correção. As crianças voltam às questões.
- Em diversos momentos pude ver as crianças sem calçados, descalças. Na sala é comum vermos tênis e meias espalhadas pelo chão.

9:30 → hora do lanche

10:05 → voltam do lanche

- Durante o lanche não fica nenhum funcionário (aparentemente) supervisionando as crianças.
- Na hora do recreio a Antônio pediu para que o aluno Fernando fosse para a sala após o lanche.

Continuação da correção após o lanche

- Acaba a correção e a prof. diz para elas pularem uma linha, pintarem a linha e fazerem a avaliação do grupo que apresentou a pesquisa sobre a Taturana ontem.
- Depois d avaliação as crianças vão fazer um desenho de uma taturana com pêlos, proposta de um dos integrantes do grupo de ontem. A proposta era para ter sido feita ontem, após a apresentação, mas não deu tempo.

- A prof. olha os cadernos dos alunos com as avaliações do grupo. Lê e corrige os erros. As crianças trabalham enquanto isso, umas desenhando e outras terminando de fazer a avaliação.

- As crianças (Renato e Mariana) que dividem mesa com o Fernando reclamam dele/ com ele quando ele arrota e solta pum. Dizem:

-“Para Fernando! Que chato! Ninguém está gostando! Você é o cara mais chato da escola!

A professora pede para ele parar. Ele solta um pum muito fedido, as crianças reclamam e saem de esperto dele, um dos alunos (Fernando) “vomita, ou faz que vomita” no fundo da sala e depois ele busca papel para limpar e limpa. Passa um tempinho e Fernando sai da sala de novo.

Durante este episódio a prof. olha para mim e faz uma cara de: Ai que que eu posso fazer? – sua expressão não parece de desespero, nervoso ou algo parecido.

- Enquanto as crianças desenhavam a prof. lê as avaliações, uma por uma, em voz alta. Ela comentou, questionou, tentou entender as notas dadas e as observações feitas pelas crianças (já que não assistiu a apresentação do grupo, pois estava em reunião).

- Em um dado momento a professora diz: - “Guardem os gibis. Eu quero falar para 20 e não para 15”, e continua – “Sou eu que estou falando agora”, enquanto faz a sua avaliação e comentário do grupo. Quando termina, pergunta se eles acabaram o desenho (alguns não tinham terminado), e ela libera a leitura de gibi enquanto prepara a próxima atividade, que é com embalagens trazidas pelas crianças.

Neste momento, enquanto uns lêem, outros manuseiam o Tangran da Clara no fundo da sala, sentados no chão. A prof. estipula/dá 15 minutos para estas atividades (finalização desenho, leitura gibi e tangran). Terminando o tempo estipulado, ela diz para as crianças guardarem os gibis e o tangran para que eles possam iniciar a próxima atividade.

- A turma está estudando linhas:

Retas e curvas em diversas figuras

Título da atividade: Embalagens com retas e curvas

- A prof. vai pegando as embalagens, uma a uma, e classificando-as em polígono e não-polígono. Ela vai desenhando cada uma em folhas A3 e fixando na lousa.

Exemplo:

- não-polígono: copo e garrafa plásticos
- polígono: caixa de pasta de creme dental e caixa de lanche do MC Donald's

As crianças participam dizendo: - “É” , ou - “Não é” (polígono). Quando surge alguma que eles ficam em dúvida (ex: caixa de suco Kapo) a prof. desenha na lousa maior.

Embal



Terminando esta parte de classificação/categorização, a prof. explica o próximo passo e diz que será um exercício de Geometria, explicando que esta é uma outra área da matemática, e que necessita de um outro tipo de raciocínio.

A atividade: cada mesa/grupo terá uma das embalagens classificadas como polígono.

Orientações: as crianças devem olhar a embalagem *fechada* e desenhar na folha sulfite (cada uma na sua folha) a embalagem *como se esta estivesse aberta*. Imaginá-la aberta sem abri-la.

Pensar nas questões: Quantos lados será que a embalagem aberta vai ter? Quantas abas?

Conforme vão iniciando a atividade, as crianças perguntam várias vezes se é para abrir; o que é para fazer; dizem que não entenderam. A prof. explica de novo, diz que não é para abrir, dá um exemplo abrindo uma outra caixa e dizendo que é para elas desenharem a embalagem da mesa delas como se ela estivesse assim aberta.

Enquanto as crianças vão tentando fazer o desenho corretamente, a prof. vai passando nas mesas os orientando. Ela pergunta: - Será que é assim? Quantos lados tem a embalagem que você está vendo? Se a gente abrir como vai ficar?

Para os grupos que terminam de desenhar ela fala para abrirem a embalagem e conferir/comparar com o desenho que fizeram, e para arrumarem ou refazerem seus desenhos para que ficassem o mais próximo do real.

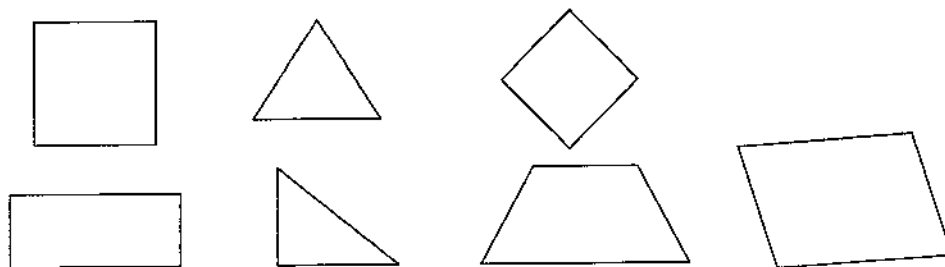
- 5 grupos tinham ficaram com um caixa de creme dental, e 1 grupo (Clara, Joaquim e Fernando) com o desafio, uma caixa de lanche do MC Doanld's. Alguns grupos se aproximaram mais do que é a embalagem aberta, um deles foi o que ficou com a caixa de lanche.

- A prof. comenta a atividade feita e passa para a lição de casa.

Lição de casa

Para ser feita na folha quadriculada que receberam

1. Pinte os quadradinhos de cores diferentes para formar as figuras abaixo:



Final da aula: 12:10 hs

25/04/2008

8ª dia Sexta-feira

Cheguei atrasada e a roda já havia iniciado

-Roda de leitura

-Aula de Educação Física

Durante a aula conversa com a Antônia

-Volta da turma

9:20 hs –Profª recolhe as lições de casa de ontem e inicia a correção das contas (lição de casa do dia 22/04)

Correção

-Professora pergunta quem conseguiu fazer sem ajuda nenhuma e quem precisou de muita ajuda. s/ ajuda- muitos levantam a mão c/ ajuda-ninguém levanta a mão

Na Lousa

a) $7943 \times 6 =$

$$\begin{array}{r}
 \text{m c d u} \quad >>>>>> \text{ processo longo} \\
 7 \ 9 \ 4 \ 3 \\
 \times 6 \\
 \hline
 1 \ 8 \\
 2 \ 4 \ 0 \\
 5 \ 4 \ 0 \ 0 \\
 4 \ 2 \ 0 \ 0 \ 0 \\
 4 \ 7 \ 6 \ 5 \ 8
 \end{array}$$

[A profª recolhe os resultados diferentes antes de fazer a conta com as crianças. Vai riscando (eliminando) os resultados ã possíveis.]

b) $9031 \times 6 =$ “Palpites” 54186/ 54096 >> Dificuldade de leitura do nº aparece

Explicação: $6 \times 9 = 54$ só que é vezes 9000; 54000

c)

d) $5486 \times 6 = 33516$

(como ã tinha outro resultado na sala e este era o certo, ela ã fez a correção na lousa)

e) $9643 / 6 = 1607$ e sobra 1

f) $12142 / 6 = 2023$ e sobram 4

g) $7036 / 6 =$ [resultados encontrados na sala: 1072 e 4 / 1172 e 4 / 117 e 1]

h) $22030 / 6 = 3671$ e sobra 4

[> eles ainda ã dividem com vírgula. ã dividem o resto, deixam um resultado inteiro]

-Termina a correção e os ajudantes do dia recolhem os cadernos

-Profª sorteia quem vai levar o livrão (com registros das atividades)

- Um dos ajudantes do dia entrega folhas do fichário uma para cada e eles perguntam se vai ter prova. A profª diz que sim.

-Briga e discussão – Clara e Eduardo

Ela fica muito exaltada, muito muito exaltada. O clima fica tenso.

Na folha coloquem o nome e a data e escrevam:

PROVA

1. Ditado de tabuada (escrevam nº de 1 a 20 no canto da folha)

A prof. vai ditando e as crianças devem ir colocando o resultado:

“5 x 5; 4 x 6; 3 x 7; 6 x 8; 5 x 9; 7 x 7; 4 x 4; 3 x 3; 5 x 7...” e assim vai ditando uma vez e repetindo mais uma vez cada multiplicação.

1 - 25

2 - 24

3 - 21

.

.

.

20 -

É interessante que as crianças não ficam nervosas com a prova, pelo menos não aparentam. OBS: Tem que saber de cor a tabuada.

2. Ditado de números (nº de 1 a 10 na margem esquerda da folha)
(profª fala estes números e eles tem que escrevê-los em números)

1 - 10432

2-

3-

. > “ 365890; 12763; 33700; 68000; 233401; 340000; 100000”

.

.

.

10-

(colocam apenas o resultado)

- No que se refere a citada tarefa, a professora explica o que vai acontecer, e enquanto explica algumas crianças falam ao mesmo tempo que ela, perguntando coisas. Ela diz:

- “Você está me interrompendo.”

As crianças questionam o jeito de fazer, reclamam, dizem que de outro jeito seria melhor. A professora explica que ela decide isto, já que, ela tem objetivos para propor o que está propondo e do jeito que está propondo. Explica seu objetivo que é ver o jeito que eles colocam/escrevem o algarismo.

- Termina o ditado e a profª recolhe as folhas para trocar entre as crianças.

-“Peguem a caneta para corrigir”, ela diz. Cada criança receberá a prova de um colega para corrigir, colocando ✓ na frente quando certo e X quando errado. Diz quanto vale cada item e diz que as crianças depois de mostrarem para ela conferir, colocaram a nota bem grande no canto de cima da folha.

- A profª vai fazendo a correção na lousa e as crianças vão conferindo as respostas de seus colegas.

Correção na lousa:

Tabuada

1) 5 x 3 = 15 ✓

.

X

.

✓

.

X

.

20) 4 x 5 = 20 ✓

(cada item vale 0,5 ptos – a profª diz que eles podem somar e colocar a nota)

Números

1) 10432

.

.

.

10) 100000

(cada item vale 1,0 pto)

Depois de corrigirem as crianças devolvem a prova para o dono conferir e corrigir.

-Próxima etapa – guardar atividades no fichário

(diversas atividades que ficam por um tempo em uma cesta que fica na frente da sala)

- Lição de casa no caderno de projetos

1. Pesquise e anote as respostas faltantes das perguntas a baixo:

(são as perguntas que não foram respondidas pelos grupos de pesquisa)

a) Para que servem os 'pêlos' da flor "Dente de leão" ? Desenhe-a.

x5 (pular 5 linhas)

b) As plantas com pêlos existem desde os dinossauros?

x5

c) O que deixa os pêlos dos animais brilhantes?

.

.

g) Quanto tempo vive o bicho da seda?

29/04/2008

Quinta-feira 9º dia na sala

- Cheguei atrasada na escola (7:50) e estava acontecendo a roda de leitura. Resolvi esperar terminar a roda para entrar na sala, pois não queria tumultuar.

- Entrei na sala junto com a professora de inglês (8:20).

Aula de inglês

- caça-palavras individual, não era para ficar olhando o do colega.

No decorrer d atividade algumas crianças reclamam: - "O fulano está copiando professora!"

O caça-palavras é sobre o nome de cores e formas (triângulo, círculo, quadrado...)

→ Certo dia presenciei a professora Antônia conversando com a professora de inglês (Cris) e dizendo para ela trabalhar os nomes das formas em inglês.

Passado um tempo de atividade, a Cris diz que eles podem ajudar uns aos outros. O grupo das meninas (pois só tem 1 menino) não deixa um outro colega ver suas respostas.

9:10 hs – termina a aula de inglês

- A prof. Antônia entregou várias atividades feitas para as crianças guardarem em seus fichários, que são separados/divididos por plásticos: 1 de português (etiqueta azul); 1 de matemática (etiqueta vermelha), 1 de projeto (verde), 1 de inglês e 1 de desenho. E após o recreio continua a distribuição das atividades.

- Os fichários são recolhidos e o desafio de ontem é distribuído pelos ajudantes.
 - Antônia vai para a lousa e desenha uma tabela. O aluno Gustavo vai até ela e diz algo, ela responde: -“Eu sou a professora aqui. Você não precisa me dizer o que eu tenho que fazer.” E retoma o que estava fazendo.
 Explica o que é *lucro*, pois diz que muitos não entenderam ontem.

Carro	Comprou	Vendeu	Lucro
1	278,00	1425,00	1147,00
2	118,00	760,00	642,00
3	111,00	999,50	888,50
4	86,00	699,50	613,50
5	637,00	1649,50	1012,50

- A professora arma e resolve todas as contas na lousa.
 Ao comentar sobre o que algumas crianças fizeram ontem, Antônia fala sobre a *subtração*, ela explica que não é possível tirar 6 de 0 (de onde não tem nada), e dá um exemplo concreto usando um pote de giz. Ela diz que é preciso decorar isso se não conseguir entender. Explica que não dá para tirar um n° maior de um menor, que não é possível tirar mais do menos.
 Esta atividade, o problema desafio, refere-se a um trecho do livro ‘Matilda’ que está sendo lido para a turma na roda.

Questão:

→ Quanto Sr. Losna (pai da personagem Matilda) lucrou ao todo?

A professora somou todos os lucros na lousa pedindo a ajuda das crianças, e coloca a resposta na lousa.

→ R: O lucro total é de R\$4302,50.

O referido problema estava escrito na forma de texto narrativo, e as crianças é que precisavam montar a tabela. (A professora montou para/com elas)

Cópia do desafio referido acima de 28/04/2008 (segunda-feira)

1- Resolva o desafio:

a) O Sr. Losna comprou o carro 1 por R\$278,00 e o vendeu por R\$1425,00.

O carro 2 custou a ele R\$760,00 e foi vendido por x.

O carro 3 custou a ele y e foi vendido por z, ... e assim por diante até o carro 5.

>Calcule quanto de lucro o Sr. Losna teve em cada um dos 5 carros. E quanto de lucro teve ao todo.

- Terminada a correção a professora distribui um texto chamado “Constelações”. Amanhã a turma vai ao planetário no Taquaral.

As são orientadas a revezarem a leitura do texto, uma cada parágrafo, e a professora vai levantando questões a partir do que vai sendo lido vai perguntando pontos do texto e a turma vai participando. Às vezes, eles se empolgam e a professora tem que dizer que o assunto agora não é o Sol, por exemplo.

- Em um momento, no meio da leitura, o aluno Fernando vai pedir para a prof. para ir ao banheiro, ela não deixa e ele sai gesticulando, reclamando e senta. A prof. fica brava e chama a atenção dele, ele resmunga baixo e ela pergunta para ele com a voz severa: - "Quem decide aqui se você pode sair ou não? Sou eu não sou?"
- Cada criança lê um parágrafo do texto conforme a prof. vai escolhendo, a prof. diz que não vai escolher quem ficar pedindo para ler.
- As crianças participam bastante, diversas vezes começam a falar várias ao mesmo tempo, e junto com a professora. Esta diz:
 - "Eu estou falando."
 - "Eu não cabe de falar."
 - "Você está me interrompendo!"
 - "Não é a sua vez de falar."
 - "Meu Deus! Vocês só sabem falar, não sabem ouvir e tem muita pressa."

O texto tem 3 folhas frente e verso e imagens coloridas e preto e branco, a prof. fala sobre as imagens. Cada criança recebe um texto. (questão materiais, infra-estrutura dada pela escola)

- Terminando a leitura, a prof. comentou sobre o passeio de amanhã e levantou algumas coisa que eles poderão estudar e fazer sobre o tema Constelações, Zodíaco.

Ex: podemos pesquisar na escola em que época do ano tem mais pessoas nascidas. E outras idéias/possibilidades foram levantadas.

- Os cadernos de português e de desenho são entregues pelos ajudantes.
- Na lousa:

Lição de casa

1. Veja a imagem na folha à parte.
 2. Invente com ela uma notícia de jornal. Dê uma manchete.
 3. No caderno de desenho cole a imagem e complete com desenho.
- (na folha à parte tinha uma foto de um senhor de uns 60 e poucos anos com um bigode bem grande branco, com as pontas grossas viradas para cima)
- Término: 12:09 hs

09/05/2008

10º dia na sala

- Roda de leitura
- Gravação Entrevista com Antônio
- Recreio (ficamos conversando com a Antônio e com algumas crianças no lanche)

Atividade

"Presente" do dia das mães

No sábado (amanhã) terá mostra cultural que será já comemoração para o dia das mães.

- São flores de pano com um alfinete atrás.

A profª distribui as flores que cada um havia feito para eles colocarem um fitilho para pendurarem na árvore amanhã. A escola toda fará isto.

- Feita a amarração das flores, a profª diz para as crianças podem/devem fazer, quem quiser, um desenho/bilhete para as mães, ou continuarem fazendo os teares que haviam iniciado outro dia.

Os teares são feitos em pedaços de madeira, nos quais as crianças pregavam e vão passando fios.

Fim da aula e não tem lição de casa. Isto é raro e as crianças fazem barulho e comemoram!

Anexo E - Anotações diário de campo Escola Pública

Observação da saída das crianças

Saída – 11:30 hs

Um guarda fica no portão e o portão fica fechado com cadeado, só é aberta para entrada e saída.

Várias crianças vão embora da escola de ônibus escolar financiado pela prefeitura ao que parece, outras vão sozinhas de ônibus circular, outras vão de perua escolar. Poucas vão de carro ou a pé.

As crianças que esperam a perua, ou que vão com algum adulto ficam brincando dentro da escola. As crianças que vão de ônibus circular ficam na rua da escola, esperando sentadas em uma esquina onde passa o ônibus.

Descrição do espaço físico da escola

Entrando na escola tem um espaço estreito com árvore e um banco, depois já nos deparamos com o prédio escolar. Há um corredor em que fica do lado direito duas salas de aula, a secretaria, a diretoria. Do lado esquerdo tem o banheiro dos funcionários e a sala dos professores. Do lado esquerdo externo da escola há dois banheiros para os alunos (feminino e masculino), uma sala com bancadas onde acontecem as aulas de educação artística. Há ainda, outras salas de aula, a sala de vídeo, uma quadra e algumas árvores. O espaço externo da escola é todo cimentado.

1º dia / Entrada na escola

Fomos diversas vezes à escola na tentativa de explicar o projeto de pesquisa, conversar com uma professora que aceitasse nos receber em sua sala e agendar uma data para iniciarmos as observações.

09/06/08 1º dia na sala de aula - Segunda-feira

1º dia no 4º ano (antiga 3ª série)

Profª Betânia - 63 anos

7:30 hs

Chego à escola encontro a professora na sala dos professores e vou com ela até a sala. Ela diz que a turma está esperando para me conhecer. Sou muito bem recebida pela professora e pelas crianças, que aguardavam a professora em com as cadeiras em roda no meio da sala.

Roda de conversa

Me apresento na roda e uma a uma das crianças também se apresentam, dizendo nome, idade e onde moram. A professora Betânia também se apresenta. Esse momento foi bastante agradável, me senti acolhida e super bem recebida.

8:35hs -termina o roda e as crianças arrumam as mesas e cadeiras em grupos de 4 aproximadamente, 7 grupos distribuídos na sala. As crianças levam um tempo para fazerem isso. Só não demoram mais pois estão habituadas a arrastarem e juntarem as carteiras diariamente. É o 3º ano delas com a mesma professora e o 3º ano se organizando desta maneira.

Na lousa a professora coloca o cabeçalho, desenha um calendário e marca os dias - se está sol, chuva.

Na lousa:

Campinas, 9 de junho de 2008

Dia de sol _____

E.M.E.F. _____

Nome da criança _____

Endereço _____

1º ano A do ciclo II

- A professora distribuiu os textos (redigido por ela a partir das falas das crianças sobre o episódio da EPTV- O combate da Venda Grande) e pede para que colem no caderno. A professora organiza a leitura do texto e vai anotando na lousa os nomes em ordem de quem levantam a mão para ler.

- várias crianças querem ler.

[Hoje → 27 crianças, ao todo são 29

Sendo: 12 meninas e 17 meninos, ao todo 29 crianças.

15 crianças são “**pardas**”

5 crianças são **negras**

9 são “**brancas**”

Este é o 3º ano que a professora está com a mesma turma.

Espaço da sala de aula:

-a sala de aula é espaçosa, tem vidros bem grandes que pegam uma parede inteira. Tem uma lousa de giz grande na frente, tem dois ventiladores de parede, tem 2 armários de ferro no fundo da sala (1 da turma do 4º ano e outro da 7ª série que usa a sala no período da tarde). A sala também é usada no período noturno pelo EJA. Tem mapas na parede da sala, as paredes são pintadas uma parte de verde claro em tinta óleo, e a parte de cima de branco.]

- Durante a leitura a turma do ciclo I sai para o recreio, o barulho externo é bastante ouvido no interior da sala.

- A professora fecha a porta da sala, olha pra mim e diz: “A arquitetura da escola não ajuda.” Realmente o barulho exterior é bastante grande e sentido dentro da sala. Isto atrapalha, agita a turma um pouco.

Após a leitura a professora faz algumas correções/ alterações no seu texto com a ajuda das crianças. Muda palavras, coloca vírgula e diz que errou sem problemas. As crianças também fazem sugestões de mudança no texto.

Depois um desafio é proposto na lousa. A professora diz que o desafio é Maria-mole mole.

Na lousa:

1. Copie do texto os nomes das cidades que são de origem indígena:

A professora pergunta quem já achou e pede para irem escrever na lousa.

Recreio – 9:30 horas

Volta recreio – 9:50 hs

Aula de educação física – dura 50 minutos

- as 2 turmas de 4º ano fazem aula juntas com 2 professores de Ed. Física, o Joaquim e a Sônia.

- Voltam para a sala e continuam a atividade de colocar as palavras indígenas do texto na lousa.

→ Itu, Itapetininga, Guaratinguetá, Sorocaba, Capivari, Piracicaba.

↓ ↓
pedra branca

↓
peixe

- Na lousa a professora começa a fazer uma lista de quem quer dançar na Festa Junina. Já escolheram a música “Xote das meninas” de Luis Gonzaga para dançar.

- 12 meninas e 12 meninos dançarão.

Propostas de critérios para parear:

(a prof. pede para as crianças darem sugestões e vai escrevendo na lousa)

Propostas	Sexo de quem sugeriu (F-feminino/M-masculino)
1ª- sorteio	M
2º - menina escolhe o menino; se houver concordância, forma-se o par	F
3º - caloca-se os meninos enfileirados; a menina, com os olhos vendados, apalpa e, pelo tato, escolhe o par.	F
4º - Sorteio- coloca-se os nomes dos meninos num papelzinho, dobra-se bem, joga-se para o alto e cada menina pega um,; com quem sair, é	M

o par.	
5º - Brincadeira de esconde-esconde: os meninos se escondem e as meninas procuram; o par é o menino que for achado pela menina.	M
6º - Gira-se uma garrafa vazia, na frente da pessoa em que ela parar, vai formando o par.	M
7º - Sorteio: coloca-se os nomes das meninas num saquinho e os meninos vão tirando.	F
8º - Os dois ficam vendados e ambos se escolhem.	M
9º - Pega-pegas: as meninas pegam os meninos; quem for pego é o par.	F
10º - No jogo de octoplus, as meninas pegam os seus pares	M
11º - Esconde-esconde: os meninos procuram as meninas	F
12º - cabra-cega: os meninos vendados acham as meninas, achou é o par.	M

- Sem mais sugestões, a professora diz para a turma que o professor de ed. Física havia perguntado se o outro 4º ano poderia participar da dança deles. Alguns, num primeiro momento, disseram não. A prof. Betânia diz que eles iriam decidir ainda, e que uma dança com bastante gente fica mais bonita. Um dos meninos diz: “Ah! Mas, eles formam par entre eles. Não com a gente.”

Na lousa:

Para casa

1º- Ler todos os textos da Venda Grande para fazermos o fechamento amanhã.

2º- Observar a sua experiência e escrever um texto final contando tudo o que aconteceu.

10/06/2008

Terça-feira – 2º dia na sala

Roda de conversa

- Betânia dá recados para a turma, sobre os passeios que farão semana que vem. Fala que um dos passeios eles ficarão devendo para a escola. Só a turma vai ao passeio. Farão uma rifa de uma abóbora (ganhada pela prof. Betânia) para poderem pagar o passeio.

- Betânia imprimir o material que distribui para as crianças, pelo que entendi, na sua própria impressora, e como acabou a tinta, hoje terão que copiar os bilhetes- sobre o passeio- da lousa, e um outro texto também.

- Faz inscrições de quem quer falar e vai abrindo para as falas.

- Aula de Educação Artística

Durante a roda chega a prof. de ed. Art. E leva a turma para uma sala que tem bancadas (2 mesas altas e compridas com bancos). A sala é azulejada, tem alguns materiais de laboratório (pipeta, tubo de ensaio, um esqueleto) e também material de artes (lápiz, pincel, canetinhas, papelão, caixas, telinhas) – as coisas não ficam muito organizadas. A sala tem vitrões grandes, tem uma pia com duas torneiras, tem uma lousa verde, um

ventilador, armários de parede. Os cadernos de desenho das crianças ficam nesta sala, chamada pela prof. de artes de sala de artes, e é distribuído no dia da aula.

- a prof. Vivian de artes distribui folhas sulfites impressas/ xerocadas com textos e imagens bem ruins, em preto e branco sobre Monet e Impressionismo. A prof. lê o texto e pede para que a turma acompanhe. A aula fica bastante tumultuada, o barulho exterior é muito grande, está havendo reforma no banheiro ao lado da sala o pedreiro está quebrando alguma parede, o ambiente sonoro é desagradável.

- apesar de não ser uma sala de artes de verdade, tem material (livros que podem ser guardados e mostrados para os alunos).

- Quando as crianças começaram a trabalhar, após a leitura e colagem das folhas xerocadas no caderno de desenho, termina a aula de educação artística, durou 50 minutos.

Na lousa:

Campinas, 10 de Junho de 2008.

Dia de sol _____

E. M. E. F. " _____ "

Henrique Silva Sauro

Rua do _____

Bairro Chácara da _____

(A parte que destaquei é para trabalhar com as crianças seus nomes completos e seus endereços, segundo a professora, ela descobriu que muitos não sabiam.)

Autorização

Autorizo meu filho a participar da visita ao monumento do Combate da Venda Grande e Museu da Cidade.

Dia: 18 de Junho

Horário: 7:30 às 11:30 horas.

Pai/Mãe.....

Campinas, 10 de Junho de 2008.

[Gênero: Uma das meninas escreve no bilhete “*Autorizo minha filha*”, a prof. vê acha interessante, gosta e diz que todos os bilhetes, os textos no Brasil são machistas e tal, e que inclusive ela havia sido machista no bilhete ao colocar “*autorizo meu filho*”.]

- Colagem do texto 9ª parte – *Combate da Venda Grande*. O texto foi redigido pela professora a partir dos comentários feitos na roda da conversa de ontem.

- Leitura silenciosa do texto

- Leitura em voz alta, cada criança lê uma parte do texto. Após o 1º aluno ler, as crianças falam para a professora: - “E a nota? E a nota dele?” A professora faz um sinal de que não com a cabeça e a leitura continua.

No decorrer da leitura, em um momento a prof. comenta comigo: -“A leitura com compreensão é fundamental.”

- Recreio

- Várias crianças almoçam no recreio, dificilmente tem lanche, na maioria dos dias tem comida. As crianças mesmas se servem. Uma das meninas da sala, Bruna, traz um lanche de casa, e fica comendo, algumas vezes, dentro da sala. A prof. me diz isso e diz que já conversou sobre isto com ela, com os pais, diz que é uma coisa chata isso. Que tem outro aluno, Gustavo, que também tem um poder aquisitivo maior na turma, mas que ele como com os outros.

- Em conversa com a professora, pude perceber que algumas crianças têm problemas em casa, no relacionamento familiar. Uma das alunas o pai foi encontrado morto a pouco tempo, ele batia na mãe, nelas e nas outras duas irmãs. A prof. disse que a mãe da menina bebe e que a menina está passando por um período difícil.

- Volta do recreio

- Votação para escolha de como serão formados os pares para a festa junina.

- A professora retoma as propostas feitas pela turma ontem, e organiza a votação.

As crianças escolhem a 9ª proposta, pega-pega: as meninas pegam os meninos; quem for pego é o par.

- Cópia da letra da música que dançarão. A professora passa na lousa.

Xote das meninas

(Luiz Gonzaga)

Mandacaru

Quando fulora na seca

É um sinal

Que a chuva chega no sertão

Toda menina

Que enjôa da boneca

É sinal de que o amor

Já chegou ao coração...

Meia comprida

Não quer mais sapato baixo

Vestido bem cintado

Não quer mais vestir de mão...

Ela só quer

Só pensa em namorar

Ela só quer

Ela só quer

Só pensa em namorar

De manhã cedo

Já está pintada

Só vive suspirando

Sonhando acordada

O pai leva ao dotô

A filha adoentada

Não come, nem estuda

Não dorme, nem quer nada...

Ela só quer
 Só pensa em namorar
 Ela só quer
 Só pensa em namorar
 Ela só quer
 Iô!ô!ô!ô!
 Ela só quer
 Só pensa em namorar...

Mas o dotô nem examina
 Chamando o pai de lado
 Lhe diz logo em surdina
 O mal é da idade
 Que prá tal menina
 Não há um só remédio
 Em toda medicina...

Ela só quer
 Só pensa em namorar
 Ela só quer
 Iô!ô!ô!ô!
 Ele só quer, hum!
 Só pensa em namorar
 Ela só quer
 Só pensa em namorar...

De manhã cedo
 Já está pintada
 Só vive suspirando
 Sonhando acordada
 O pai leva ao doutor
 A filha adoentada
 Não come, nem estuda
 Não dorme, nem quer nada...

- Conversando com a prof. tive conhecimento de que ela faz parte da comissão de bairro onde ela mora, e que ela e uns amigos estão querendo formar uma comissão mais forte, com outros bairros.

- Ela comentou ao conversarmos, que já foi presa política (por militares) ao falar sobre um aniversário de Bruna em que ela foi com a turma, disse que alguns familiares da menina são militares e que no dia da festa, que foi no MC Donald's, ela não conseguiu se aproximar muito de alguns parentes das meninas. Disse que foi educada, mas que preferiu ficar com as crianças, pois não se sentia bem com militares devido sua história.

- Ao se referir às crianças, em diversos momentos a prof. diz: -“Ei meu amigo! Assim não.” ; “Companheiro!” ; “Olha o companheiro está copiando.”Chama as crianças por apelidos carinhosos. (Teteu- Tatiane, Andreção- Henrique, etc)

Betânia é bastante carinhosa com as crianças, e as crianças com ela.

- Irão perguntar para as famílias algumas dúvidas que surgiram sobre a letra da música. A prof. grifa alguns trechos/palavras que deverão perguntar.

- Depois de copiarem a letra da música vão para a quadra fazer o pega-pega para formarem os pares.

- A turma está assistindo um documentário de Darcy Ribeiro – O povo brasileiro

- a prof. Anete, do outro 4º ano, veio hoje, várias vezes na sala da Betânia, perguntar o que fazer, o que falar pra turma dela pesquisar. A prof. Betânia mostra o que está fazendo com a turma, mostra o DVD do documentário de Darcy Ribeiro, empresta para ela. Mostra o caderno de uma das crianças, com as atividades que já fizeram.

11/06/2008

Quarta-feira 3º dia na sala

Roda de conversa

- Prof. dá os recados e são abertas as inscrições para as falas das crianças.

- Colocação na lousa do que acharam/perguntaram em casa sobre as palavras/trecho da música Xote das meninas, esta foi uma lição de casa, de ontem.

Na lousa:

Para casa:

1. *Gibão (o que é?)*
2. *decorar a letra do Xote das meninas*
3. *fazer a pesquisa da folhinha*

Na folhinha impressa para colarem no caderno:

- *Pesquisar a vida de Luiz Gonzaga.*
- *O que é Xote?*

- Contas de dividir (folhinha/tirinha de papel impressa)

As crianças resolvem as operações, os que terminam primeiro a prof. corrige o caderno, e estes sentam na mesa de correção (são duas carteiras no meio da sala) separado dos grupos e vão corrigindo as contas com os colegas que vão terminando.

- Recreio

- Ensaio da Festa Junina na aula de Ed. Física. Hoje é que eles tiram os pares no pega-pega. Alguns meninos não gostam das parceiras que o pegaram e reclamam, emburram, não querem dançar mais. A professora lembra que foram eles que tinham escolhido este jeito para parear e que agora não adiantava ter “barriga me dói”, ou seja, reclamar e tal.

Diz que por ela, eles sorteariam os pares, mas que eles sugeriram, votaram e escolheram este jeito.

Um dos meninos, o Marcelo (chamado por algumas crianças da escola de Fedô), fica sem par, fica chateado pois quer dançar, e me pede para dançar com ele. Eu digo que danço, mas só no ensaio, até arrarmos um par para ele. Ele fica bastante feliz e eu ensaio com ele.

Volta para a sala – fim da ed. física /ensaio

- Correção na lousa de algumas divisões da folhinha. A prof. chama as crianças para fazerem na lousa. Várias crianças resolvem as divisões pelo método curto, sem armar a conta de menos.

- Outra atividade de matemática. São listas, na folhinha impressa, de operações (adição e subtração). Cada listinha de operações (adição e subtração) tinha o nome de uma das crianças, e então as crianças iam pegando as listas, resolvendo em seus cadernos, conforme acabavam uma pegavam outra (como o nome de outro colega). Eram umas 6 listas, tinha a do Marcelo, da Letícia, do Gabriel, do Jackson, etc.

Na lousa

- Livro de português – p. 105-106

Ler o texto em casa

Os livros ficam no armário da sala e tem um pra cada um, são os livros distribuídos pelo governo.

[**referência:** Língua e linguagem. Eliana Garcia. 3ª série. Ed. Saraiva. 2ª edição, 2004.]

- Enquanto as crianças trabalhavam e a prof. ai orientando o trabalho delas, tirando dúvidas. Eu ajudava o Igor (aluno dito o “problema” da outra turma, ele veio para a sala da Betânia este ano). Pelo a Betânia me disse, Igor era indisciplinado, não tinha um comportamento tranqüilo na outra turma, assim como o Marcelo (fedô). A antiga prof. dos meninos dizia que eles atrapalhavam a turma toda, que eram o problema da turma. Igor não sabe ler, nem escrever, e tem muita dificuldade com operações básicas. Ele soma, conta, depois junta e conta novamente, com pedrinhas que Betânia tem no armário.

[- Material coletivo - no armário da sala tem potes com alguns lápis de cor, canetinha, borracha e cola.]

- Almoço no refeitório da escola com a Betânia e a Valéria diretora. Conversa sobre a privatização da Ed. Infantil (as naves mães), ambas acham esta política uma perda imensa para a educação. Valéria fala que esta é uma política privatista, neoliberal, ao comentar sobre as naves mães. Comenta que a escola pública não tem apoio, que para fazer as coisas é difícil. Comenta que precisou comprar 2 computadores (um para a secretaria e outro para a direção). Disse que precisava ligar de um jeito especial lá os computadores, e que alguém ligado à prefeitura tinha que fazer isso. Disse que ligou para a pessoa responsável por isto, e que a pessoa disse que ela teria que levar os computadores até um lugar pra fazer isto. Ela diz que não concorda em ter que levar os

computadores, redige um documento questionando isto, até que consegue que a pessoa vá até a escola, a pessoa vai pega uma máquina só e leva. Então, a diretora me diz:
 - “Tá vendo? Agora eu não sei quando que o rapaz vai devolver a máquina e buscar a outra. Tudo é difícil na escola pública.”

12/06/2008

4º dia na sala - Quinta-feira

Roda da conversa

falou-se sobre:

- questão da inclusão, como se comunicar com as crianças especiais que estão na escola. Questão dos sinais.
 - Alexia traz um periquito australiano para escola e coloca ele no centro da roda para a turma ver. Várias crianças na sua vez de falar comentaram ou contaram histórias sobre animais.
 - Uma das crianças (Gabriel) falou de um acidente que viu pela manhã, a professora falou sobre a curiosidade mórbida humana e que não é para crianças ficarem parando e vendo acidentes. Que tem muito tempo na vida para verem as coisas tristes.
 - Luis Guilherme diz que viu um acidente de avião ontem, a professora propôs que mais tarde pegassem o jornal que chega na escola para ver se aparecem alguma notícia.
 - Voltam aos grupos, nas carteiras.
- Na lousa:
 Campinas.....

Pesquisa sobre Luiz Gonzaga

(Quem não conseguiu pesquisar copia da lousa o que o amigo achou.
 Crianças vão colocar o que encontraram na lousa.)

*Luiz Gonzaga nasceu em Exu, Pernambuco em 13 de dezembro de 1912. Foi um compositor popular. Aprendeu a ter gosto pela música ouvindo as apresentações de músicos nordestinos em feiras e em festas religiosas.**

(a professora pede para a aluna que estava escrevendo parar ali para que outra criança pudesse também contribuir com o que pesquisou. Ela chama o Marcelo, que está aprendendo a escrever agora)

O Luiz Gonzaga era cantor e o filho dele era cantor também. Ele se chamava Gonzaguinha.

(Marcelo escreveu o que pesquisou em casa, disse que perguntou para a sua mãe, ela falou e ele escreveu como sabia na lousa, do seu jeito. Depois a professora foi com ele arrumando, ajudando ele a concertar. Quando algumas crianças, ao ver os 'erros' do Marcelo na lousa, falavam está errado, não é assim, a professora dizia, mas ele está aqui para aprender, se ele não tivesse que aprender não estaria aqui).

(Vejo poucas situações na turma em que as crianças ficam tirando sarro ou desfazendo umas das outras, e quando isso acontece a professora chama atenção e é bastante rígida deixando claro que não gosta e que não é legal fazer isto. – história do André e da Kamila.)

** Migrou para o sudeste e começou então a compor chamegos (ritmo nordestino). Os primeiros foram "Pé de serra" e "vira e mexe". Tocava sanfona e usava um chapéu de couro no estilo Lampião.*

- Cada criança leu um trecho da pesquisa.

[As crianças convidam a professora para ir em festas. Uma menina da turma a chamou para ir ao seu aniversário. Os pais dos gêmeos – a chamaram para ir à uma festa junina na casa deles.

As crianças ligam na casa para perguntar sobre a tarefa de casa. A Dani mesmo ligou ontem para ela para saber se podia levar a pesquisa que imprimiu, ou se tinha que copiar. A professora disse que podia levar impressa, mas que era para ela ler.]

Recreio

Ajudei na numeração das rifas. Sorteio para os organizadores.

Rifa { Matias
Alê

- Produção de texto em folha de fichário
- Professora entrega uma tirinha em quadrinhos para cada criança e diz para eles que a historinha é de um 'autor' americano muito bom. E completa: tão vendo....americanos não fazem só coca-cola, fazem coisas boas também.

Na lousa

Escrever um texto

- inventar uma história
- colocar um título

A professora diz para as crianças imaginarem o lugar onde a história se passa, as cores. Diz que trouxe esta tirinha, já que haviam visto a música xote das meninas e comentado que as meninas nesta idade pensam em namorar.

A professora levará os textos para casa para ler.

Lousa:

- orientação: colar a tirinha que receberam no caderno

Armar e resolver:

18x9/ 54:2 / 63:9/ 92x4/ 824:2/ 108x3/ 315:5/ 70:5/

13/06/2008

5º dia na sala Sexta feira

Após o recreio

Cheguei um pouco antes do intervalo e fiquei esperando do lado de fora da sala para não entrar no meio da aula e atrapalhar/causar tumulto.

- Quando saíram para o recreio, vieram até mim perguntaram porque eu estava lá fora. Algumas meninas me abraçaram e me deram um beijo. Betânia me cumprimentou e disse que o Igor, menino que eu auxiliei durante minhas observações, havia perguntado de mim.
- Após o recreio fomos para sala e eu perguntei se a professora queria que eu ajudasse o Igor, ela disse que sim e que havia preparado um material específico para eu trabalhar com ele. Me coloquei a disposição e ajudei o Igor o período todo depois do recreio.

As atividades eram referentes/baseadas na produção de texto feita no dia anterior a partir da tirinha do gato. Eu havia ajudado o Igor a escrever o texto ontem e hoje o ajudei a escrevê-lo novamente só que em letra manuscrita, além de outras atividades, que trabalhavam com as palavras do texto produzido por ele. Percebi que hoje ele já demonstrou um pouco menos de dificuldade na leitura das palavras do que ontem.

- Enquanto eu ajudava o Igor a turma realizava outras atividades. Antes do recreio trabalharam com um texto sobre o desmatamento da Amazônia. Depois, fizeram uma lista de operações matemáticas.

Enquanto as crianças trabalham a professora fica passando/circulando pelos grupos e tirando dúvidas, auxiliando e explicando o que eles perguntam.

A relação da professora com as crianças é bastante carinhosa, de respeito de ambas as partes. Betânia transmite, valoriza e dá importância ao que as crianças trazem falam e sugerem.

As crianças já venderam quase todas as rifas da abóbora para pagarem o passeio ao monumento da venda grande.

- No final do dia de hoje, meia hora antes de bater o sinal da saída a turma foi para a quadra treinar queimada. A professora treina as crianças toda Sexta, pois haverá um campeonato de queimada. Betânia apita o jogo, orienta as crianças, lembra as regras do jogo e fala da importância de se fazer estratégias.

A professora disse para mim que ela acha esta atividade muito importante para as crianças, para elas se soltarem, melhorarem o relacionamento em grupo, pensarem estratégias. Alguns que são mais fechados e que participam pouco na sala de aula, como a Beatriz, se destacam durante o jogo, no esporte de modo geral.

- Quando termina a aula peço para a Betânia para levar o caderno de alguma criança para casa. Ela pergunta para algumas crianças que ela acha que tem tudo no caderno, se estão com o caderno velho, ou se começaram o caderno novo. Bruna que estava com o caderno antigo (que tinha tudo desde o início do ano) me empresta seu material.

(As crianças usam um único caderno para todas as atividades, só tem um caderno separado para educação artística. Elas não tem aulas separadas e a professora não fala “isso é história, isto é geografia”, apesar de trabalhar textos de história – o combate da venda grande - e mapas da região de Campinas.)

A biblioteca da escola fica fechada e eu nunca vi as crianças irem lá retirar livros, e nem mesmo lerem livros ou gibis na sala. A sala não tem material disponível para as crianças escolherem e lerem quando quiserem. Geralmente eles fazem leituras de textos sobre algum assunto mais específico que está sendo trabalhado, ou então, algum texto do livro didático de português que fica no armário da sala.

16/06/2008

Segunda feira – 6º dia na sala

- Roda de conversa

Assuntos:

Muitos contam o que fizeram no final de semana

- Professora ganha uma flor de uma das meninas, faz comentários e levanta uma questão sobre a flor. Ela pergunta: Será que esta florzinha já foi fecundada? Por quê?

Alguns dizem sim, outros não, e uma criança diz que sim, pois a semente estava dentro do canudinho (vagem).

- Leitura de texto Rio Amazonas.

A leitura é silenciosa primeiramente e depois em voz alta, cada trecho uma criança.

A professora coloca na lousa:

1º) Parágrafo:

1. desemboca:
2. Afluentes:
3. Imenso:
4. A certa altura:

(a professora coloca na lousa as palavras que a turma vão falando que não compreenderam durante a leitura. As crianças pegam os dicionários e vão procurar os significados).

Recreio

- Algumas crianças vão até a Betânia perguntar e mostrar aquilo que vão encontrando no dicionário.

Educação física – Ensaio da dança xote das meninas e depois queimada.

- Após a colocação dos significados das palavras na lousa Gustavo Henrique vai até a lousa pois quer ensinar uma maneira de dividir diferente. O pai do menino que o ensinou viu na televisão. Este jeito de dividir só dá certo com a divisão por 5. A professora diz vamos tentar fazer com outro número, tentam e verificam que não dá para fazer.

Outro menino pede para ir a lousa ensinar um outro jeito de dividir. Ele escreve:

$$\begin{array}{r|l}
 805 & 5 \\
 - 500 & 100 \\
 \hline
 305 & 50+ \\
 - 250 & 11 \\
 \hline
 055 & 161 \\
 - 55 & \\
 \hline
 00 &
 \end{array}$$

Este jeito de resolver a professora conhece. O menino não consegue chegar ao resultado correto, a professora vai o ajudando juntamente com a turma. Ela diz que gosta desse jeito de fazer, que este é o jeito estatístico e que com ele não tem como errar.

Geovani vai ensinar a tabuada com os dedos para a turma. Ele não consegue. Eu ensino pra turma a tabuada do nove com os dedos.

- Fiquei novamente ajudando o Igor hoje.
Almocei a comida da Escola.

Participei do TDC.

Reunião do TDC:

- Assuntos

Manter as carteiras limpas

Fazer listagem de material

Não aprovação pela secretaria da educação do projeto biblioteca. A diretora fica abismada com isso, chama os professores, o conselho da escola para fazerem um abaixo assinado dizendo a importância da biblioteca. Ela diz “a gente tem que pressionar”. “A ação é conjunta mesmo”.

Discutem sobre a festa junina, a questão das comidas. O que cada sala vai trazer.

Longa discussão sobre a questão das filmadoras.

Comenta-se sobre a conversa tida com um pai de aluno que chega tarde em casa e diz que fica na escola.

Terminada a reunião esperei as crianças e a professora até as 3 horas para o passeio ao teatro no centro de convivências. O teatro – Corpo Fora – foi gratuito.

Durante o TDC os participantes falaram sobre a falta de espaço da escola. A professora do primeiro ano fala sobre o parquinho, que elas gostariam que tivesse. (a escola não tem brinquedos, não tem parque. Só tem a quadra que é razoavelmente grande.)

- A biblioteca, que também fez parte da pauta de reunião do TDC, precisa ser reformada. Precisa também de uma pessoa que fique trabalhando nela, organizando o material, os empréstimos e devoluções de livros. A maioria dos professores não usufruem da biblioteca, pois não tem alguém que cuide da retirada de livros. Alguns fazem um esquema para que seus alunos retirem livros, mas quando os livros são devolvidos nos seus devidos lugares.

O espaço da biblioteca não é muito grande, mas também não é pequeno. Há bastante livros porém abriga material do almoxarifado, por exemplo: tem um gaveteiro de papéis, caixas de material matemático. Neste mesmo espaço acontecem as reuniões de professores e outros trabalhos realizados. A biblioteca está praticamente abandonada e é muito pouco usada.

- Durante as reuniões, e também em outros momentos, foi possível perceber que para a grande parte das crianças da escola as aulas de educação física, e/ou a atividade de esporte oferecida duas vezes por semana a tarde, são uns dos únicos momentos e espaços de divertimento, lazer das crianças. A não ser que sejam oferecidos através da escola, as crianças não fazem aula de música, dança, teatro, futebol, etc. como muitas das crianças das escolas particulares fazem.

17/06/08

7º dia na sala – terça-feira

Roda de conversa

- Conversa sobre o espetáculo de ontem
cada criança faz um apontamento/ observação sobre o passeio

A professora anota em uma agenda, diariamente, as rodas de conversa.

Aula de Educação Artística

Professora Betânia pediu para que eu levasse uma proposta de atividade que ela havia feito para as crianças fazerem na aula de artes. Era para as crianças desenharem uma cena do espetáculo e dar um título.

50 minutos de aula

- conversa com Betânia sobre o porque ela não participa das aulas de Educação Artística

Para casa

- colar a folhinha
- anotar alguma coisa interessante

Acompanhar os noticiários para voltarmos ao Kassatu Maru
folhinha impressa entregue pela prof^a.

Betânia me explica que haviam iniciado este assunto, mas que não o haviam fechado ainda. Começaram o assunto, pois a proposta para a turma neste ano era trabalhar com a nossa formação, com a vinda dos imigrantes (italianos, portugueses e japoneses).

Ela diz que havia pedido para que as crianças perguntassem em casa e trouxessem para contar para a turma, sobre a origem familiar de cada um/sobre a descendência.

Um dos alunos, segundo ela, não quis trazer nem anotar nada sobre a sua família, ela dizia que sua família era de “Zé Ninguém” e que ela não tinha nada para contar.

Foi a partir disto que a prof^a começou a trabalhar com o documentário de Darcy Ribeiro – O povo brasileiro, que trata do assunto.

A prof^a distribui uma folha com uma lista de tabuadas para a turma resolver. Eles devem anotar o momento de início, e o momento em que terminam. Calcular e anotar o tempo que gastaram para fazer.

As crianças se entusiasma e começam a fazer no mesmo instante. A sala fica bastante silenciosa, até que alguns começam a terminar a tarefa. A prof^a, em uma carteira no centro da sala, chama aqueles que terminaram, corrige a atividade deles (uns dois ou três meninos) e os orienta a irem corrigindo/conferindo a tarefa com quem vai acabando. O que tem a tarefa corrigida, vai falando os resultados em voz alta para os outros irem conferindo os seus resultados, em grupinhos. Neste momento a sala faz mais barulho.

Na lousa:

(orientação para observação dos painéis que estão nas paredes do refeitório da escola)

Bacia do Anhumas

1º) Observar muito bem os painéis sobre o Anhumas;

2º) Escolher um painel e:

- marcar o seu número;
- escrever o título;
- justificar a escolha.

Ao copiar, uma das meninas pergunta porque a prof^a acentuou painéis e painel não.
A prof^a explica a regra e cita outros exemplos.

Papel - papéis

Anel - anéis

continuação da roda de conversa

- comentários e perguntas são feitos

Bruna: - “Quem inventou o trânsito?”

Gustavo Mauricio disse que ficou entediado, pois não entendia nada. Achei que o teatro fosse daqueles legais que eles falam.

Matias achou que era uma cobra as duas moças no chão.

Leticia diz que quando as dançarinas estavam com a fronha colorida pareciam casulos e quando saíram e ficaram de preto pareciam borboletas. Tirei fotos, peguei autógrafos.

Roda:

As crianças fazem, silêncio durante a roda. Quando começam a falar umas com as outras, em paralelo, a professora risca seu nome das inscrições, e esta pessoa não fala, pois não ouviu. Mas, isto não é muito freqüente.

- Betânia diz, ao ver uma das meninas tirando “sarro” da outra que estava falando na roda: - “Eduarda, a gente para falar na roda tem que ter coragem! Pois, nem sempre as pessoas vão ouvir/respeitar o que é falado.”

Fim da roda – 09:24 h – As crianças arrumam as cadeiras nas mesas em grupos.

Na lousa:

Campinas, 17 de junho de 2008.

Dia de sol e frio no bairro _____.

E.M.E.F. _____

Nome

Rua.....nº

09:30 h – toca o sinal do recreio

passa um tempinho e as crianças continuam copiando, não saem correndo, até que um aluno diz: - “Professora tocou o sinal” e ela diz: “To sabendo”, abre a porta e eles saem.

Volta recreio – 09:50 h

- Professora conversa sobre o passeio de amanhã e diz: “nós arrecadamos (R\$ 34,00) 34 reais para pagarmos o ônibus, se o valor do ônibus era (R\$ 2,00) 2 reais. Então, quantas pessoas pagaram o ônibus? Que conta eu tenho que fazer para saber?

Alguns dizem: de mais, de menos e alguém diz de dividir!

A profª diz: -“Isso!” e faz a conta na lousa

Então 17 pessoas pagaram

- Conversa sobre o lanche que levarão no passeio e frisa bastante, várias vezes, que o lanche levado deve ser dividido para todos. Que quem levar um lanche ‘chique’, sofisticado terá que repartir com os colegas. A profª diz também que eles não devem levar ‘porcarias’, salgadinhos de isopor. Que é para levar coisa saudável.

Ela diz que a língua portuguesa é cheia de regras. Explica que a regra é : toda vez que substitui-se o *el* Poe *éis*, coloca-se o acento.

As crianças vão saindo de pouco em pouco (3 em 3) para observar.

A profª diz: - ‘atendendo a pedidos... umas bem cabeludas’. E coloca na lousa:

Armar e resolver:

87:3

51:3

45:3

48:3

69:3

49:4

36:4

87:4

92:4

96:4

Algumas crianças perguntam: - “Professora, pode usar a tabuada?” A professora responde: - “Você sabe, eu preferia que não. Faz no braço. Tem que fazer no braço!”

A profª lembra que eles podem fazer o processo curto.

As crianças que vão terminando, mostram para a professora e depois vão colocar na lousa.

Marcelo vai à lousa espontaneamente

87:3

A profª vai com ele a lousa e pergunta – se eu tiver 8 mexericas para dividir por 3 meninos vai dar? Quantas? Quanto será que dá para cada um?
E assim vai explicando para ele.

Tiago

51:3

A profª pergunta para a turma: - “Ele acertou?” E quem mais acertou?” Alguns levantam a mão.

Letícia

George

45:3

48:3

Durante a correção, Betânia chama Gabriel e a Bruna, que sentam na mesma mesa e estavam se desentendendo, lá fora para conversar com eles. Ela volta logo e deixa eles conversando lá fora.

23/06/08

2ª feira – 8º dia na escola

Roda

- Leitura de um trecho do livro de Ricardo de Azevedo

A leitura prosseguirá pelos outros dias até o fim da história. A história é de medo/suspense.

As crianças gostam bastante da história e pedem que a profª continue lendo.

- Conversa sobre o que viram no Globo Rural referente ao desmatamento da Amazônia. A turma vem estudando isto.

As crianças vão falando o que viram sobre o assunto, e também alguma outra coisa que querem falar. Contam coisas que fizeram no final de semana, o que viram o que aconteceu.

* Uma aluna pergunta: - “Como que Deus nasceu?”

As crianças dizem: “Ai,ai,ai... Isso vai longe”. O outro: “Ela quer te ferrar!”

A profª diz: - Pessoal este é um assunto longo, mas que a gente pode encarar. Vamos pendurar este assunto na nossa sacolinha, no lugar dos assuntos que ainda iremos tratar. Ta bom?

- Surgem vários assuntos, a profª precisa ir priorizando o que vai trabalhar.

- Em um dos dias em que eu não vim à escola surgiu o assunto de camisinha, as crianças ouviram no teatro que fomos, uns meninos mais velhos gritaram para as dançarinas/artistas: -“Tem camisinha?” - Algo assim.

A profª avisou hoje para a turma que irá retornar este assunto, disse que irá ver com a diretora se a escola tem algum documentário sobre prevenção de doenças, gravidez.... Disse também que irá procurar saber se no posto de saúde tem alguém que possa vir dar uma palestra sobre o assunto para turma.

Assuntos (alguns)

- tamanho do ovo de Calopsita
- gelo em marte/nave espacial
- avião que caiu nos Andes
- Deus

→ Igor conta que o pai dele levou uma bolada e quebrou o braço, está internado e vai colocar pino. A profª valoriza bastante o que o garoto conta, pede detalhes, explicações, vai questionando. Acho que ela irá produzir algum material para trabalhar com ele – leitura e escrita, a partir do que ele trouxe.

- suborno na Amazônia
- Aniversario da Dani. Elias pergunta porque a profª não foi no aniversario. A profª explica.

No mesmo dia à noite ela foi à festa junina na casa dos gêmeos Matias e Gabriel. Levou a Marina, uma outra aluna da sala, e a irmãzinha da Marina.

- Sorteios para ver quem vai coordenar a barraca do milho verde na festa junina da escola.

- fim da roda, as crianças vão para as mesas nos grupos.

Campinas, 23 de junho de 2008.

Dia friorento e de sol no bairro _____.

E.M.E.F. _____

João Ricardo...

Estrada do _____

Bairro _____

1º ano a do ciclo II

- Marcação do calendário

- Havia operações com frações na lousa, era da outra turma que usa a sala à noite. Um dos alunos, o Giovani, perguntou para a profª sobre o que ele viu na lousa. A profª explicou para ele, mostrou o m.m.c como fazia. Depois ela falou para a turma que o que estava na lousa era fração. Explicou usando giz, dividiu o giz em três pedaços, deu 1 para uma aluna e disse: Eu dei para ela $\frac{1}{3}$, um pedacinho de 3.

- leitura do texto: Minha mãe está gorda

- Tenho escrito a partir de uma fala na roda, Elias contou sobre a gravidez de sua mãe. Profª organiza, redige imprime o texto que entrega para a turma.

Recreio

Educação Física

- A aula de Educação Física foi uma parte lá fora (na quadra), depois a turma teve que entrar na sala, pois começou a chover. O prof de Educação Física fez jogo com eles sentados em grupo.

Barraca do milho

Coordenadores: Giovani, Eduarda, Teteu e Marcelo

Festa junina: 9h – 08/06/08

Na lousa - Texto coletivo

INVERNO:

(Socialização das informações que encontraram nas pesquisas, as crianças estão lendo suas pesquisas e a profª vai escrevendo/formando um texto na lousa).

No dia 20 de junho foi o fim da estação do outono e início do inverno.

O inverno dura três meses, como todas as estações do ano.

Essa estação é caracterizada por frio intenso, geadas e até neve em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

*(Profª pega o mapa do Brasil para mostrar para as crianças os estados do sul do país).
Comemos sopa no inverno, vestimos roupas de lã blusas quentes, luvas, toucas, meias,
calçados fechados e cachecol.*

- Vão assistir a ecografia do irmão do Elias hoje. A mãe dele mandou o DVD.

24/06/08

3ª feira 9º dia na sala

07:30 h

Roda

- Continuação da leitura
- crianças se inscrevem e falam

Voltam aos lugares, nas mesas.

08:30 h

- Texto para ser trabalhado com o Igor. Atividade específica para ele, a profª escreveu a partir da fala dele de ontem na roda. – sobre o pai que quebrou o braço.

Na lousa:

Para casa

1 A mamãe/papai/vovó/ escrevem na folhinha sobre o que pensam da pergunta.

Para casa – 24/06/08

Estamos acompanhando a gestação do irmãozinho do Elias.

Peço que ajudem a responder as perguntas das crianças:

Como Deus nasceu?

.....

2 Você esta sentindo alguma diferença entre o inverno deste ano e o inverno de 2007?

Inverno:

Na noite passa da a temperatura caiu para -4 grau centígrados (quatro graus centígrados abaixo de zero) no estado de Santa Catarina, na região sul.

(A profª desenha um termômetro e fala um pouco sobre, diz que é como se fosse uma régua. Mostra a marcação e fala sobre o abaixo de zero, o (-4). As crianças participam, falando).

Lista de contas de dividir. A profª distribui tirinhas (1 para cada) impressas com 40 contas, a listinha de hoje leva o nome do Jackson.

Recreio – 09:30 às 09:50 h

A profª pede para de preferência eles não usarem tabuada. A maioria usa. Muitas crianças fazem o processo curto. Alguns vão terminando e pegando outra folhinha, agora de tabuada. Tem mais duas folhas de tabuada, cada uma com 160 tabuadas. As crianças marcam o horário que iniciam e que terminam de resolver as tabuadas. Segundo a profª este é um desafio da criança, de cada um com ele mesmo, não com os outros. É para eles superarem à eles mesmos. Pelo que pude presenciar, as crianças não ficam comparando seus tempos. Mas tem alguns (dois ou três) que se destacam, terminam 1º, não usam tabuada para resolver as operações de dividir.

A profª corrigiu as divisões no caderno dos que vão terminando primeiro e diz para eles montarem a mesa de correção no centro da sala. Para esta mesa vão as crianças que já estão com as contas corrigidas e os que vão terminando. As crianças conferem entre si os resultados.

Hoje a turma não teve Educação Artística, a professora Vivian faltou. (lembrei dos livrinhos que fizeram, a avaliação do fim do ano passado).

25/06/08

4ª feira - 10º dia na sala

- Professora substituta hoje.

- Betânia não veio, em avisou ontem que teria uma auditoria/audiência em Brasília hoje e amanhã. Será um julgamento sobre a época em que a Betânia foi anistiada?

- Fizemos a roda como de costume. Eu terminei a leitura da história, do conto de Ricardo de Azevedo, da série para gostar de ler.

- Abria as inscrições

-As crianças se apresentaram para a profª substituta.

30/06/08

2ª feira – 11º dia na sala

Cheguei aproximadamente 10 hs

- Projeto anhumas – Apresentação do projeto. Vera do IAC
Bacia do Anhumas

As crianças não conheciam, conheciam pouco, não são familiarizados com a apresentação em Power Point.

- Apenas essa turma participou da palestra. Pareceu-me que foi a orientadora pedagógica, ou a diretora quem fez esta escolha.

- Orientados pela profª as crianças preparam questões para fazerem para a palestrante. As crianças escolheram o que queriam perguntar a partir do que haviam nos painéis no pátio, e do que já sabiam. A turma preparou as perguntas na sexta-feira, e hoje se organizaram para ver quem faria as pergunta 1º, 2º 3º. Escolheram a ordem em que seriam feitas as perguntas.
- Eles assistem à palestra, perguntam, as vezes se agitam. A profª chama a atenção muitas vezes com o olhar.
- Logo no inicio da palestra a palestrante perguntou:
 - O que vocês entendem por meio ambiente?Falaram em árvore, animais, plantas. Só uma criança incluiu-se, incluiu o homem no ambiente.
- As crianças ficam ansiosas para fazerem suas perguntas. Começam a fazer algumas, mas não dá tempo para a maioria fazer suas perguntas que haviam formulado.
- Toca o sinal e termina o período de aula.